

CARLOS ALBERTO DE SOUZA

Afinidades e Diferenças entre Elio Vittorini em  
*Conversa na Sicília* e João Cabral de Melo Neto em  
*Morte e vida severina*

FORTALEZA – CE  
2005

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

CARLOS ALBERTO DE SOUZA

Aluno do Programa de Pós-Graduação em Letras (Literatura Brasileira) do  
Departamento de Literatura da Universidade Federal do Ceará

Afinidades e Diferenças entre Elio Vittorini em  
*Conversa na Sicília* e João Cabral de Melo Neto em  
*Morte e vida severina*

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras (Literatura Brasileira) do Departamento de Literatura do Centro de Humanidades da Universidade Federal do Ceará em cumprimento às exigências para a obtenção do título de Mestre em Letras (Literatura Brasileira), sob a orientação da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Odalice de Castro Silva.

FORTALEZA – CE  
2005

**Afinidades e Diferenças entre Elio Vittorini em *Conversa na Sicília* e João Cabral de Melo Neto em *Morte e vida severina***

---

CARLOS ALBERTO DE SOUZA

Aprovada em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Banca Examinadora

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Odalice de Castro Silva  
UFC

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Vera Lúcia Albuquerque de Moraes  
UFC

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Lívia Márcia Tiba Rádis Baptista  
UFC

À  
Minha mulher, grande companheira e  
incentivadora de todas as horas, e aos meus  
filhos Raffaella, Giancarlo e Gianvito que  
muito se empenharam junto a mim para a  
realização deste trabalho.

## Agradecimentos

A Deus, em primeiro lugar, pela vida, pela coragem e perseverança empreendidos neste trabalho.

Aos meus pais, timoneiros da minha formação pessoal, acadêmica e familiar. Pela grande lição de vida.

À minha mulher e aos meus filhos pela paciência, amor e dedicação demonstrados ao longo deste árduo trabalho, que tão bem souberam suportar a minha ausência em muitas ocasiões.

Ao Prof. Dr. Sebastião Teoberto Mourão Landim, pelo incentivo para a conclusão deste Curso de Pós-Graduação.

À Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Celina Fontenele Garcia, pelo estímulo, bondade e desprendimento demonstrados ao longo deste período, colocando toda a sua biblioteca à minha disposição.

À Prof<sup>a</sup> Elvira Drummond, pela presteza em oferecer seus livros para esta pesquisa.

À Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Lucia Sgobaro Zanette, pelo incentivo e apoio para o reinício dos estudos e conclusão deste Mestrado.

Aos colegas do Departamento de Letras Estrangeiras da UFC, pelo apoio ao longo desta pesquisa.

Aos colegas do Mestrado em Literatura, pela convivência harmoniosa e agradável.

Às amigas Cícera Gilvani de Luna e Isabel Larissa Lucena, pelo carinho e atenção demonstrados no scanear algumas fotos deste trabalho.

À amiga Keila Vieira, pelo valoroso trabalho de formatação desta Dissertação.

Ao amigo Luiz Sérgio Souza da Costa, pela orientação computacional e digitação de algumas partes desta Dissertação.

Aos Professores do Programa de Pós-Graduação em Letras (Literatura Brasileira), pelos sábios ensinamentos que me foram repassados.

Ao amigo Prof. Marcus Vinicius Fontes Dodt, pelo incentivo ao longo da execução desta Pesquisa e pela tradução do seu resumo.

Às amigas Profa.s Maria José Santa Rosa e Celina Soares Chagas, pelo incentivo e carinho sempre presentes.

Aos amigos do Circulo Verde do XXII Encontro de Casais com Cristo da Paróquia de São Gerardo, pelo incentivo e pela compreensão que demonstraram ao entenderem as minhas ausências durante a realização desta Pesquisa.



Em Especial

À Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Odalice de Castro Silva, pela paciência e valorosa orientação, dedicação e firmeza ao longo da escrita deste trabalho.

*É postulando o impossível que o artista  
alcança todo o possível.*

(Goethe)

## RESUMO

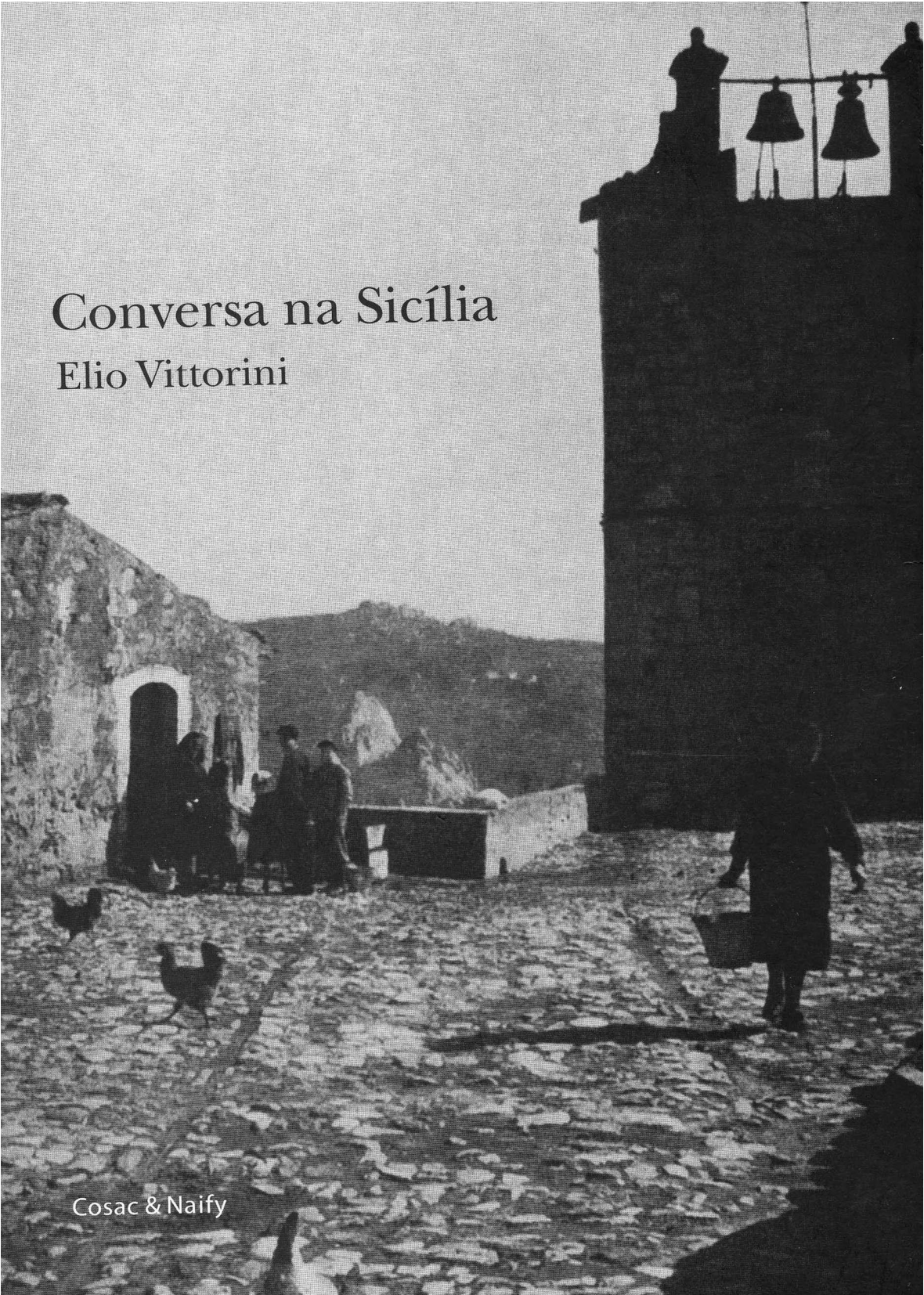
Este trabalho visa estabelecer um confronto entre o romance *Conversa na Sicília de Elio Vittorini* e o poema Auto de Natal Pernambucano *Morte e vida severina* de João Cabral de Melo Neto, tentando identificar os elementos que caracterizam as afinidades e as diferenças entre ambos, vez que as duas obras têm como pano de fundo a região de origem dos escritores, ou seja a Sicília, no sul italiano e o nordeste brasileiro (Pernambuco) respectivamente, na tentativa de trazer à baila suas características sócio-culturais e o *modus vivendi* de sua gente massacrada pela ideologia dominante. Na tentativa de analisar as aproximações e as diferenças entre os dois autores em questão, procedeu-se ao exame da linguagem, das questões temáticas e ideológicas que possibilitaram a observância da estratificação social e cultural presente nas duas obras em apreço. Para tal, tomou-se por base a proposta teórica do tcheco Dionys Durisin por ser ele, entre os teóricos modernos, aquele que considera que a literatura comparada tem por objetivo a comparação do fenômeno literário versus fenômeno histórico sem levar em conta sua história específica. Tal estudo possibilitou uma visão aprofundada do poema Auto de Natal Pernambucano *Morte e vida severina* de João Cabral de Melo Neto, do ponto de vista comparativo, levando em conta as contingências culturais, econômicas, sociais e políticas nordestinas versus aquelas de Vittorini na Sicília, o que poderá despertar a curiosidade pela leitura da obra traduzida de Vittorini, e também contribuir para o acesso ao mundo de outra cultura, o que não deixa de ser uma função humanística da literatura comparada, além de ajudar a compreender os processos de construção de identidade entre as duas Literaturas: a brasileira e a italiana, tomando, como ponto de partida, a literatura regionalista, de acordo com o pensamento de Ana Pizarro.

## ABSTRACT

This study draws a parallel between the novel *Conversation in Sicily*, by Elio Vittorini and the Christmas Auto *Morte e vida severina*, by João Cabral de Melo Neto having as its scope the identification of the factors that establish similarities and distinctions in them, considering that both works use as a background the respective regions where their authors were born –Sicily, in Southern Italy and Pernambuco, a state inserted in the northeast of Brazil. The central focus of the analysis is an attempt to lay stress upon the socio-cultural features and upon the local lifestyle, deeply related to the domineering local ideologies. With a view to investigating the similarities and distinctions between the authors in focus, an assessment of major issues such as language, subjects and ideology was carried out so as to ensure the observation of a socio-cultural stratification which impregnates the two literary works. To that specific end, the premises of Dionys Durisin were the source of support used, once Durisin, amongst modern theorists, postulates that comparative literature has as its objective the comparison of the literary phenomenon versus the historical phenomenon regardless of its specific history. The present study warranted a deep view of the Christmas Auto *Morte e vida severina* of João Cabral de Melo Neto, from a contrastive stand, pointing out the cultural, economical, social and political contingencies as contrasted with those envisaged by Vittorini, in Sicily, what may foment an interest in translated versions of Vittorini's narrative and encourage the contact with a different cultural environment, a humanistic function inherent to comparative literature. It is also worth mentioning that a comparative analysis also favors the understanding of the processes of construction of identity in relation to the Brazilian and the Italian Literatures having as a starting point the regional literary expression ,according to Ana Pizarro's assumptions.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	14
LEITURAS PARA UMA COMPREENSÃO DE ELIO VITTORINI E JOÃO CABRAL DE MELO NETO .....	25
1. SIMILITUDES E DIFERENÇAS ENTRE <i>CONVERSA NA SICÍLIA</i> E <i>MORTE E VIDA SEVERINA</i> .....	31
2 A DESESPERANÇA, A RESIGNAÇÃO E A IMPOTÊNCIA: TEMAS DE <i>CONVERSA NA SICÍLIA</i> E <i>MORTE E VIDA SEVERINA</i> .....	63
3 A PAISAGEM – TRAÇOS CULTURAIS CARACTERÍSTICOS DO SUL DA ITÁLIA E DO NORDESTE BRASILEIRO .....	99
CONCLUSÃO .....	128
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	133
CRÉDITOS DAS ILUSTRAÇÕES .....	139

A black and white photograph of a Sicilian courtyard. In the foreground, a cobblestone path leads towards a group of people gathered near a stone building with an arched doorway. To the right, a tall, dark bell tower stands prominently, with two large bells hanging from its top. The scene is set against a backdrop of hills and a clear sky. The overall mood is quiet and traditional.

# Conversa na Sicília

Elio Vittorini

Cosac & Naify

# MORTE E VIDA SEVERINA

E OUTROS POEMAS EM VOZ ALTA

15ª EDIÇÃO



JOÃO  
CABRAL  
DE MELO  
NETO

LIVRARIA JOSÉ OLYMPIO EDITORA





(Fichi d'india, de Guido Bugli)



## INTRODUÇÃO

Elio Vittorini é um dos famosos escritores italianos do século XX e é considerado pelos críticos um dos precursores do neo-realismo italiano que se afirma, particularmente no decênio compreendido entre 1940-1950<sup>1</sup>. Em sua narrativa, podemos presenciar uma realidade social precária e em *Conversa na Sicília*, publicado em 1941 pela editora Bompiani de Milão temos a oportunidade de assistir a um regionalismo com características universais, vez que trata do ser humano relegado às intempéries tanto do próprio homem que não trata seus semelhantes com o devido respeito, como da natureza dura e áspera, deixando o “homem”, no dizer do próprio Vittorini, “transcorrer uma humanidade miserável e embrutecida, doente e derrotada, vítima do mal que ofende o mundo, da dor universal reconhecida nesse ângulo acidentado e quase sem vida da Sicília ... que poderia ser a Pérsia, ou a Venezuela ou qualquer lugar, sob qualquer latitude, onde quer que um homem tente oprimir um outro homem.”<sup>2</sup>, daí as características regionais alcançarem uma generalização de feição universal.

O *modus vivendi* no interior da Sicília, em termos de progresso e qualidade de vida é muito semelhante ao da nossa realidade nordestina. Eis o porque do nosso interesse em elaborar tal trabalho comparativo entre Elio Vittorini e João Cabral de Melo Neto, pelo fato de ambos descreverem o

---

<sup>1</sup> RICCI, Carlo e SALINARI, Carlo. *Storia della Letteratura Italiana (con antologia degli scrittori e dei critici)*. Roma-Bari: volume terzo, tomo secondo, Editori Laterza, 1981, p.1357.

<sup>2</sup> “...scorre così un’umanità misera e abbrutita, ammalata e sconfitta, vittima del male che offende il mondo, di quel dolore universale riconosciuto in questo angolo aspro e spento di Sicilia che... potrebbe essere Persia o Venezuela o ovunque sotto ogni latitudine, ovunque dove un uomo tenti di sopraffare un altro uomo.” Apud DE NICOLA, Francesco. *Introduzione a Vittorini*. Roma-Bari: Edizioni Laterza, 1993, p.70.

modo de vida da gente simples e inculta de uma região árida e subdesenvolvida, com uma linguagem substantiva, carregada de desesperança e resignação e, sobretudo, quando questionam a força do homem diante da fome, diante da impossibilidade de mudar o que ali está, na simplicidade dos personagens imersos na luta do oprimido pelo opressor.

É possível a constatação da ideologia reinante naquela região, partindo da observação das relações entre o homem e o meio ambiente e as sensações advindas desta convivência.<sup>3</sup>

Antônio Cândido afirma que “a arte, e portanto a literatura, é uma transposição do real para o ilusório por meio de uma estilização formal, que propõe um tipo arbitrário de ordem para as coisas, os seres, os sentimentos.”<sup>4</sup> Com base nessa afirmação temos o firme propósito de analisar a reconstrução do real, do sul da Itália (Sicília) em *Conversa na Sicília* e do nordeste brasileiro (Pernambuco) em *Morte e vida severina*, para o mundo ficcional em ambas as obras. Ambas possuem uma sintaxe própria, com características que lhes são peculiares, onde nos será possível observar o meio social em que vivem suas personagens, seus hábitos, seus costumes, sua maneira de sobrevivência, numa verdadeira fusão do “texto e contexto numa interpretação dialeticamente integrada” nos dizeres do mesmo Antônio Cândido.<sup>5</sup>

Adotamos também o pensamento de Lukács ao analisarmos o “fator social” observando que este é realmente determinante do valor estético da

---

<sup>3</sup> CHAUI, Marilena. *O que é ideologia*. São Paulo: Editora Brasiliense, 6ª ed., 1981, p.25.

<sup>4</sup> CANDIDO, Antonio. “Estímulos da criação Literária”. In: *Literatura e Sociedade*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2ª ed., 1967, p.64.

<sup>5</sup> CANDIDO, Antonio. “Crítica e Sociologia”. In: *Literatura e Sociedade*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2ª ed., 1967. p.4.

obra pois constitui-se em elemento essencial no desenvolvimento do enredo.

Procurar-se-á verificar em que medida as obras em estudo espelham, ou melhor, representam a sociedade operária do sul italiano e aquela do nordeste brasileiro, como são descritos os seus vários aspectos. Observar-se-á também a função social de ambos os escritores na tentativa de visualizar a sua posição com a natureza de sua obra dentro da organização social retratada por elas. Dar-se-á também importância às influências do meio ambiente sobre as obras em estudo, levando em conta o fato de ambas serem expressão das sociedades acima referidas, bem como pelo fato de trazerem a tona os problemas sociais e os fatores sócio-culturais que afetam os seus componentes, deixando transparecer a ideologia de ambas as sociedades. Confirma-se assim a verdade que Madame Staël, na França foi a primeira a formular sistematicamente que “a literatura é também um produto social, exprimindo condições de cada civilização em que ocorre.”<sup>6</sup>

Assim sendo, é neste prisma literário que pretendemos desenvolver o nosso trabalho, na tentativa de analisar as aproximações e as diferenças entre os dois autores em questão, de um ponto de vista comparativo, para o exame da linguagem, das questões temáticas e ideológicas que nos possibilitam a observância da estratificação social e cultural presente nas duas obras em apreço. Para tal, tomaremos por base a proposta teórica do tcheco Dionys Durisin que “apoiado nos princípios do estruturalismo de Praga, formulou uma metodologia que muitos consideram um “modelo” inovador”<sup>7</sup>, além de ser ele, entre os teóricos modernos, aquele que considera que “o objetivo da literatura comparada é a compreensão da

<sup>6</sup> CANDIDO, Antonio. “A literatura e vida social”. In : *Literatura e Sociedade*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2ª ed., 1967.p.23

<sup>7</sup> CARVALHAL, Tânia Franco. *Literatura Comparada*. São Paulo: Ática, 1986, p.40.

essência tipológica e genética do fenômeno literário como um fenômeno concreto da História e ao mesmo tempo como um fenômeno geral, sem se considerar sua história específica.”<sup>8</sup>

Tal estudo possibilitará uma visão da obra de João Cabral de Melo Neto, especificamente *Morte e vida severina*, do ponto de vista temático, levando em conta as contingências culturais, econômicas, sociais e políticas nordestinas versus aquelas de Vittorini na Sicília, oportunizando ao leitor, através do estudo comparatista, ter uma maior conscientização de fatores sociais comuns, nas duas obras, que muitas vezes passam despercebidas quando vistas somente numa versão. Esperamos que a pesquisa desperte a curiosidade pela leitura da obra traduzida de Vittorini, que tem recebido muitos elogios dos críticos brasileiros. Pretendemos contribuir, sobretudo, para o incentivo da leitura de obras literárias e o conhecimento do universo de uma outra cultura, estabelecendo o paralelismo quer estilístico, quer cultural entre as duas obras inseridas no seu universo, fortalecendo, assim, a função humanista da literatura comparada, além de ajudar a compreender os processos de identidade entre as duas Literaturas: a brasileira e a italiana, no tangente à literatura regionalista, de acordo com o pensamento de Ana Pizarro, utilizando as idéias constantes em sua comunicação *Sobre las Direcciones del Comparatismo em América Latina* apresentada no X Congresso da Associação Internacional de Literatura Comparada, realizado em Nova Iorque, em 1982.

*Conversa na Sicília*, como *Morte e vida severina*, obteve sucesso logo no lançamento. Embora sendo considerado um romance de difícil leitura, tendo em vista que os acontecimentos não possuem um fio lógico e linear de desenvolvimento, mas as ações se justapõem e o leitor comum

<sup>8</sup> NITRINI, Sandra. *Literatura Comparada: história, teoria e crítica*. São Paulo: EDUSP. 1997, p.90.

não está habituado a este tipo de enredo, o romance não é trabalhado nas escolas italianas.

*Conversa na Sicília*, tendo tido a sua primeira versão lançada em fascículos na revista florentina “Letteratura” entre 1938 e 1939, despertou interesse de imediato por ser, além de um romance real, um ensaio, uma verdadeira análise da amarga situação social da gente da ilha e dos oprimidos em geral, tendo como pano de fundo histórico o fascismo e a guerra civil espanhola com suas conseqüências sobre a população humilde e trabalhadora. Teve uma sua primeira edição em número limitado, intitulada *Nome e Lacrime* em 1941 pela editora Parenti, também, de imediato, esgotada, seguindo-se, no mesmo ano, uma nova edição já com o título definitivo de *Conversazione in Sicilia*, pela editora Bompiani de Milão e, imediatamente, duas outras reedições em 1942, ano fatídico, que levou Vittorini a ser interrogado pela polícia fascista, tendo como conseqüência o seqüestro do romance. Embora já tivesse sido publicado em revistas e jornais que Vittorini era um dos expoentes máximos da sua geração, a censura do regime fascista agiu fortemente sobre o romance por considerá-lo uma obra revolucionária e ofensiva ao pudor. Uma nova reedição, desta vez, coordenada pelo próprio Vittorini, ilustrada com a colaboração fotográfica de Luigi Crocenzi e Giacomo Pozzi Bellini, foi levada a cabo pela mesma editora Bompiani em 1954. É esta a edição que Cosac & Naify lançou no Brasil, com tradução do escritor Valêncio Xavier e de Maria Helena Arrigucci, sobre a qual nos debruçamos para a realização do nosso trabalho.

Em 1998, o livro foi adaptado para o cinema pelos diretores cinematográficos Jean-Marie Straub e Daniele Huillet com o nome

exclamativo “Sicília”. No Brasil, o filme recebeu o título “Gente na Sicília” e obteve um grande sucesso de crítica e de público.<sup>9</sup>

*Conversa na Sicília* possui uma estrutura romanesca que o diferencia dos romances de então. É um romance que possui cinco partes distintas, constituindo as etapas de uma viagem geográfica que se torna psicológica, psicoanalítica, moral, social e que, de vez em quando, depois de algumas paradas, põe novamente as rodas em ação. Estas etapas até parece terem sido escritas para serem representadas, vez que cada uma tem o seu prólogo, a demarcação do tempo e espaço dos personagens.

*Morte e vida severina*, por ser um *auto*, possui duas partes distribuídas em dezoito jornadas ou atos. A primeira parte é composta por treze jornadas, onde são apresentadas ao leitor as mortificações e infelicidade da viagem do personagem narrador. A Segunda retrata o episódio central do auto e é composta de cinco jornadas: encontro, louvação, previsões das ciganas e presentes ao recém-nascido. Em seguida vem um arremate, uma espécie de conclusão, que conjuga as duas partes.

Em ambas as obras é muito forte a influência da península ibérica. João Cabral tem fortes ligações com a Espanha e foi lá que passou boa parte de sua vida como embaixador do Brasil. Da Espanha transportou idéias e as inseriu em muitas passagens do seu auto de natal, como ele próprio afirma: “.Com *Morte e vida severina*, quis prestar uma homenagem a todas as literaturas ibéricas. Os monólogos do retirante provêm do romance castelhano. A cena do enterro na rede é do folclore catalão... A conversa com Severino antes de o menino nascer obedece ao modelo da

---

<sup>9</sup> LEITE NETO, Alcino. “O mundo ultrajado”. In: *Jornal de Resenha. Em*, 08/03/2003.

tenção galega.”<sup>10</sup> O humor negro presente nos versos - *Mais sorte tem o defunto / irmão das almas / pois já não fará na volta / a caminhada* - é conseqüência de uma história que o escritor ouvira na Espanha de que o general Franco “mandava fuzilar seus inimigos num lugar chamado Sória, que é o mais frio do país. Conta-se que, um dia, um condenado virou-se para os soldados que iriam fuzilá-lo e disse: “Puxa, como faz frio neste lugar.” Ao que um dos soldados respondeu: “Sorte tem você, que já não precisa fazer o caminho de volta.” Foi assim que essa frase foi parar no meio de *Morte e vida severina*, afirma o próprio autor.\* Este fato toma cada vez mais veracidade nas palavras do autor ao afirmar: “Minha poesia é um esforço de “presentificação”, de “coisificação” da memória”\*

Já Vittorini, declarada a guerra civil espanhola, e depois da adesão da Itália ao regime franquista, rebelou-se contra o fascismo e conclama os fascistas italianos, aqueles a quem ele chama de “veri rivoluzionari”<sup>11</sup> a tomarem parte na guerra espanhola contra o ditador Franco. Este fato provoca a sua expulsão do Partido Fascista e o leva à escritura de *Conversa na Sicília* onde procura apresentar características desumanas de sua região, que são vividas por todo o “mundo ultrajado” presente não só na Sicília, mas em todo o mundo ibérico sob o comando absolutista. No tangente ao estilo, *Conversa na Sicília* tem fortes influências da literatura norte-americana, devidas ao fato de Vittorini ter sido seu tradutor.

A inspiração para a escritura de *Morte e vida severina* veio depois de seu autor ter lido numa revista em Barcelona, que na Índia a média de vida era de 29 anos, o que significava um ano a mais que a perspectiva de vida

<sup>10</sup> <http://fredbar.sites.uol.com.br/mvsint.html>, p.2. Em 16/07/03.

\*(\*) CADERNOS DE LITERATURA BRASILEIRA. João Cabral de Melo Neto. São Paulo: Instituto Moreira Sales, 3ª reimpressão, nº 1, 1998, p.27.

\*(\*) Idem, Ibid. p.31

<sup>11</sup> verdadeiros revolucionários

do recifense. Daí então a estupefação que o levou à conclusão de que “Recife contrastava com a sua pobreza comparável à de Bangladesh”<sup>12</sup> Tal estupefação o levou a escrever *O Cão Sem Plumás* de imediato e *Morte e vida severina* depois de ter recebido de Maria Clara Machado a encomenda de um auto de Natal. Maria Clara Machado devolveu o auto por não ter condições de representá-lo.

João Cabral explica as condições de publicação : “Como o poema era grande e José Olímpio queria lançar minha primeira antologia, cortei as marcações para o teatro e incluí *Morte e vida severina* no livro para dar volume.”<sup>13</sup> Ambas as obras são fruto da vivência de seus autores, João Cabral no Recife, Elio Vittorini na Sicília.

*Morte e vida severina* tem como inspiração a cidade de Recife e, nas palavras do próprio João Cabral, “ Sempre escrevi poemas sobre o Recife longe da cidade. Eu não precisava estar lá para recriar o universo sobre o qual falo em meus poemas.”<sup>14</sup>

Embora sendo gêneros diferentes, muito nos interessou estabelecer um estudo comparativo por serem ambas as obras reveladoras e porta-voz de uma realidade cruel que, não obstante em continentes diametralmente opostos, tanto no que diz respeito à civilização cultural, quanto ao desenvolvimento econômico, porém semelhantes no desenvolvimento econômico e geográfico regional.

---

<sup>12</sup> <http://fredbar.sites.uol.com.br/mvsint.html>, p.1.Em 16/07/03

<sup>13</sup> Idem Ibid à nota 12.

<sup>14</sup> Idem Ibid à nota 12.



Ambos os autores João Cabral de Melo Neto, como poeta, com seu poema *Auto de Natal Pernambucano* e Elio Vittorini, como romancista, com o seu *Conversa na Sicília*, teceram suas obras com intuito de transformar o leitor/espectador em leitor/crítico. Numa tentativa de despertar o leitor para sair de sua passividade diante da situação que o circunda, que reina em seu mundo, em sua região, e agir no sentido de melhorar o meio, as condições sociais, os relacionamentos humanos em todos os sentidos e tornar-se um espectador crítico consciente do seu meio com suas circunstâncias.

Os dois autores inserem seus leitores/espectadores em universos ficcionais carregados de veracidade numa tentativa de despertá-los para a realidade circunstancial reinante.

João Cabral quer deixar patente o problema da seca com seu êxodo e suas conseqüências malélicas de desagregação social e falência, que culminam com a criação da verdadeira “Indústria da seca”. Tal episódio perdura desde o Império até nossos dias e as autoridades competentes nada fazem para mudar esse quadro de penúria.

Elio Vittorini tenciona despertar os seus leitores para os males do mundo (a guerra e os regimes autoritários), chamando-lhes atenção para o subdesenvolvimento em que se encontra o camponês de sua região a Sicília, para os maus tratos aos quais estão submetidos os seus compatriotas, para a inexistência de uma saúde pública atuante, e a ausência de saneamento básico tão necessários, enfim, da miséria reinante ali.

Nossa pesquisa será desenvolvida em três capítulos onde estudaremos de maneira mais detalhada as obras em apreço sua contextualização no cenário político-social e histórico, visando a estabelecer o elo de ligação, ou seja, onde se processam a convergência e a divergência. Onde elas são símiles e onde são díspares, além da contextualização geográfica de ambas, os fatores externos que influenciaram os autores para a concepção das duas obras. Dado que tanto uma quanto a outra são fruto de realidades distintas, porém muito próximas, no tangente ao aspecto social que influencia nas ações de suas personagens e são caracterizadoras de suas emoções. Ambas são ligadas a regiões muito semelhantes e díspares ao mesmo tempo. Nossa intenção é aquela de filtrar através de uma concepção estética os elementos de ordem social, para entender a singularidade e a autonomia da obra, segundo o pensamento de Antônio Cândido.<sup>15</sup>

No primeiro capítulo analisaremos as Similitudes e as Diferenças entre *Conversa na Sicília* e *Morte e vida severina* tentando estabelecer o elo que une as duas obras.

No segundo capítulo trataremos dos temas recorrentes nas duas obras em análise. O modo como se comportam suas personagens diante da situação que ali está, sua conformação, seu desengano e sua impotência.

No terceiro capítulo serão analisados os traços culturais característicos das duas regiões: nordeste brasileiro (Pernambuco) e sul italiano (Sicília), o *modus vivendi* de povos tão longínquos e tão próximos no sofrimento, na desilusão e na ideologia dos poderosos.

---

<sup>15</sup> Apud AQUINO. Marclely Pinheiro de. *Caminhos Didáticos: o social e o histórico nos Autos de João Cabral de Melo Neto*. Fortaleza: janeiro de 2003. (Dissertação de Mestrado- UFC)

Através da nossa pesquisa tencionamos analisar o processo pelo qual os dois autores apresentam suas denúncias transportando o real para o ficcional, numa tentativa de despertar o leitor para a sua obrigação como ser social e co-responsável pela manutenção da ideologia e do *status quo* predominante, tanto aqui no nordeste brasileiro, quanto lá no território italiano, como também passar a ser um crítico da sociedade na qual ele, leitor, está inserido.



## LEITURAS PARA UMA COMPREENSÃO DE ELIO VITTORINI E JOÃO CABRAL DE MELO NETO

Elio Vittorini nasceu em Siracusa, no sul da Itália, na região da Sicília, em 23 de julho de 1908, sendo o primogênito de uma prole de quatro filhos. Seu pai, Sebastiano, o iniciou na leitura antes mesmo da idade escolar, talvez porque era forçado a viver num processo contínuo de transferências ou mesmo visitas contínuas às localidades da Sicília, por onde passava a ferrovia, ora na costa, ora nas montanhas da Sicília central. Nestas localidades, Vittorini desenvolveu as primeiras leituras que o influenciaram por toda a vida como *As mil e uma noites* e *Robson Crosué*. Destas obras absorveu o espírito de aventura que o acompanhará durante toda a sua produção literária.

Começou sua carreira literária aos dezenove anos, incentivado por Curcio Malaparte. Logo tornou-se colaborador da revista florentina “Solaria”. Solariano significava ser antifacista, europeísta, universalista e antitradicionalista. Tinha como seus opositores Giovanni Papini e Farinacci, que chamavam os solarianos de “Judeus Sujos”, pelo fato de acolherem escritores de religião hebraica, além de falarem bem de Kafka e Joyce. Em 1930, atuou como corretor de rascunhos, que seriam publicados pelo jornal diário “La Nazione” de Florença. Ali, com um colega de imprensa, aprendeu o inglês, que muito lhe servirá na atuação como tradutor depois que, por motivo de saúde, deixou o jornal. Em 1936, sendo ameaçado pela polícia, o Partido Fascista resolveu expulsá-lo, e neste ano, estoura a Guerra Espanhola. O fascismo já tinha invadido a vida do país, com abrangência em todos os setores. Em 1938, Vittorini se estabelece em Milão, e nesta cidade permanece. Foi nesse período de residência milanesa, que se processaram as traduções dos autores da Literatura Americana como D.H. Lawrence, E.A.Poe,

W.Faulkner, J.Steinbeck, W. Saroyan, D.De Foe, J. Fonte, vindo a coroar-se com a publicação, em 1941, da Antologia Americana, pela editora Bompiani, onde terá uma significativa produção literária, além da direção de duas colunas desta editora como: “Corona” e “Pantheon”. Também, neste ano, foi publicado *Conversa na Sicília*, com duas edições, ricas de inovação no tangente à linguagem e às construções sintáticas, ou seja, com a predominância da coordenação e de frases curtas, influências diretas da Literatura Norte-Americana, que ele tão bem soube reelaborar. A segunda edição foi criticada como carregada de derrotismo. No que diz respeito à edição norte-americana, esta só teve sua publicação autorizada totalmente sem comentários, nem adaptações, fato que fez Emilio Cecchi providenciar um prefácio especial em substituição àquele de Vittorini.

Em 1943, com poucos meses de filiação ao Partido Comunista Italiano, Vittorini foi preso durante alguns meses na prisão San Vittore onde permaneceu até os dias do armistício. Durante a ocupação alemã, Vittorini participou da Resistência, colaborando com a imprensa clandestina, tendo sido obrigado a esconder-se e a participar da experiência partigiana<sup>i</sup>, experiência esta que o levou a escrever *Uomini e no*, que só foi publicado em 1945, depois da Liberação, que o fez tornar-se diretor, por algum tempo, da redação da Revista *Unità*, em Milão. Finalmente, fundou a revista cultural *Il Politecnico*, que terá duração até 1947. Sendo Vittorini muito envolvido com a política, e, sempre fazendo críticas à situação reinante, suas críticas foram consideradas muito severas e resultou na extinção da revista e na sua expulsão do Partido Comunista Italiano.

---

<sup>i</sup> Partigiano – pertencente à formação armada irregular que desenvolve ações de guerrilha no território nacional, invadido pelo inimigo. Durante a segunda guerra mundial, assim era designado quem pertencia aos movimentos de resistência contra as forças nazifacistas.

Em 1951, como crítico literário, Vittorini torna-se um grande caçador de novos talentos e, através da coluna da editora Einaudi, incentiva os novos escritores, o que dura até 1958. Dirigiu ainda colunas na editora Mondadori, o jornal o *Novo Politécnico*, junto à editora Einaudi até 1965. Foi promotor cultural do jornal *Il Menabó*, de 1961 a 1966, ano de sua morte, em 12 de fevereiro, com 57 anos completos.

No que diz respeito a João Cabral de Melo Neto, nasceu em Recife - Pernambuco, nordeste brasileiro, em 09 de janeiro de 1920, o segundo de sete filhos. Viveu até os dez anos, na zona rural em engenhos de açúcar, sempre no estado de Pernambuco. Transferida a família para Recife, João Cabral de Melo Neto ingressa no Colégio de Ponte d'Uchôa, dos Irmãos Maristas, onde permanece até a conclusão do curso secundário (hoje ensino médio), aos quinze anos de idade.

Muito cedo passou a conviver com os intelectuais da cidade que se reuniam ao redor do escritor e crítico Willy Lewin e do pintor Vicente do Rego Monteiro, recém-chegado de Paris. Faziam parte do grupo, entre outros escritores, Ledo Ivo e Gastão de Holanda.

Em 1940, transfere-se, juntamente com a família, para o Rio de Janeiro, onde “conhece Murilo Mendes, que o apresenta a Carlos Drummond de Andrade e a outros escritores e intelectuais que se reúnem no consultório do poeta e médico Jorge de Lima.”<sup>ii</sup>

A influência de Murilo Mendes se faz notar logo nos primeiros livros de João Cabral, sobretudo nos cortes surrealistas de algumas imagens. João Cabral assegura que a discussão e a convivência literária com outros poetas

---

<sup>ii</sup> CADERNOS DE LITERATURA BRASILEIRA. *João Cabral de Melo Neto*. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 3ª reimpressão, nº 1, 1998.

foram muito importantes no seu início de carreira como escritor. Afirma ainda que o prosaico e o poético estão juntos em *O Rio e Morte e vida severina*. Assim sendo, são textos de complexa pluralidade de interpretação.

Em 1941, apresenta a tese *Considerações sobre o poeta dormindo*, no Congresso de Poesia do Recife. Em 1942, lança seu primeiro livro *Pedra do sono*, às próprias custas; e, daí em diante, não para mais a sua produção literária, que teve influências várias, segundo depoimento do próprio João Cabral, em *Cadernos de Literatura Brasileira*.

Segundo o poeta, Recife e Servilha tornaram-se as bases de sua poesia: Recife, por ser a sua cidade natal e, Servilha, a cidade da Espanha onde atuou como embaixador, por duas vezes, e onde se sentia em casa.

Assegura que sua vida não pesa muito sobre sua obra poética e afirma que, no máximo, sua poesia contempla um pouco das culturas dos países por onde passou a serviço do Itamaraty, e, como conseqüência, a linguagem era uma decorrência dos temas construídos em cada lugar, cujos motivos lhe interessavam.

João Cabral confirma que recebeu influências dos poetas metafísicos ingleses e, com eles, aprendeu a técnica da discussão das metáforas; também foi influenciado por Pereira da Costa, ao ler *Folclore pernambucano*, principalmente, presente em *Morte e vida severina*.

Filosoficamente, confessa-se influenciado por Le Corbusier, que lhe revelou os cubistas e o geometrismo formal. O poeta assegura que com a queda do muro de Berlim, seu mundo ideológico caiu. Um outro poeta que influenciou João Cabral foi Paul Valéry, com sua “pregação da lucidez na

vontade de criar.” Outras influências recebidas por João Cabral foram: do arquiteto Lincoln Pizzie, de Joaquim Cardozo, calculista de Brasília que o influenciou com suas idéias, do poeta português Cesário Verde, por conta da ausência das discussões sobre retórica em sua poesia. Podemos também relacionar seu discurso à linguagem jornalística por apresentar uma linguagem concisa, popular, direta e objetiva:

“- Nunca esperei muita coisa,  
digo a Vossas Senhorias.  
O que me fez retirar  
não foi a grande cobiça;  
o que apenas busquei  
foi defender minha vida  
da tal velhice que chega  
antes de se inteirar trinta;  
se na serra vivi vinte,  
se alcancei tal medida,  
o que pensei, retirando,  
foi estendê-la um pouco ainda.”(M.v.s.ps.62/63)

“Vou dizer todas as coisas  
que desde já posso ver  
na vida desse menino  
acabado de nascer:  
aprenderá a engatinhar  
por aí, com aratus,  
aprenderá a caminhar  
na lama, com goiamuns,  
e a correr o ensinarão  
os anfíbios caranguejos,  
pelo que será anfíbio  
como a gente daqui mesmo.  
Cedo aprenderá a caçar:  
primeiro, com as galinhas,  
que é catando pelo chão  
tudo o que cheira a comida;  
depois, aprenderá com  
outras espécies de bichos:  
com os porcos nos monturos,  
com os cachorros no lixo.(Mv.s.p.76)





## I – SIMILITUDES E DIFERENÇAS ENTRE *CONVERSA NA SICÍLIA* E *MORTE E VIDA SEVERINA*

Vamos iniciar este capítulo chamando atenção do leitor para o confronto que podemos estabelecer entre os dois autores João Cabral de Melo Neto e Elio Vittorini, nas obras em estudo, partindo do princípio que o primeiro fala do lavrador nordestino imerso num ambiente social aspro e árduo permeado da secura pluviométrica diante da escassez de meios assistencialistas seja social, seja médico ou de sobrevivência como consequência do poder de mando dos poderosos, a quem agrada a manutenção do *status quo* predominante, onde o homem do povo é um “Zé ninguém”, a quem só restam a servidão e o trabalho árduo, enquanto o senhor dono da terra é o todo poderoso, o dono da situação.

“[ ... ]  
vivendo na mesma serra  
magra e ossuda em que eu vivia.  
[ ... ]  
morremos de morte igual,  
mesma morte severina:  
que è a morte de que se morre  
de velhice antes dos trinta,  
de emboscada antes dos vinte,  
de fome um pouco por dia  
(de fraqueza e de doença....”(M.v.s.p.46)  
“- Onde a Caatinga é mais seca,  
irmão das almas,  
onde uma terra que não dá  
nem planta brava.”(M.v.s.p.47)  
“- Ter uns hectares de terra,  
irmão das almas,  
de pedra e areia lavada  
que cultivava.  
[ ... ]

- Nos magros lábios de areia,  
irmão das almas,  
dos intervalos das pedras,  
plantava palha.”(M.v.s.p.48)  
“- Pois fui sempre lavrador,  
lavrador de terra má;  
não há espécie de terra  
que eu não possa cultivar.  
[ ... ]  
mas até a calva pedra  
sinto-me capaz de arar.”(M.v.s.p.54)  
“mas o sol, de sol a sol,  
bem se aprende a suportar.”(M.v.s.p.56)

Vittorini fala de operários do sul italiano nas minas de enxofre e de agricultores que trabalham nos laranjais da Sicília. Todos imersos num meio social tal qual o nosso nordestino, porém ao invés do calor escaldante do sol é o frio enervante que maltrata e deixa os habitantes da região inertes e até mal cheirosos.

“... e eu observava o pequeno siciliano da mulher-menina descascar desesperadamente a laranja, e desesperadamente comê-la, com raiva e frenesi, sem nenhuma vontade, e sem mastigar, engolindo e como que amaldiçoando, os dedos banhados no suco frio, meio curvado ao vento, a pala do boné ensopado batendo contra o nariz.”(C.S.p.23)  
“Nenhum de nós está desempregado. Trabalhamos... Nos laranjais... Trabalhamos.”(C.S.p.26)  
“... abaixou-se e afrouxou um pouco o barbante do cesto, tirou uma laranja, e desesperadamente ofereceu-a, ainda curvado sobre as pernas dobradas, para a mulher e, após sua muda recusa, ficou desesperadamente humilhado com a laranja na mão, e começou a descascá-la para si, e a comê-la, ele, engolindo como se engolisse maldições.”(C.S.p.27)  
““Não senti a fedentina?”, disse o homem à minha frente. [ ... ]  
“A fedentina? Que fedentina?”, perguntei.  
“Como? Não está sentindo?”, ele disse.  
“Não sei”, respondi. “Não sei de que fedentina você está falando.”  
“Oh!”, ele disse. “Não sabe de que fedentina estou falando.”  
E voltou-se para os outros da cabina. ...  
Um, jovem, com um boné de pano leve e envolto num xale, de rosto amarelo, magro, miúdo; encostado na janelinha, sentado num ângulo em diagonal a mim. [ ... ]

O terceiro era um velhinho sem pêlo no rosto, e escuro, com a pele coriácea, de escamas cúbicas como de tartaruga, e incrivelmente pequeno e seco: uma folha seca.”(C.S.ps.46/47)

Ambos os escritores associam, ou seja, situam suas obras num ambiente social verídico “fundindo texto e contexto numa interpretação dialeticamente íntegra.”<sup>16</sup> Vemos o externo (social) influenciando no modo de agir das personagens, no desenrolar da obra.

Uma das primeiras afinidades que podemos encontrar nos dois autores é o fato de ambas as obras referirem-se ao percurso de uma viagem, que, por suas especificidades, contêm as suas diferenças. Em Vittorini é bastante acentuado o cromatismo na descrição paisagística, enquanto que em João Cabral não é possível ao leitor a identificação de cores vivas. Tudo é apresentado quase que de maneira opaca, lúgubre.

Em Vittorini:

“... viajei e viajei, ao sol pela planície vazia, até que a planície cobriu-se de um verde pálido, e chegamos a Lentini, ao pé de longos declives verdes de laranjais e malária, e o rapaz embrulhado no xale desceu e tiritou de frio ao sol, na calçada deserta, descarnado pela malária.”(C.S.p.44)

“E no entanto já tinha passado Augusta com seu monte de casas mortas próximas ao mar, entre planadores e navios, entre salinas, ao sol, e Siracusa se aproximava, viajávamos, pelo campo deserto, ao longo do mar de Siracusa.”(C.S.p.49)

“Começaram a passar as estações, as casinhas de madeira, com o sol sobre o boné vermelho dos chefes de estação, e a mata se abria, se estreitava, figos-da-índia altos como forquilhas. As estações eram de pedra azul, cheias de figos-da-índia...”(C.S.p.56)

“... olhando a longa escadaria e no alto as casas e as cúpulas, e os declives de casas e rochas, e os telhados no vale esterito ao fundo, e a fumaça em uma ou outra chaminé, as marcas da neve, a palha, e um pequeno bando de garotos sicilianos descalços em cima da crosta

<sup>16</sup> CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade* (estudos da teoria e história literária). São Paulo: Cia. Editora Nacional, 2ª ed. 1967, p.04.

de gelo que cobria o chão, no sol, em volta da fonte de ferro fundido.”(C.S.p.59/60)

Em João Cabral:

“Mas não senti diferença entre o Agreste e a Caatinga, e entre a Caatinga e aqui a Mata a diferença é a mais mínima. Está apenas em que a terra é por aqui mais macia; está apenas no pavio, ou melhor, na lamparina: pois é igual o querosene que em toda parte ilumina, e quer nesta terra gorda quer na serra, de caliça, a vida arde sempre com a mesma chama mortíça.”(M.v.s.p.63)

“- Seu José, mestre carpina, que habita este lamaçal,...”(M.v.s.p.70)

“- Foi por ele que a maré fez parar o seu motor: a lama ficou coberta e o mau-cheiro não voou. - E a alfazema do sargaço, ácida, desinfetante, veio varrer nossas ruas enviada do mar distante.”(M.v.s.p.73)

Silvestro faz a viagem de trem, de barco, novamente de trem, de caminhonete e finalmente a pé, até chegar à casa de sua mãe, percorrendo a região talvez por intenção de seu autor, no intuito de fazê-lo diferente, de executar viagens diversas daquelas feitas por ele próprio, e na tentativa de torna-lo não autobiográfico. Elio Vittorini de dia visitava as cidades, de noite viajava, o que afirma com suas próprias palavras: “Eu partia para ver o mundo: queria conhecer o máximo possível dele e das pessoas da mesma

maneira que eu deles sabia através da leitura”<sup>17</sup>, numa alusão às viagens feitas por ele ao norte da Itália, utilizando-se das passagens a que tinha direito seu pai, como ferroviário que era. Tais viagens muito o impressionaram e levou-as na memória por toda a vida. Mesmo assim percebemos, mais uma vez, traços autobiográficos de Vittorini em Silvestro.



“... comprei a passagem de duzentos e cinquenta liras. ... Entrei na estação, sob as luzes, entre as locomotivas e os gritos dos carregadores, e começou uma longa viagem noturna. ... Segui viagem e, lá pela meia-noite, em Florença, mudei de trem, pelas seis da manhã mudei outra vez, no terminal de

Roma, e por volta do meio dia, cheguei a Nápoles, ... Depois viajei no trem para a Calábria, [ ... ] Adormeci, acordei e tornei a dormir, a acordar, finalmente estava a bordo da barca para a travessia até a Sicília.”( C.S.ps.18/19) [ ... ] “ Pelas três horas, sob o sol de dezembro, por trás do mar que rebentava escondido, o trenzinho, pequenos vagões verdes, entrava na garganta de um

<sup>17</sup> Apud. ZANOBINI, Folco. *Elio Vittorini* (Introduzione e guida allo studio dell’opera vittoriniana – storia e antologia della critica). Firenze:Le Monier,1980,p.18.

(Foto 01)

rochedo e depois na mata de figos-da-índia. Era a ferrovia secundária, na Sicília, de Siracusa para as montanhas: Sortino, Palazzolo, Monte Lauro, Vizzini,



(Foto 02)

Grammichele.”( C.S.p.56) [ ... ] “Estamos em Vizzini!....Ali era Vizzini e ali passei a noite, num quarto de hospedagem, que cheirava a alfarroba. [ ... ] e viajei,... em uma camionete, seguindo a torrente, de Vizzini, no alto de três vales estreitos, em direção ao ponto mais alto das montanhas, por três horas, até que alguém disse: “Neve”, e chegamos. ”Ora vejam”, pensei, “estou na casa de minha mãe!”, quando desci da caminhonete, ao pé da longa escadaria que levava aos bairros altos da terra de minha mãe.”( C.S.ps.

56/58/59) [ ... ] “...e cheguei à casa de minha mãe, reconheci a entrada e não era estranho para mim estar ali,... empurrei a porta e entrei na casa.” (C.S.p.63)

Sendo *Conversa na Sicília* um romance que transporta o real para a ficção por retratar a sociedade siciliana rural, podemos observar um percurso verídico de um passageiro que se desloca do norte ao sul da Itália com todas as suas etapas. É possível vivenciar a ansiedade e a emoção da personagem ao vislumbrar paisagens que lhe são tão caras e familiares, exatamente aquelas da





Sicília, principalmente ao se deparar com o lugar em que viveu grande parte de sua vida: infância e juventude.

Severino, em *Morte e vida severina*, faz a viagem a pé, percorre um Estado (Pernambuco), numa transposição da viagem dos pastores da natividade do Menino Jesus:

“Antes de sair de casa  
aprendi a ladainha  
das vilas que vou passar  
na minha longa descida.  
Sei que há muitas vilas grandes,  
cidades que elas são ditas;  
sei que há simples arruados,  
sei que há vilas pequeninas,  
todas formando um rosário  
de que a estrada fosse a linha.  
Devo rezar tal rosário  
até o mar onde termina,  
saltando de conta em conta,  
passando de vila em vila.  
Vejo agora: não é fácil  
Seguir essa ladainha;”( M.v.s.ps.50/51)

[ ... ]

“Mas não senti diferença  
entre o Agreste e a Caatinga,  
e entre a Caatinga e aqui a Mata  
a diferença é a mais mínima.”( M.v.s.p.63)

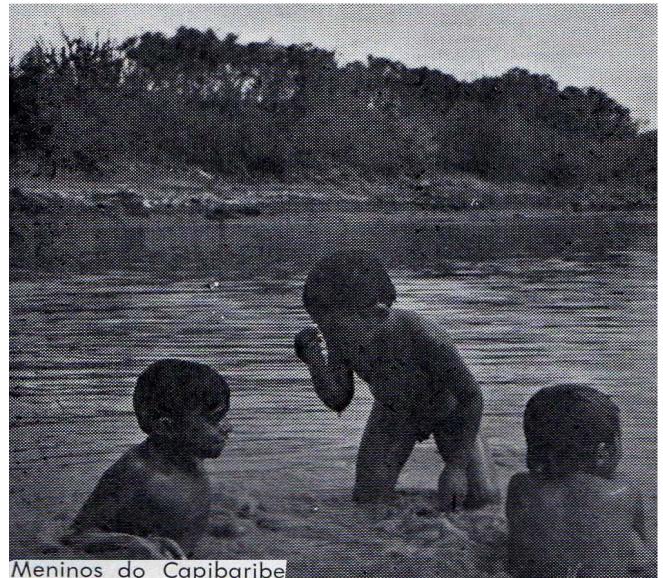
[ ... ]

“E chegando, aprendo que, nessa viagem que eu fazia, sem saber desde o Sertão, meu próprio enterro eu seguia.”( M.v.s.p.69)

[ ... ]

“e aquele acompanhamento de água que sempre desfila (que o rio, aqui no Recife, não seca, vai toda vida).”

( M.v.s.p.70)



Meninos do Capibaribe

(Foto 03)

Na segunda parte do romance, Silvestro em conversa com sua mãe relembram a paisagem agreste da Sicília de sua infância que continua quase intacta, muito semelhante ao nosso sertão nordestino.



“...Era um campo seco, cor de enxofre, e lembrei do grande zumbido do verão e do brotar do silêncio.....” Eram lugares de malária, quase sempre”, disse minha mãe. “ Aquela tremenda malária”, disse.

“Tremenda, realmente”, disse minha mãe.

E eu.” Com as cigarras...”. E pensei na floresta de cigarras que ficava além da rede elétrica, das janelas e da varanda, na solidão do sol, e disse: “Eu acreditava que eram as cigarras, a malária!”.

( C.S.ps.74/75 )

(Foto 04)



Neste diálogo é possível observar a sequeidão do solo acinzentado enquanto o nosso varia de cor, dependendo da sua caracterização, apresentando uma multifacetada coloração indo do branco arenoso ao vermelho. Podemos vivenciar o mesmo zumbido das cigarras, sonoridade tão característica nas nossas caatingas ressequidas pelo sol e pela pouca umidade do ar. Note-se a caracterização da paisagem com o seu campo cor de enxofre, infectada de malária.

Uma outra significativa similitude encontrada na obra dos dois autores deve-se ao fato de a personagem principal de ambas as obras em análise apresentarem índices de rudeza quando do nome que lhes é atribuído. **Silvestro**, em Vittorini – do latim *Silvestru(m)*, que diz respeito ao adjetivo *silvestre(m)*, isto é, pertencente, habitante do bosque (*silva*)<sup>18</sup> - caracteriza muito bem a personagem que, não sendo letrada e tendo pouca instrução, é capaz de questionar e sentir os queixumes daqueles que não conseguiram migrar para outras regiões e continuaram na mesma vida sem perspectivas, servindo àqueles a quem agrada o *status quo* reinante. De volta às suas origens, depois de 15 anos, a personagem é um mero observador da miséria, da fome, da desnutrição e dos infortúnios sofridos por sua gente:

“Eu tinha estado muito doente, durante meses, algum tempo atrás, e conhecia com profundidade como é estar doente, esta profunda miséria na miséria do gênero humano operário, especialmente

---

<sup>18</sup> Tradução nossa do ZINGARELLI, Nicola. *Vocabolario della Lingua Italiana*. Bologna: Zanichelli editore, 12ª ed., 2000.

quando se está na cama já há vinte dias, ou trinta, e nos resta ficar, entre quatro paredes, nós e as roupas de cama, a lataria da cozinha, e a madeira das cadeiras, da mesa, do armário. Não há nada mais no mundo, então ficamos olhando para essas coisas, os móveis, mas não se pode fazer nada, não se pode fazer uma sopa de cadeiras ou de armário. E no entanto é tão grande o armário que daria comida para um mês. E olha-se para essas coisas como se fossem de comer; é por isso talvez que as crianças ficam perigosas e roem, roem...”(C.S.ps.143/144) [ ... ] “Elas, na escola, têm todos os dias uma tigela de sopa. Essa é uma boa iniciativa, dar diariamente uma tigela de sopa, nas escolas, aos filhos de gente que morre de fome. Mais parece um aperitivo. Depois daquela concha de sopa os meninos voltam para casa com os dentes arreganhados, e não querem desculpas, querem comer a todo custo, e ficam como animais ferozes, devoram as pernas das cadeiras , querem devorar o pai e a mãe.”(C.S.p.145)

Presenciamos atos de verdadeira selvageria, praticados pelas crianças no desespero diante da fome, na falta da merenda escolar, que como aqui no nordeste brasileiro, ainda nos dias atuais, muitas vezes é a única refeição a que elas, as crianças, têm acesso. Lá, na zona rural da Sicília, como aqui no nordeste, muitas crianças vão à Escola mais pela comida que pela necessidade de letramento. É patente que, apesar do subdesenvolvimento, naquelas paragens, o sul italiano nas primeiras décadas do século passado (XX), já havia uma preocupação em manter a criança na Escola, o que só veio chegar aqui no Brasil como um todo nas últimas décadas do mesmo século.

**Severino**, em João Cabral, – diminutivo de severo, é originariamente um adjetivo - é a personificação do pobre, parco, anônimo retirante nordestino (pernambucano) que, apesar de sua desnutrição, de sua fome, busca, desesperadamente, chegar à capital e galgar melhores condições de vida, sofre na própria pele as desigualdades e mazelas de condições sub-humanas:

“E se somos Severinos  
iguais em tudo na vida,  
morremos de morte igual,  
mesma morte severina:  
que é morte de que se morre  
de velhice antes dos trinta,  
de emboscada antes dos vinte,  
de fome um pouco por dia  
(de fraqueza e de doença  
é que a morte severina  
ataca em qualquer idade,  
e até gente não nascida).”(M.v.s. p.46)

“O que me fez retirar  
não foi a grande cobiça;  
o que apenas busquei  
foi defender minha vida“  
da tal velhice que chega  
antes de se inteirar trinta;  
se na serra vivi vinte,  
alcancei lá tal medida,  
o que pensei, retirando,  
foi estendê-la um pouco ainda.”(M.v.s. ps.62/63)



Podemos, sem dúvida, reforçar este direcionamento no pensamento de Horácio, que apoiado nas relações que unem arte e ética “concebe a personagem não apenas como seres vivos, mas como modelos a serem imitados, identificando personagem-homem e virtude e advogando para esses seres o estatuto de moralidade humana que supõe imitação.”<sup>19</sup> Dando origem a uma tradição que levou estudiosos a conceberem a personagem com base nos modelos humanos. Daí, na Idade Média, a personagem ter conservado “o caráter de força representativa, de modelo humano moralizante, servindo inteiramente aos ideais cristãos.”<sup>20</sup> Este compromisso, esta relação entre personagem e pessoa, porém, sob nova orientação, perdurou até a Renascença e os séculos que a seguiram, ou seja, até meados do século XVIII. Daí em diante passou-se a estudar a personagem não mais na concepção herdada de Aristóteles e Horácio, mas sob uma visão mais voltada para a psicologia, isto é, passou-se a entender a “personagem como a representação do universo psicológico de seu criador.”<sup>21</sup>

E é nessa perspectiva que realmente se enquadram Silvestro e Severino de nosso estudo, por serem eles uma amostragem da vivência e da observação de seus autores: como nativo do sul italiano e do sertão pernambucano respectivamente. Contudo voltamos o nosso olhar para ambas as personagens (Silvestro e Severino) sobre a concepção de Lukács que vê a personagem como “influência determinante das estruturas sociais”<sup>22</sup> mesmo sendo uma visão moderna monta suas origens na segunda metade do século XVIII. E numa feição ainda mais moderna adotamos o que diz Osman Lins, “pode-se dizer, a *grosso modo*, que a personagem existe no plano da história e

---

<sup>19</sup> Apud BRAIT, Beth. *A Personagem*. São Paulo: editora Ática, 7ªed., 2002, p.35.

<sup>20</sup> Idem, Ibid. p.36.

<sup>21</sup> Idem, Ibid. p.37.

<sup>22</sup> Idem, Ibid. p.39.

caracterização no plano do discurso. A personagem diz respeito ao objeto em si; a caracterização, à sua execução”.<sup>23</sup>

Existe em ambos os autores uma vontade de denunciar, de chamar atenção para a situação reinante em seus países, em suas regiões de origem, como forma de alertar, ou até mesmo, despertar os acometidos pelos males ou situações constrangedoras, bem como aqueles que podem fazer algo, para reagirem ao *status quo* em vigor.

São personagens redondas de acordo com a classificação de E. M. Forster aquelas em virtude de suas complexidades, suas qualidades, suas tendências, seus dinamismos e seus perfis multifacetados com características particularmente humanas.<sup>24</sup> É pois a personagem que com mais nitidez torna patente a ficção, e através dela a camada imaginária se adensa e se cristaliza, no dizer de Antônio Cândido.<sup>25</sup> Em ambos os autores em estudo, “o enredo existe através das personagens: as personagens vivem no enredo.”<sup>26</sup> São estes componentes, que juntos trazem até nós, os leitores, os intuitos da obra, a visão de vida dela decorrente, os significados e valores que a fazem se desenvolver.<sup>27</sup>

Vamos encontrar afinidades também na existência de alusões bíblicas no que diz respeito às personagens. Em João Cabral: **Maria** – que os primeiros cristãos transportaram do grego *Maria(m)* que por sua vez reproduzia o nome hebraico *Maryam*, muito difundido e sem dúvida numa alusão à mãe do

---

<sup>23</sup> LINS, Osman. “Espaço romanesco”. In: \_\_\_\_\_ . *Lima Barreto e o espaço romanesco*. São Paulo: Ática, 1976, p. 77.

<sup>24</sup> Idem, Ibid p.41

<sup>25</sup> CANDIDO, Antônio et alí. *A Personagem de Ficção*. São Paulo: Editora Perspectiva S.A, 1985, p.21

<sup>26</sup> Idem, Ibid. p.53

<sup>27</sup> Idem, Ibid. p. 54

Salvador, o Cristo; **Zacarias** – o latim *Zacharia(m)* e o grego *Zacharias* reproduzem ambos o hebraico *Zekharyah* que significa Deus (- yah, forma abreviada do nome divino) lembrou-se (do verbo zakhar), faz alusão à lembrança do Senhor ao desejo dos pais na espera de um filho. Foi Zacarias que na Bíblia, no Evangelho de Lucas 1,5-25, teve com Isabel um filho na velhice que deveria ser o porta-voz do seu povo, na tentativa de preparar para o Senhor um povo bem disposto e bem cômico de suas obrigações. Poderíamos dizer que é esta a função de Severino: fazer-se porta-voz dos seus. **José** – Nome de tradição cristã, que se refaz através do grego *Joseph, Josepos*, do latim *Ioseph, Iosephu(m)*, do hebraico *Yosph*, já na Bíblia é explicado como “Deus acrescenta, junte (do verbo *yasaph* acrescentar), subentendido “outros filhos”<sup>28</sup> – com toda certeza uma alusão a São José, esposo da Virgem Maria e pai adotivo do Cristo, o Salvador.

É Seu José mestre carpinteiro o pai da criança que nasce e traz a expectativa de mudança de situação, segundo o parecer das ciganas.

Em Vittorini, vamos encontrar: **Concezione** – do latim *conceptione*. Significa a concepção da Virgem Maria; **Ezequiel** – o terceiro dos profetas maiores. Profeta dos hebreus, durante o domínio babilônico no 6º século a.C.. Em seu livro, ele prega a santidade de Deus e a necessidade de vida espiritual não apenas dos indivíduos, mas também de todas as nações da terra. Assim o faz a personagem de Vittorini, prega a solidariedade.

---

<sup>28</sup> Tradução nossa do ZINGARELLI, Nicola. *Vocabolario della Lingua Italiana*. Bologna: Zanichelli editore, 12ª ed., 2000.

Dentre as similitudes, podemos atentar para o estabelecimento do diálogo das personagens com seus interlocutores. Em Vittorini, é o **voi**, que não é um tratamento comum no italiano, língua standard, principalmente como pronome de 2ª pessoa do singular. Faz parte do italiano standard como pronome de 2ª pessoa do plural. Contudo, é muito comum no italiano meridional, mas, infelizmente, com a tradução, perdeu-se esta riqueza de expressão, esta peculiaridade, quando foi traduzido por você, tratamento comum entre os cidadãos habitantes da metrópole. Sem sombra de dúvidas, a melhor tradução teria sido Vossa(s) Senhoria(s) como bem o faz João Cabral.

Um ponto muito significativo que podemos constatar nos dois autores é o desengano, a desesperança diante das dificuldades e mazelas da vida, culminando com a idéia do suicídio, na fala de Severino:

“Seu José, mestre carpina,  
que diferença faria  
se em vez de continuar  
tomasse a melhor saída:  
a de saltar, numa noite,  
fora da ponte e da vida?”(M.v.s. p.72)

*Em Conversa na Sicília:*

“E o Grande Lombardo disse:  
“Bem, de resto, é compreensível. Somos um povo triste, nós”.  
“Triste?”, eu disse, ...  
“Muito triste”, disse o Grande Lombardo. ”Ou melhor,  
lúgubre...Todos sempre prontos a ver tudo preto...”.....e o Grande  
Lombardo prosseguiu:

“Sempre esperando qualquer coisa diferente, de melhor, e sempre desesperançados em poder tê-la... Sempre desconsolados. Sempre abatidos ... E sempre com a intenção de querer acabar com a vida”.

“Isso é verdade”, disse muito sério o catanês.” (C.S. p.39)

Em ambas as obras em estudo nos deparamos com o desengano, a falta de perspectiva que sufoca as personagens conduzindo-as ao desespero, ao extremismo de pensar em cometer suicídio.

Nota-se, em ambas as obras, a força da mulher na execução de tarefas, na prestação de serviços, como meio de sobrevivência, numa firme convicção



de que a mulher deve assumir funções, não somente aquelas de dona de casa, adquirindo, através de seu trabalho, a sua independência:

“-Agora se me permite  
minha vez de perguntar:

como a senhora, comadre,  
pode manter o seu lar?

-Vou explicar rapidamente,  
logo compreenderá:

como aqui a morte é tanta,  
vivo de a morte ajudar.

- E ainda se me permite  
que lhe volte a perguntar:

é aqui uma profissão  
trabalho tão singular?

- É, sim uma profissão,  
e a melhor de quantas há:

sou de toda a região  
rezadora titular.

[ ... ]

- De um raio de muitas léguas  
vem gente aqui me chamar;  
a verdade é que não pude  
queixar-me ainda de azar.

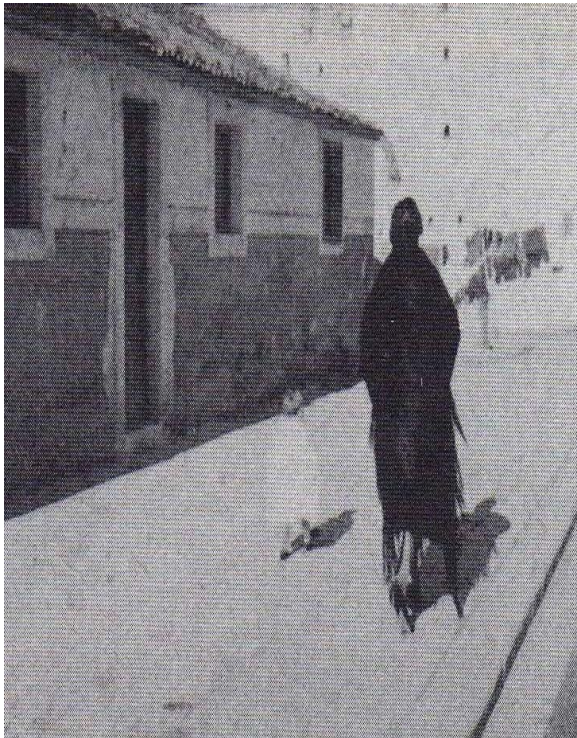
[ ... ]

- Como aqui a morte é tanta,  
só é possível trabalhar  
nessas profissões que fazem  
da morte ofício ou bazar.”(M.v.s.ps.56/57)

(Gravura 01)

(gravura 01)

*Em Conversa na Sicília:*



“”Tenho de fazer a minha ronda”.

[ ... ]

“ Sua ronda? Por onde? , eu disse.

[ ... ]

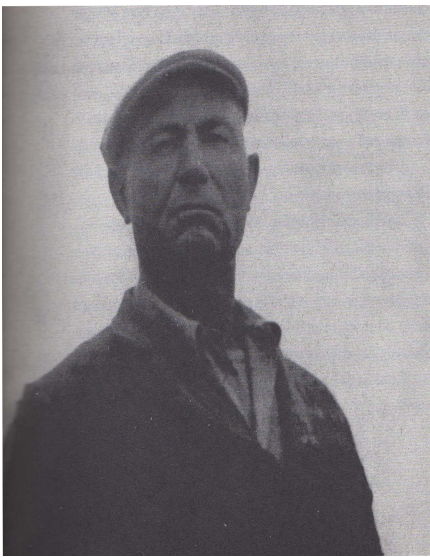
Disse que tinha começado a dar injeções.

Acreditava, disse, não poder esperar nada de meu pai, e se pusera a ganhar a vida assim, dando injeções.”(C.S. p.126)

(Foto 05)

Ambas as personagens têm consciência do seu potencial, da sua força e através dela, da sua capacidade de sobrevivência, partem com bastante segurança para o exercício de uma profissão digna que lhes oferece condições de se manterem. É já o início do atual desejo de igualdade entre os sexos, mostrando que as mulheres são tão capazes quanto os homens. Note-se ainda o orgulho de Concezione ao afirmar para o filho que pode manter-se sozinha e independente.

Outro fator que se faz presente nas obras é a religiosidade do homem interiorano. Pode-se observar que o homem italiano, lá no sul da Itália, precisamente na Sicília, como o homem brasileiro, aqui no nordeste, também participa das festividades religiosas:



“ “Era um grande homem”, disse. “Podia trabalhar dezoito horas por dia, e era um grande socialista, um grande caçador e um grande cavaleiro na procissão de São José...”

“Cavalgava na procissão de São José”, eu disse.. [ ... ] “Como podia cavalgar atrás de São José se era socialista? Os socialistas não acreditam em São José”. [ ... ] E era socialista porque entendia de política... Mas podia acreditar em São José. Não dizia nada contra São José.””(C.S. ps.80/81)

(Foto 06)





Em *Morte e vida severina*:

“ Mas não vejo almas aqui,  
nem almas mortas nem vivas;  
ouço somente à distância  
o que parece cantoria.  
Será novena de santo,  
Será algum mês de Maria;  
quem sabe até se uma festa  
ou dança não seria?”(M.v.s. p.51)

Note-se em ambas as falas o tom irônico dos dois autores, numa alusão aos problemas sociais e ideológicos. Talvez uma maneira de apontar a grande indecisão do povo simples que quando se entusiasma por algum assunto, por alguma idéia, mesmo sem analisá-la a fundo, sem medir as suas conseqüências, se diz seguidor ou propagador dela. Existe, principalmente entre os menos instruídos, tanto aqui no nordeste do Brasil, quanto lá no sul da Itália, a tendência de se deixar levar por determinadas influências, por determinados discursos. É rara a fortificação da fé verdadeira, aquela que segundo a Bíblia, remove montanhas, bem como a solidificação de uma ideologia por parte da gente simples, no sentido de que eles não têm consciência, nem conhecimento intelectual que os conduza a tal.

Ainda com respeito à religiosidade, é bom que se observe em *Conversa na Sicília*, o comportamento da personagem Ezequiele diante do lamento do amolador de alicates que tinha sido roubado. Ele tenta consolá-lo apresentando uma justificativa cristã:

“”Mas meu filho”, o homem Ezechiele disse, “pense que o seu dinheiro foi levado por um pobre viandante... Talvez fizesse muito tempo que ele não comia e não bebia . Você não pode deixar de ficar contente por lhe ter dado a oportunidade de matar a fome e a sede.”” (C.S.p.215)

Um outro indicio de religiosidade que merece relevo, até mesmo por se tratar de um Auto de Natal, é o fato do nascimento de uma criança, exatamente no meio, num momento, de tanta desesperança. Este fato, numa alusão ao nascimento de Cristo, que traz a paz e a esperança aos desiludidos e aos desesperançados, simbolicamente pressentido nas falas das ciganas e na premonição de seus presentes:




**Morte e Vida Severina**  
Em destaque:  
Lilita e Regina Vianna  
(ciganas)

(Foto 07)

João Cabral demonstra bastante evidência ao fato através da metáfora “saltou para dentro da vida”, embora seja uma vida severina, é uma vida que, nas previsões das ciganas, terá mais sorte, será mais amena. E conclui o seu Auto com o diálogo do Mestre Carpina com Severino onde é possível observar a resignação e uma exaltação à vida, um preceito cristão, com o propósito de ganhar o reino dos céus.

“- Severino retirante,  
deixe agora que lhe diga:  
eu não sei bem a resposta  
da pergunta que fazia,  
se não vale mais saltar  
fora da ponte da vida;  
nem conheço essa resposta,  
se quer mesmo que lhe diga;  
é difícil defender,  
só com palavras, a vida,  
ainda mais quando ela é  
esta que vê, severina;  
mas se responder não pude  
à pergunta que fazia,  
ela, a vida, a respondeu  
com sua presença viva.



E não há melhor resposta  
que o espetáculo da vida:  
vê-la desfiar seu fio,  
que também se chama vida,  
ver a fábrica que ela mesma,  
teimosamente, se fabrica,  
vê-la brotar como há pouco  
em nova vida explodida;  
mesmo quando é assim pequena  
a explosão, como a ocorrida;  
mesmo quando é uma explosão  
como a de há pouco, franzina;  
mesmo quando é a explosão  
de uma vida severina.” (M.v.s.ps.79/80)

Uma semelhança muito próxima é a presença da Anáfora em ambos no intuito de dar mais veracidade às cenas apresentadas. Em João Cabral, facilita a apresentação do Auto. Em Vittorini, deve-se à influência da Literatura Americana da qual ele se tornara tradutor.

“- Dentro da rede não vinha nada,  
só tua espiga debulhada.  
- Dentro da rede vinha tudo,  
só tua espiga no sabugo.  
- Dentro da rede coisa vasqueira,  
só a maçaroca banguela.

- Dentro da rede coisa pouca,  
tua vida que deu sem soca.  
- Na mão direita um rosário,  
Milho negro e ressecado.  
na mão direita somente  
o rosário, seca semente.  
- Na mão direita, de cinza,  
o rosário, semente maninha  
- Na mão direita o rosário,  
Semente inerte e sem salto. (M.v.s.ps.61/62)

“... disseram que a humanidade nascera para delinquir.  
“Qualquer classe ... Qualquer categoria...”, disse Com-Bigodes.  
E Sem-Bigodes: “Sejam ignorantes ... Sejam instruídos...”.  
E Com-Bigodes: “Sejam ricos... Sejam pobres...”.  
Sem-Bigodes: ”Nenhuma diferença”.  
Com-Bogodes: “Comerciantes...”.  
Sem-Bigodes: ”Advogados...”.  
Com-Bigodes: “O meu salsicheiro, em Lodi...”.  
Sem-Bigodes: “E em Bolonha, um advogado...”.”(C.S.ps.32/33)

Outra semelhança é devida ao fato de João Cabral falar do lavrador nordestino imerso num ambiente social e geográfico aspro e árduo permeado da secura pluviométrica diante da escassez de meios assistencialistas seja social, seja médico ou de sobrevivência. Elio Vittorini fala dos operários do sul nas minas de enxofre e dos agricultores que trabalham nos laranjais da Sicília. Ambos imersos num meio social tal e qual o nosso nordestino.

Ambos os escritores associam, ou seja, situam suas obras num ambiente social verídico “fundindo texto e contexto numa interpretação dialeticamente íntegra”<sup>29</sup> Vemos o externo (social) influenciando no modo de agir das personagens, no desenrolar da obra.

No tangente a diferenças, vale salientar que em *Morte e vida severina* estão presentes as didascálias por serem típicas dos autos: em *Conversa na Sicília* passa-se de uma parte para outra sem nenhuma explicação.

Uma diferença marcante nas duas obras em estudo deve-se ao fato de: - Severino tem notícia da morte, acompanha enterros, ouve comentários sobre funerais:

“- Desde que estou retirando  
só a morte vejo ativa,  
só a morte deparei  
e às vezes até festiva;  
só morte tem encontrado  
quem pensava encontrar vida,...”(M.v.s. ps.52/53)

Nota-se o desespero, a desesperança de Severino que emigrou na esperança de melhores dias, de uma vida de bonança, de fartura, coisas que ele jamais presenciara. Contudo o seu queixume se faz mais forte vez que nada

---

<sup>29</sup> CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade ( estudos da teoria e história literária)*. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 2ª ed.,1967,p.04.

mudou, só encontrou desgraças, lamentos, vidas severinas tangidas pela morte que muitas vezes por motivos das “excelências” pareceram-lhe festivas.

Silvestro mantém contato com a morte e dialoga até mesmo com o espírito do irmão morto na guerra, sendo-nos possível a observação de cenas de delírio, exatamente por mostrar um comportamento alucinatório do narrador personagem.

“Como da primeira vez, eu o procurei durante alguns minutos, à esquerda, à direita, depois desisti. ‘Está muito escuro’, disse.

‘Pois é’, ele respondeu.

Sentei-me em cima de um túmulo, com a luz do morto ao lado.

‘Melhor sentar.’

‘Assim é melhor’, respondeu o soldado. ‘Ainda mais que temos o teatro.’

‘O teatro?’, eu exclamei. ‘Que teatro?’

‘Mas não me veio para o teatro?’, disse o soldado.

E eu: ‘Não sei de nada’.

E o soldado: ‘Ora, sente-se e vai ver... Eis que eles chegam’.

Eu: ‘Está falando sério? Não vejo ninguém...’,

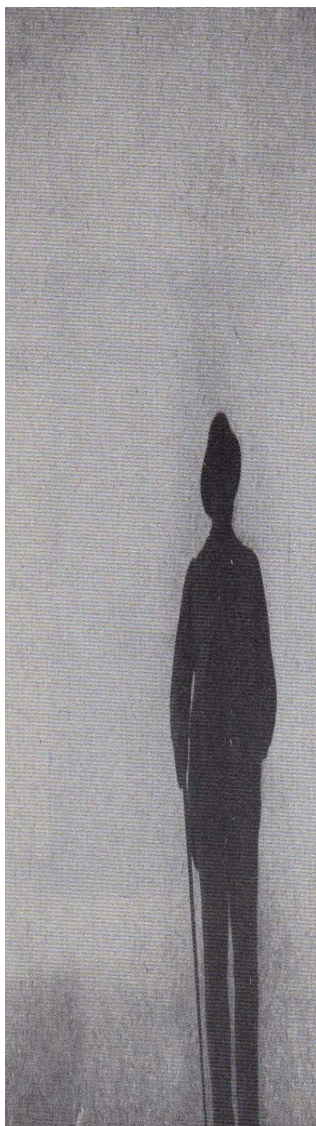
O soldado: ‘Talvez seja por causa do escuro’.

[ ... ]

O soldado: ‘Também eu represento’.

E eu: ‘Representa? Está representando agora?’.

O soldado: ‘Sempre. De trinta dias para cá’.





‘Mas não falou que brincava com seu irmão de onze anos?’, eu disse.

O soldado: ‘Sim. E falo com uma moça, podo uma videira, rego um jardim...’.

E eu: ‘Pois então?’.

O soldado não respondeu.

‘Pois então?’, eu insisti.

O soldado respondeu: ‘Ehm!’.

‘Ehm? Por que, ehm?’, gritei.

De novo o soldado não respondeu.

‘Você está aí?’, eu perguntei.

‘Estou’, respondeu o soldado.

[ ... ]

‘Ai de mim!’, respondeu ele. ‘Feito escravo, atravesso cada dia mais um campo de neve e sangue.’

‘Ah!’, gritei. ‘É isso que representa?’

‘Precisamente’, o soldado respondeu. ‘Tenho essa honra.’

Eu disse: ‘E sofre muito?’.

‘Muito’, disse ele, ‘por milhões de vezes’.

Eu: ‘Por toda palavra impressa, toda palavra pronunciada, por todo milímetro de bronze levantado’.

Eu: ‘Isso lhe faz chorar?’.

Ele: ‘Sim, me faz chorar’.

[ ... ]

Com voz humilde, perguntei: ‘Posso fazer alguma coisa para consolá-lo?’.

Ele tornou a responder que não sabia.

E sugeri: ‘Talvez um cigarro?’.

Procurei os cigarros no bolso, e acrescentei: ‘Aceita um?’.

‘Aceito’, ele respondeu.

(Foto 08)

Estendi o cigarro. ‘Tome’, disse-lhe.

Mas o cigarro ficou na minha mão. ‘Onde você está?’, chamei.

‘Estou aqui’, disse o soldado.

Eu me levantei, avancei um passo, dei outro passo, e sempre estendendo o cigarro, mas sempre o cigarro ficava na minha mão.

‘Afinal, quer ou não quer?’, gritei.

‘Eu quero, eu quero’, o soldado respondeu.

Gritei: ‘Então pegue’.

O soldado não me respondeu.

‘Pegue. Onde está?’, gritei.

O soldado não me respondeu mais. E continuei a gritar, comecei a correr, me achei fora do vale estreito, de novo no patamar da casa de minha mãe; vi que o cemitério estava muito longe de mim, lá embaixo, com suas luzes.” (C.S.ps.247/249/250/251)

Um fato que diferencia os dois autores é a precisão do tempo em Vittorini e ausência total em João Cabral. Naquele observamos o mês, o dia da semana, a hora, a data e até a estação do ano:

“Peguei a carta de meu pai, reli e olhei a folhinha: era 6 de dezembro,...”(C.S.p.17)

“... e vi que um trem partiria par o sul às sete, dali a dez minutos.”(C.S. p.18)

“Segui viagem e, lá pela meia-noite, em Florença.....pelas seis da manhã....no terminal de Roma, e por volta do meio-dia cheguei a Nápoles, [ ... ] Depois viajei no trem para a Calábria, recomeçou a chover, a anoitecer, e reconheci a viagem, [ ... ] O mar estava negro invernal, ...”(C.S. p.19)

“A manhã era de chuva, mas não chovia,...”(C.S. p.21)

“... via-se de repente em meio ao inverno marinho a torre do farol em viagem...”(C.S. p.22)

“Pelas três horas, sob o sol de dezembro, por trás do mar escondido...”(C.S. p.56)

“Assim tornamos a subir para fora e o céu estava escuro, soavam os sinos ao toque da Ave-Maria.”(C.S. p.211)

“Serenos era o ar frio e os sinos já não voavam mais pelo céu, silenciavam em seu ninho.”(C.S. p.217)

“Era noite sem a calma da noite, sem o sono;”(C.S. p.252)

“Esta foi a minha conversa na Sicília, durante três dias e as respectivas noites, terminadas como começaram.”(C.S. p.274)

Uma outra diferença marcante encontrada nas duas obras estudadas é o fato de Silvestro ser uma personagem viajada e culta, de muitas leituras desde a mais tenra idade, um leitor possuidor de um forte espírito crítico e ser filho de um funcionário público, deixando transparecer o autobiografismo que Vittorini insiste em negar. Contudo se faz marcante quando Silvestro afirma:

“Faz quinze anos que percorro a Itália... Morei em Florença, em Bolonha, em Turim, e vivo em Milão...”(C.S.ps.38/39)

“ ‘Em Terranova?’ , eu disse.

Lá havia lido as *Mil e uma noites* e tantos livros, de velhas histórias, de velhas viagens, aos sete e oito e nove anos, e a Sicília era também isso aí, *Mil e uma noites* e velhos vilarejos, árvores, casas, gente de velhíssimos tempos por meio dos livros. Depois esqueci, na minha vida de homem, mas tinha dentro de mim , e podia recordar, reencontrar. Feliz de quem pode reencontrar!

É uma sorte ter lido quando se era menino. E dupla sorte ter lido livros de velhos tempos e velhos países, livros de história, livros de

viagens e as *Mil e uma noites*, em especial. Pode-se recordar também aquilo que se leu como se de alguma maneira o tivesse vivido, e tem-se a história dos homens e todo o mundo em si, com a própria infância; Pérsia aos sete anos, Austrália aos oito, Canadá aos nove, México aos dez, e os hebreus da Bíblia com a torre da Babilônia e David no inverno de seis anos, califas e sultões em um fevereiro ou um setembro, no verão as grandes guerras com Gustavo Adolfo etc. pela Sicília-Europa, em uma Terranova, uma Siracusa, enquanto todas as noites o trem leva embora soldados para uma grande guerra que é todas as guerras.

E tive a sorte de ler muito em minha infância, e em Terranova a Sicília significava para mim também Bagdá e o Palácio das Lágrimas e jardim de palmitos. Naquela cidade eu li as *Mil e uma noites* e outros livros, em uma casa que era cheia de sofás e filhas de um amigo qualquer do meu pai, e lembro a nudez da mulher, como a de sultanas e odaliscas, concreta, certa, coração e razão do mundo.”(C.S. ps.180/181184)

Severino é inculto, rude, lavrador de nascença, filho de pais pobres e miseráveis, acostumado à dureza, à escabrosidade da terra, como os seus camaradas nordestinos:

“Somos muitos Severinos  
iguais em tudo e na sina:  
a de abrandar estas pedras  
suando-se muito em cima,  
a de tentar despertar  
terra sempre mais extinta,  
a de querer arrancar  
algum roçado da cinza.” (M.v.s.pg.46)

Uma outra diferença que merece nossa atenção é o fato de João Cabral, através da construção ficcional de Severino, em nenhum momento referir-se ao modo de vestir-se de sua gente. Vittorini, através de Silvestro, refere-se de vez em quando aos agasalhos, aos xales, aos sobretudos usados por suas personagens, fato reforçado pelas fotografias que tão bem ilustram a obra. São

sempre roupas muito pesadas e de cores muito escuras, muito próximas do preto.



(Foto 09)

É diferente também a maneira como os dois autores abordam a viagem, com características totalmente diversas, merecendo assim um destaque especial. Severino foge da terra, distancia-se de suas origens em busca de um

sentido para sua vida. Silvestro, faz o contrário, volta à sua terra natal com o firme propósito de dar um sentido para sua vida, de reencontrar a sua própria origem familiar, sua mãe, numa alusão ao mito da deusa-mãe. Para Silvestro, a viagem, além de ser um reencontro com a sua identidade de siciliano do sul, é também um mergulho num mundo que estava esquecido e que lhe volta



através da memória, fazendo-o reviver a infância e a adolescência de 15 ou 20 anos atrás.

“Era assim, minha mãe; a recordação do que era quinze anos atrás, vinte anos atrás, quando ficava esperando saltarmos do trem de carga, jovem e terrível, com um pau na mão; a recordação, e o tempo tão distante, e tudo o mais, enfim, duas vezes real. Examinava o arenque, erguendo-o de um lado, do outro, sem estar queimado em nenhum lugar, mas inteiramente tostado, e também o arenque era isso, a recordação e tudo o mais. E isso era tudo, a recordação, o sol, o frio, o braseiro de cobre no meio da cozinha, e a posse pela minha consciência daquela parte do mundo onde me encontrava; tudo era assim, real duas vezes; e talvez por isso sentir-me ali não era indiferente para mim, viajar, por isso era duas vezes real, a própria viagem de Messina para baixo, as laranjas na barca, e o Grande Lombardo no trem, e Com-Bigodes e Sem-Bigodes, e o verde pálido e Siracusa, a própria Sicília, afinal, tudo duas vezes real, e em viagem, quarta dimensão.”(C.S.p.71)

A maior de todas as diferenciações se deve à caracterização das obras analisadas. Ambas as narrativas possuem um fio condutor que organiza o enredo de cada história. Uma organizando e estruturando em versos, a outra adota a forma convencional da prosa, conservando ambas o caráter ficcional e romanesco. *Morte e vida severina* é um poema dramático, em alguns momentos de tons líricos, apresentando um ambiente social insólito, através de versos marcados em sílabas de acento popular, às vezes livres, mas que não dispensam o ritmo interno com rimas bem acentuadas, expressando a melodia das linguagens do povo. *Conversa na Sicília* é um romance de estrutura moderna, apresentando uma narrativa com dois vieses, aquele de



memorialismo, e o outro o da travessia do mundo ultrajado, recordando os tipos característicos de uma sociedade marcada pelo abandono. Enquadra-se perfeitamente no conceito de “nouveau roman”, uma vez que a temática da viagem como busca e travessia na dispersão do sujeito que tenta se reencontrar, em meio à despersonalização do pós-guerra faz com que *Conversa na Sicília* lembre em alguns momentos, a viagem de *A Modificação*, de Michel Butor, um dos ícones do novo romance francês, herdeiro das transformações ficcionais do modernismo europeu.

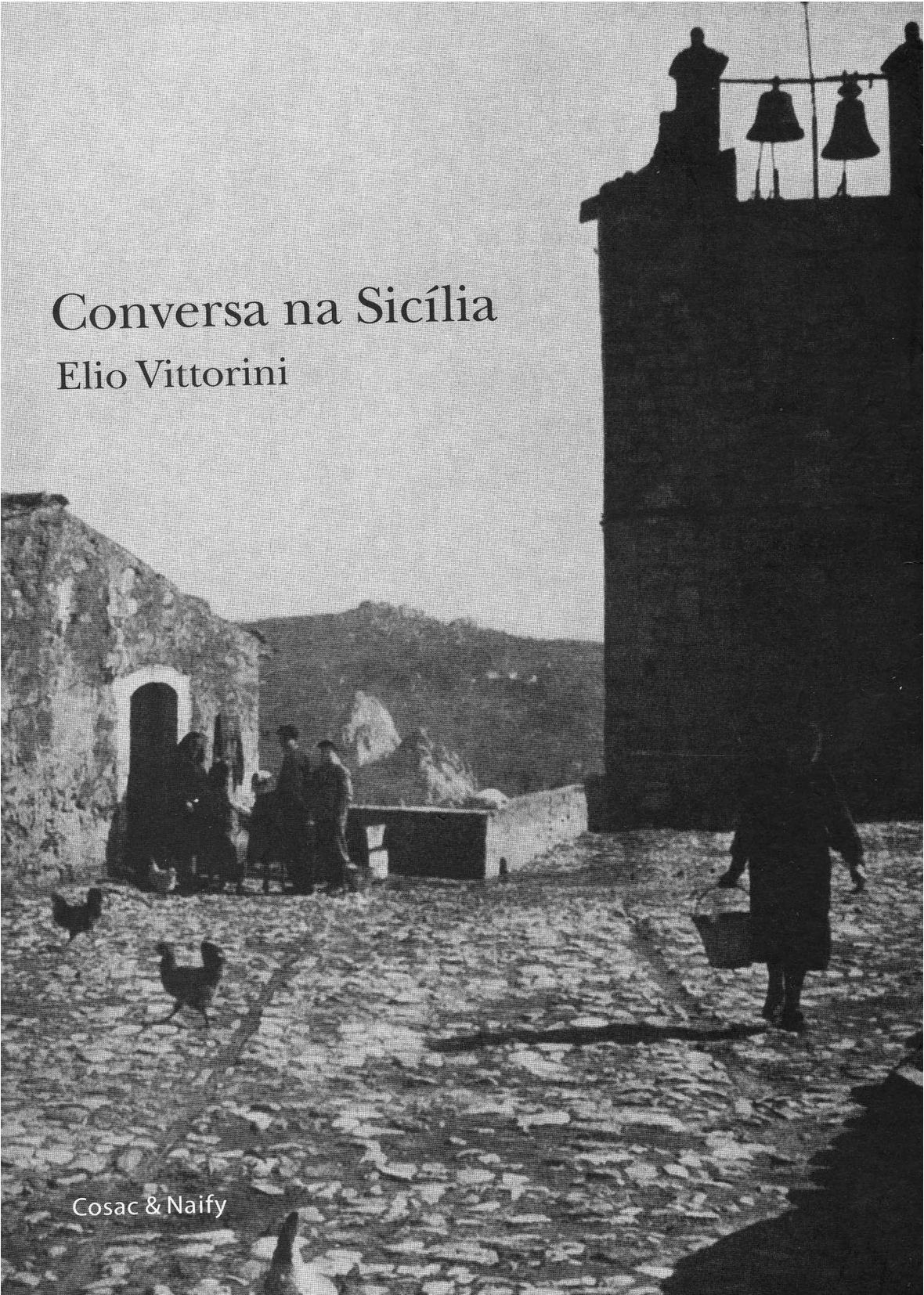
Vittorini, por intermédio de Silvestro, muitas vezes mantém um monólogo interior no qual busca encontrar saída para os males do mundo ultrajado e da humanidade perdida.

Severino, em nenhum momento, se questiona a respeito da ideologia dominante, até porque não tem discernimento para tal. Refere-se a ela, mas somente como o *modus vivendi* em seu meio.

Podemos concluir esta parte, no que diz respeito a João Cabral, com a alusão que Maurice Blanchot faz a Rilke ao dizer: “Numa passagem de Malte, Rilke diz que “os versos não são sentimentos, são experiências. Para escrever um único verso, é preciso ter visto muitas cidades, muitos homens e coisas...”<sup>30</sup>. Com relação a Vittorini, podemos nos fundamentar no pensamento naturalista de Zola ao afirmar que “um autor se expressa pelo estilo que ele elegeu e pelo tema que o norteia.”<sup>31</sup>

<sup>30</sup> In. BLANCHOT, Maurice. *O Espaço Literário*. Rio de Janeiro: Rocco, 1987, p.76

<sup>31</sup> FERNANDES, Ronaldo Costa. *O Narrador do Romance: e outras considerações sobre o romance*. Rio de Janeiro: Sete Letras, 1996, p.75.

A black and white photograph of a Sicilian courtyard. In the foreground, a woman in a dark dress carries a basket. To the left, a group of people sits near a stone building with an arched doorway. In the background, a tall bell tower with two bells is silhouetted against the sky. The ground is paved with irregular stones.

# Conversa na Sicília

Elio Vittorini

Cosac & Naify

# MORTE E VIDA SEVERINA

E OUTROS POEMAS EM VOZ ALTA

15ª EDIÇÃO



JOÃO  
CABRAL  
DE MELO  
NETO

LIVRARIA JOSÉ OLYMPIO EDITORA



CA 330  
/ 67



(Fichi d'india, de Guido Bugli)

## INTRODUÇÃO

Elio Vittorini é um dos famosos escritores italianos do século XX e é considerado pelos críticos um dos precursores do neo-realismo italiano que se afirma, particularmente no decênio compreendido entre 1940-1950<sup>1</sup>. Em sua narrativa, podemos presenciar uma realidade social precária e em *Conversa na Sicília*, publicado em 1941 pela editora Bompiani de Milão temos a oportunidade de assistir a um regionalismo com características universais, vez que trata do ser humano relegado às intempéries tanto do próprio homem que não trata seus semelhantes com o devido respeito, como da natureza dura e áspera, deixando o “homem”, no dizer do próprio Vittorini, “transcorrer uma humanidade miserável e embrutecida, doente e derrotada, vítima do mal que ofende o mundo, da dor universal reconhecida nesse ângulo acidentado e quase sem vida da Sicília ... que poderia ser a Pérsia, ou a Venezuela ou qualquer lugar, sob qualquer latitude, onde quer que um homem tente oprimir um outro homem.”<sup>2</sup>, daí as características regionais alcançarem uma generalização de feição universal.

O *modus vivendi* no interior da Sicília, em termos de progresso e qualidade de vida é muito semelhante ao da nossa realidade nordestina. Eis o porque do nosso interesse em elaborar tal trabalho comparativo entre Elio Vittorini e João Cabral de Melo Neto, pelo fato de ambos descreverem o

---

<sup>1</sup> RICCI, Carlo e SALINARI, Carlo. *Storia della Letteratura Italiana (con antologia degli scrittori e dei critici)*. Roma-Bari: volume terzo, tomo secondo, Editori Laterza, 1981, p.1357.

<sup>2</sup> “...scorre così un’umanità misera e abbrutita, ammalata e sconfitta, vittima del male che offende il mondo, di quel dolore universale riconosciuto in questo angolo aspro e spento di Sicilia che... potrebbe essere Persia o Venezuela o ovunque sotto ogni latitudine, ovunque dove un uomo tenti di sopraffare un altro uomo.” Apud DE NICOLA, Francesco. *Introduzione a Vittorini*. Roma-Bari: Edizioni Laterza, 1993, p.70.

modo de vida da gente simples e inculta de uma região árida e subdesenvolvida, com uma linguagem substantiva, carregada de desesperança e resignação e, sobretudo, quando questionam a força do homem diante da fome, diante da impossibilidade de mudar o que ali está, na simplicidade dos personagens imersos na luta do oprimido pelo opressor.

É possível a constatação da ideologia reinante naquela região, partindo da observação das relações entre o homem e o meio ambiente e as sensações advindas desta convivência.<sup>3</sup>

Antônio Cândido afirma que “a arte, e portanto a literatura, é uma transposição do real para o ilusório por meio de uma estilização formal, que propõe um tipo arbitrário de ordem para as coisas, os seres, os sentimentos.”<sup>4</sup> Com base nessa afirmação temos o firme propósito de analisar a reconstrução do real, do sul da Itália (Sicília) em *Conversa na Sicília* e do nordeste brasileiro (Pernambuco) em *Morte e vida severina*, para o mundo ficcional em ambas as obras. Ambas possuem uma sintaxe própria, com características que lhes são peculiares, onde nos será possível observar o meio social em que vivem suas personagens, seus hábitos, seus costumes, sua maneira de sobrevivência, numa verdadeira fusão do “texto e contexto numa interpretação dialeticamente integrada” nos dizeres do mesmo Antônio Cândido.<sup>5</sup>

Adotamos também o pensamento de Lukács ao analisarmos o “fator social” observando que este é realmente determinante do valor estético da

---

<sup>3</sup> CHAUI, Marilena. *O que é ideologia*. São Paulo: Editora Brasiliense, 6ª ed., 1981, p.25.

<sup>4</sup> CANDIDO, Antonio. “Estímulos da criação Literária”. In: *Literatura e Sociedade*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2ª ed., 1967, p.64.

<sup>5</sup> CANDIDO, Antonio. “Crítica e Sociologia”. In: *Literatura e Sociedade*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2ª ed., 1967. p.4.

obra pois constitui-se em elemento essencial no desenvolvimento do enredo.

Procurar-se-á verificar em que medida as obras em estudo espelham, ou melhor, representam a sociedade operária do sul italiano e aquela do nordeste brasileiro, como são descritos os seus vários aspectos. Observar-se-á também a função social de ambos os escritores na tentativa de visualizar a sua posição com a natureza de sua obra dentro da organização social retratada por elas. Dar-se-á também importância às influências do meio ambiente sobre as obras em estudo, levando em conta o fato de ambas serem expressão das sociedades acima referidas, bem como pelo fato de trazerem a tona os problemas sociais e os fatores sócio-culturais que afetam os seus componentes, deixando transparecer a ideologia de ambas as sociedades. Confirma-se assim a verdade que Madame Staël, na França foi a primeira a formular sistematicamente que “a literatura é também um produto social, exprimindo condições de cada civilização em que ocorre.”<sup>6</sup>

Assim sendo, é neste prisma literário que pretendemos desenvolver o nosso trabalho, na tentativa de analisar as aproximações e as diferenças entre os dois autores em questão, de um ponto de vista comparativo, para o exame da linguagem, das questões temáticas e ideológicas que nos possibilitam a observância da estratificação social e cultural presente nas duas obras em apreço. Para tal, tomaremos por base a proposta teórica do tcheco Dionys Durisin que “apoiado nos princípios do estruturalismo de Praga, formulou uma metodologia que muitos consideram um “modelo” inovador”<sup>7</sup>, além de ser ele, entre os teóricos modernos, aquele que considera que “o objetivo da literatura comparada é a compreensão da

<sup>6</sup> CANDIDO, Antonio. “A literatura e vida social”. In : *Literatura e Sociedade*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2ª ed., 1967.p.23

<sup>7</sup> CARVALHAL, Tânia Franco. *Literatura Comparada*. São Paulo: Ática, 1986, p.40.

essência tipológica e genética do fenômeno literário como um fenômeno concreto da História e ao mesmo tempo como um fenômeno geral, sem se considerar sua história específica.”<sup>8</sup>

Tal estudo possibilitará uma visão da obra de João Cabral de Melo Neto, especificamente *Morte e vida severina*, do ponto de vista temático, levando em conta as contingências culturais, econômicas, sociais e políticas nordestinas versus aquelas de Vittorini na Sicília, oportunizando ao leitor, através do estudo comparatista, ter uma maior conscientização de fatores sociais comuns, nas duas obras, que muitas vezes passam despercebidas quando vistas somente numa versão. Esperamos que a pesquisa desperte a curiosidade pela leitura da obra traduzida de Vittorini, que tem recebido muitos elogios dos críticos brasileiros. Pretendemos contribuir, sobretudo, para o incentivo da leitura de obras literárias e o conhecimento do universo de uma outra cultura, estabelecendo o paralelismo quer estilístico, quer cultural entre as duas obras inseridas no seu universo, fortalecendo, assim, a função humanista da literatura comparada, além de ajudar a compreender os processos de identidade entre as duas Literaturas: a brasileira e a italiana, no tangente à literatura regionalista, de acordo com o pensamento de Ana Pizarro, utilizando as idéias constantes em sua comunicação *Sobre las Direcciones del Comparatismo em América Latina* apresentada no X Congresso da Associação Internacional de Literatura Comparada, realizado em Nova Iorque, em 1982.

*Conversa na Sicília*, como *Morte e vida severina*, obteve sucesso logo no lançamento. Embora sendo considerado um romance de difícil leitura, tendo em vista que os acontecimentos não possuem um fio lógico e linear de desenvolvimento, mas as ações se justapõem e o leitor comum

<sup>8</sup> NITRINI, Sandra. *Literatura Comparada: história, teoria e crítica*. São Paulo: EDUSP. 1997, p.90.



não está habituado a este tipo de enredo, o romance não é trabalhado nas escolas italianas.

*Conversa na Sicília*, tendo tido a sua primeira versão lançada em fascículos na revista florentina “Letteratura” entre 1938 e 1939, despertou interesse de imediato por ser, além de um romance real, um ensaio, uma verdadeira análise da amarga situação social da gente da ilha e dos oprimidos em geral, tendo como pano de fundo histórico o fascismo e a guerra civil espanhola com suas conseqüências sobre a população humilde e trabalhadora. Teve uma sua primeira edição em número limitado, intitulada *Nome e Lacrime* em 1941 pela editora Parenti, também, de imediato, esgotada, seguindo-se, no mesmo ano, uma nova edição já com o título definitivo de *Conversazione in Sicilia*, pela editora Bompiani de Milão e, imediatamente, duas outras reedições em 1942, ano fatídico, que levou Vittorini a ser interrogado pela polícia fascista, tendo como conseqüência o seqüestro do romance. Embora já tivesse sido publicado em revistas e jornais que Vittorini era um dos expoentes máximos da sua geração, a censura do regime fascista agiu fortemente sobre o romance por considerá-lo uma obra revolucionária e ofensiva ao pudor. Uma nova reedição, desta vez, coordenada pelo próprio Vittorini, ilustrada com a colaboração fotográfica de Luigi Croceni e Giacomo Pozzi Bellini, foi levada a cabo pela mesma editora Bompiani em 1954. É esta a edição que Cosac & Naify lançou no Brasil, com tradução do escritor Valêncio Xavier e de Maria Helena Arrigucci, sobre a qual nos debruçamos para a realização do nosso trabalho.

Em 1998, o livro foi adaptado para o cinema pelos diretores cinematográficos Jean-Marie Straub e Daniele Huillet com o nome

exclamativo “Sicília”. No Brasil, o filme recebeu o título “Gente na Sicília” e obteve um grande sucesso de crítica e de público.<sup>9</sup>

*Conversa na Sicília* possui uma estrutura romanesca que o diferencia dos romances de então. É um romance que possui cinco partes distintas, constituindo as etapas de uma viagem geográfica que se torna psicológica, psicoanalítica, moral, social e que, de vez em quando, depois de algumas paradas, põe novamente as rodas em ação. Estas etapas até parece terem sido escritas para serem representadas, vez que cada uma tem o seu prólogo, a demarcação do tempo e espaço dos personagens.

*Morte e vida severina*, por ser um *auto*, possui duas partes distribuídas em dezoito jornadas ou atos. A primeira parte é composta por treze jornadas, onde são apresentadas ao leitor as mortificações e infelicidade da viagem do personagem narrador. A Segunda retrata o episódio central do auto e é composta de cinco jornadas: encontro, louvação, previsões das ciganas e presentes ao recém-nascido. Em seguida vem um arremate, uma espécie de conclusão, que conjuga as duas partes.

Em ambas as obras é muito forte a influência da península ibérica. João Cabral tem fortes ligações com a Espanha e foi lá que passou boa parte de sua vida como embaixador do Brasil. Da Espanha transportou idéias e as inseriu em muitas passagens do seu auto de natal, como ele próprio afirma: “.Com *Morte e vida severina*, quis prestar uma homenagem a todas as literaturas ibéricas. Os monólogos do retirante provêm do romance castelhano. A cena do enterro na rede é do folclore catalão... A conversa com Severino antes de o menino nascer obedece ao modelo da

---

<sup>9</sup> LEITE NETO, Alcino. “O mundo ultrajado”. In: *Jornal de Resenha. Em*, 08/03/2003.

tenção galega.”<sup>10</sup> O humor negro presente nos versos - *Mais sorte tem o defunto / irmão das almas / pois já não fará na volta / a caminhada* - é conseqüência de uma história que o escritor ouvira na Espanha de que o general Franco “mandava fuzilar seus inimigos num lugar chamado Sória, que é o mais frio do país. Conta-se que, um dia, um condenado virou-se para os soldados que iriam fuzilá-lo e disse: “Puxa, como faz frio neste lugar.” Ao que um dos soldados respondeu: “Sorte tem você, que já não precisa fazer o caminho de volta.” Foi assim que essa frase foi parar no meio de *Morte e vida severina*, afirma o próprio autor.\* Este fato toma cada vez mais veracidade nas palavras do autor ao afirmar: “Minha poesia é um esforço de “presentificação”, de “coisificação” da memória”\*

Já Vittorini, declarada a guerra civil espanhola, e depois da adesão da Itália ao regime franquista, rebela-se contra o fascismo e conclama os fascistas italianos, aqueles a quem ele chama de “veri rivoluzionari”<sup>11</sup> a tomarem parte na guerra espanhola contra o ditador Franco. Este fato provoca a sua expulsão do Partido Fascista e o leva à escritura de *Conversa na Sicília* onde procura apresentar características desumanas de sua região, que são vividas por todo o “mundo ultrajado” presente não só na Sicília, mas em todo o mundo ibérico sob o comando absolutista. No tangente ao estilo, *Conversa na Sicília* tem fortes influências da literatura norte-americana, devidas ao fato de Vittorini ter sido seu tradutor.

A inspiração para a escritura de *Morte e vida severina* veio depois de seu autor ter lido numa revista em Barcelona, que na Índia a média de vida era de 29 anos, o que significava um ano a mais que a perspectiva de vida

<sup>10</sup> <http://fredbar.sites.uol.com.br/mvsint.html>, p.2. Em 16/07/03.

\*(\*) CADERNOS DE LITERATURA BRASILEIRA. João Cabral de Melo Neto. São Paulo: Instituto Moreira Sales, 3ª reimpressão, nº 1, 1998, p.27.

\*(\*) Idem, Ibid. p.31

<sup>11</sup> verdadeiros revolucionários

do recifense. Daí então a estupefação que o levou à conclusão de que “Recife contrastava com a sua pobreza comparável à de Bangladesh”<sup>12</sup> Tal estupefação o levou a escrever *O Cão Sem Plumaz* de imediato e *Morte e vida severina* depois de ter recebido de Maria Clara Machado a encomenda de um auto de Natal. Maria Clara Machado devolveu o auto por não ter condições de representá-lo.

João Cabral explica as condições de publicação : “Como o poema era grande e José Olímpio queria lançar minha primeira antologia, cortei as marcações para o teatro e incluí *Morte e vida severina* no livro para dar volume.”<sup>13</sup> Ambas as obras são fruto da vivência de seus autores, João Cabral no Recife, Elio Vittorini na Sicília.

*Morte e vida severina* tem como inspiração a cidade de Recife e, nas palavras do próprio João Cabral, “ Sempre escrevi poemas sobre o Recife longe da cidade. Eu não precisava estar lá para recriar o universo sobre o qual falo em meus poemas.”<sup>14</sup>

Embora sendo gêneros diferentes, muito nos interessou estabelecer um estudo comparativo por serem ambas as obras reveladoras e porta-voz de uma realidade cruel que, não obstante em continentes diametralmente opostos, tanto no que diz respeito à civilização cultural, quanto ao desenvolvimento econômico, porém semelhantes no desenvolvimento econômico e geográfico regional.

---

<sup>12</sup> <http://fredbar.sites.uol.com.br/mvsint.html>, p.1.Em 16/07/03

<sup>13</sup> Idem Ibid à nota 12.

<sup>14</sup> Idem Ibid à nota 12.

Ambos os autores João Cabral de Melo Neto, como poeta, com seu poema *Auto de Natal Pernambucano* e Elio Vittorini, como romancista, com o seu *Conversa na Sicília*, teceram suas obras com intuito de transformar o leitor/espectador em leitor/crítico. Numa tentativa de despertar o leitor para sair de sua passividade diante da situação que o circunda, que reina em seu mundo, em sua região, e agir no sentido de melhorar o meio, as condições sociais, os relacionamentos humanos em todos os sentidos e tornar-se um espectador crítico consciente do seu meio com suas circunstâncias.

Os dois autores inserem seus leitores/espectadores em universos ficcionais carregados de veracidade numa tentativa de despertá-los para a realidade circunstancial reinante.

João Cabral quer deixar patente o problema da seca com seu êxodo e suas conseqüências malélicas de desagregação social e falência, que culminam com a criação da verdadeira “Indústria da seca”. Tal episódio perdura desde o Império até nossos dias e as autoridades competentes nada fazem para mudar esse quadro de penúria.

Elio Vittorini tenciona despertar os seus leitores para os males do mundo (a guerra e os regimes autoritários), chamando-lhes atenção para o subdesenvolvimento em que se encontra o camponês de sua região a Sicília, para os maus tratos aos quais estão submetidos os seus compatriotas, para a inexistência de uma saúde pública atuante, e a ausência de saneamento básico tão necessários, enfim, da miséria reinante ali.

Nossa pesquisa será desenvolvida em três capítulos onde estudaremos de maneira mais detalhada as obras em apreço sua contextualização no cenário político-social e histórico, visando a estabelecer o elo de ligação, ou seja, onde se processam a convergência e a divergência. Onde elas são símiles e onde são díspares, além da contextualização geográfica de ambas, os fatores externos que influenciaram os autores para a concepção das duas obras. Dado que tanto uma quanto a outra são fruto de realidades distintas, porém muito próximas, no tangente ao aspecto social que influencia nas ações de suas personagens e são caracterizadoras de suas emoções. Ambas são ligadas a regiões muito semelhantes e díspares ao mesmo tempo. Nossa intenção é aquela de filtrar através de uma concepção estética os elementos de ordem social, para entender a singularidade e a autonomia da obra, segundo o pensamento de Antônio Cândido.<sup>15</sup>

No primeiro capítulo analisaremos as Similitudes e as Diferenças entre *Conversa na Sicília* e *Morte e vida severina* tentando estabelecer o elo que une as duas obras.

No segundo capítulo trataremos dos temas recorrentes nas duas obras em análise. O modo como se comportam suas personagens diante da situação que ali está, sua conformação, seu desengano e sua impotência.

No terceiro capítulo serão analisados os traços culturais característicos das duas regiões: nordeste brasileiro (Pernambuco) e sul italiano (Sicília), o *modus vivendi* de povos tão longínquos e tão próximos no sofrimento, na desilusão e na ideologia dos poderosos.

---

<sup>15</sup> Apud AQUINO. Marclely Pinheiro de. *Caminhos Didáticos: o social e o histórico nos Autos de João Cabral de Melo Neto*. Fortaleza: janeiro de 2003. (Dissertação de Mestrado- UFC)

Através da nossa pesquisa tencionamos analisar o processo pelo qual os dois autores apresentam suas denúncias transportando o real para o ficcional, numa tentativa de despertar o leitor para a sua obrigação como ser social e co-responsável pela manutenção da ideologia e do *status quo* predominante, tanto aqui no nordeste brasileiro, quanto lá no território italiano, como também passar a ser um crítico da sociedade na qual ele, leitor, está inserido.



## LEITURAS PARA UMA COMPREENSÃO DE ELIO VITTORINI E JOÃO CABRAL DE MELO NETO

Elio Vittorini nasceu em Siracusa, no sul da Itália, na região da Sicília, em 23 de julho de 1908, sendo o primogênito de uma prole de quatro filhos. Seu pai, Sebastiano, o iniciou na leitura antes mesmo da idade escolar, talvez porque era forçado a viver num processo contínuo de transferências ou mesmo visitas contínuas às localidades da Sicília, por onde passava a ferrovia, ora na costa, ora nas montanhas da Sicília central. Nestas localidades, Vittorini desenvolveu as primeiras leituras que o influenciaram por toda a vida como *As mil e uma noites* e *Robson Crosué*. Destas obras absorveu o espírito de aventura que o acompanhará durante toda a sua produção literária.

Começou sua carreira literária aos dezenove anos, incentivado por Curcio Malaparte. Logo tornou-se colaborador da revista florentina “Solaria”. Solariano significava ser antifacista, europeísta, universalista e antitradicionalista. Tinha como seus opositores Giovanni Papini e Farinacci, que chamavam os solarianos de “Judeus Sujos”, pelo fato de acolherem escritores de religião hebraica, além de falarem bem de Kafka e Joyce. Em 1930, atuou como corretor de rascunhos, que seriam publicados pelo jornal diário “La Nazione” de Florença. Ali, com um colega de imprensa, aprendeu o inglês, que muito lhe servirá na atuação como tradutor depois que, por motivo de saúde, deixou o jornal. Em 1936, sendo ameaçado pela polícia, o Partido Fascista resolveu expulsá-lo, e neste ano, estoura a Guerra Espanhola. O fascismo já tinha invadido a vida do país, com abrangência em todos os setores. Em 1938, Vittorini se estabelece em Milão, e nesta cidade permanece. Foi nesse período de residência milanesa, que se processaram as traduções dos autores da Literatura Americana como D.H. Lawrence, E.A.Poe,



W.Faulkner, J.Steinbeck, W. Saroyan, D.De Foe, J. Fonte, vindo a coroar-se com a publicação, em 1941, da Antologia Americana, pela editora Bompiani, onde terá uma significativa produção literária, além da direção de duas colunas desta editora como: “Corona” e “Pantheon”. Também, neste ano, foi publicado *Conversa na Sicília*, com duas edições, ricas de inovação no tangente à linguagem e às construções sintáticas, ou seja, com a predominância da coordenação e de frases curtas, influências diretas da Literatura Norte-Americana, que ele tão bem soube reelaborar. A segunda edição foi criticada como carregada de derrotismo. No que diz respeito à edição norte-americana, esta só teve sua publicação autorizada totalmente sem comentários, nem adaptações, fato que fez Emilio Cecchi providenciar um prefácio especial em substituição àquele de Vittorini.

Em 1943, com poucos meses de filiação ao Partido Comunista Italiano, Vittorini foi preso durante alguns meses na prisão San Vittore onde permaneceu até os dias do armistício. Durante a ocupação alemã, Vittorini participou da Resistência, colaborando com a imprensa clandestina, tendo sido obrigado a esconder-se e a participar da experiência partigiana<sup>i</sup>, experiência esta que o levou a escrever *Uomini e no*, que só foi publicado em 1945, depois da Liberação, que o fez tornar-se diretor, por algum tempo, da redação da Revista *Unità*, em Milão. Finalmente, fundou a revista cultural *Il Politecnico*, que terá duração até 1947. Sendo Vittorini muito envolvido com a política, e, sempre fazendo críticas à situação reinante, suas críticas foram consideradas muito severas e resultou na extinção da revista e na sua expulsão do Partido Comunista Italiano.

---

<sup>i</sup> Partigiano – pertencente à formação armada irregular que desenvolve ações de guerrilha no território nacional, invadido pelo inimigo. Durante a segunda guerra mundial, assim era designado quem pertencia aos movimentos de resistência contra as forças nazifacistas.

Em 1951, como crítico literário, Vittorini torna-se um grande caçador de novos talentos e, através da coluna da editora Einaudi, incentiva os novos escritores, o que dura até 1958. Dirigiu ainda colunas na editora Mondadori, o jornal o *Novo Politécnico*, junto à editora Einaudi até 1965. Foi promotor cultural do jornal *Il Menabó*, de 1961 a 1966, ano de sua morte, em 12 de fevereiro, com 57 anos completos.

No que diz respeito a João Cabral de Melo Neto, nasceu em Recife - Pernambuco, nordeste brasileiro, em 09 de janeiro de 1920, o segundo de sete filhos. Viveu até os dez anos, na zona rural em engenhos de açúcar, sempre no estado de Pernambuco. Transferida a família para Recife, João Cabral de Melo Neto ingressa no Colégio de Ponte d'Uchôa, dos Irmãos Maristas, onde permanece até a conclusão do curso secundário (hoje ensino médio), aos quinze anos de idade.

Muito cedo passou a conviver com os intelectuais da cidade que se reuniam ao redor do escritor e crítico Willy Lewin e do pintor Vicente do Rego Monteiro, recém-chegado de Paris. Faziam parte do grupo, entre outros escritores, Ledo Ivo e Gastão de Holanda.

Em 1940, transfere-se, juntamente com a família, para o Rio de Janeiro, onde “conhece Murilo Mendes, que o apresenta a Carlos Drummond de Andrade e a outros escritores e intelectuais que se reúnem no consultório do poeta e médico Jorge de Lima.”<sup>ii</sup>

A influência de Murilo Mendes se faz notar logo nos primeiros livros de João Cabral, sobretudo nos cortes surrealistas de algumas imagens. João Cabral assegura que a discussão e a convivência literária com outros poetas

---

<sup>ii</sup> CADERNOS DE LITERATURA BRASILEIRA. *João Cabral de Melo Neto*. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 3ª reimpressão, nº 1, 1998.

foram muito importantes no seu início de carreira como escritor. Afirma ainda que o prosaico e o poético estão juntos em *O Rio e Morte e vida severina*. Assim sendo, são textos de complexa pluralidade de interpretação.

Em 1941, apresenta a tese *Considerações sobre o poeta dormindo*, no Congresso de Poesia do Recife. Em 1942, lança seu primeiro livro *Pedra do sono*, às próprias custas; e, daí em diante, não para mais a sua produção literária, que teve influências várias, segundo depoimento do próprio João Cabral, em *Cadernos de Literatura Brasileira*.

Segundo o poeta, Recife e Servilha tornaram-se as bases de sua poesia: Recife, por ser a sua cidade natal e, Servilha, a cidade da Espanha onde atuou como embaixador, por duas vezes, e onde se sentia em casa.

Assegura que sua vida não pesa muito sobre sua obra poética e afirma que, no máximo, sua poesia contempla um pouco das culturas dos países por onde passou a serviço do Itamaraty, e, como conseqüência, a linguagem era uma decorrência dos temas construídos em cada lugar, cujos motivos lhe interessavam.

João Cabral confirma que recebeu influências dos poetas metafísicos ingleses e, com eles, aprendeu a técnica da discussão das metáforas; também foi influenciado por Pereira da Costa, ao ler *Folclore pernambucano*, principalmente, presente em *Morte e vida severina*.

Filosoficamente, confessa-se influenciado por Le Corbusier, que lhe revelou os cubistas e o geometrismo formal. O poeta assegura que com a queda do muro de Berlim, seu mundo ideológico caiu. Um outro poeta que influenciou João Cabral foi Paul Valéry, com sua “pregação da lucidez na

vontade de criar.” Outras influências recebidas por João Cabral foram: do arquiteto Lincoln Pizzie, de Joaquim Cardozo, calculista de Brasília que o influenciou com suas idéias, do poeta português Cesário Verde, por conta da ausência das discussões sobre retórica em sua poesia. Podemos também relacionar seu discurso à linguagem jornalística por apresentar uma linguagem concisa, popular, direta e objetiva:

“- Nunca esperei muita coisa,  
digo a Vossas Senhorias.  
O que me fez retirar  
não foi a grande cobiça;  
o que apenas busquei  
foi defender minha vida  
da tal velhice que chega  
antes de se inteirar trinta;  
se na serra vivi vinte,  
se alcancei tal medida,  
o que pensei, retirando,  
foi estendê-la um pouco ainda.”(M.v.s.ps.62/63)

“Vou dizer todas as coisas  
que desde já posso ver  
na vida desse menino  
acabado de nascer:  
aprenderá a engatinhar  
por aí, com aratus,  
aprenderá a caminhar  
na lama, com goiamuns,  
e a correr o ensinarão  
os anfíbios caranguejos,  
pelo que será anfíbio  
como a gente daqui mesmo.  
Cedo aprenderá a caçar:  
primeiro, com as galinhas,  
que é catando pelo chão  
tudo o que cheira a comida;  
depois, aprenderá com  
outras espécies de bichos:  
com os porcos nos monturos,  
com os cachorros no lixo.(Mv.s.p.76)



## I – SIMILITUDES E DIFERENÇAS ENTRE *CONVERSA NA SICÍLIA* E *MORTE E VIDA SEVERINA*

Vamos iniciar este capítulo chamando atenção do leitor para o confronto que podemos estabelecer entre os dois autores João Cabral de Melo Neto e Elio Vittorini, nas obras em estudo, partindo do princípio que o primeiro fala do lavrador nordestino imerso num ambiente social aspro e árduo permeado da secura pluviométrica diante da escassez de meios assistencialistas seja social, seja médico ou de sobrevivência como consequência do poder de mando dos poderosos, a quem agrada a manutenção do *status quo* predominante, onde o homem do povo é um “Zé ninguém”, a quem só restam a servidão e o trabalho árduo, enquanto o senhor dono da terra é o todo poderoso, o dono da situação.

“[ ... ]  
vivendo na mesma serra  
magra e ossuda em que eu vivia.  
[ ... ]  
morremos de morte igual,  
mesma morte severina:  
que è a morte de que se morre  
de velhice antes dos trinta,  
de emboscada antes dos vinte,  
de fome um pouco por dia  
(de fraqueza e de doença....”(M.v.s.p.46)  
“- Onde a Caatinga é mais seca,  
irmão das almas,  
onde uma terra que não dá  
nem planta brava.”(M.v.s.p.47)  
“- Ter uns hectares de terra,  
irmão das almas,  
de pedra e areia lavada  
que cultivava.  
[ ... ]

- Nos magros lábios de areia,  
irmão das almas,  
dos intervalos das pedras,  
plantava palha.”(M.v.s.p.48)  
“- Pois fui sempre lavrador,  
lavrador de terra má;  
não há espécie de terra  
que eu não possa cultivar.  
[ ... ]  
mas até a calva pedra  
sinto-me capaz de arar.”(M.v.s.p.54)  
“mas o sol, de sol a sol,  
bem se aprende a suportar.”(M.v.s.p.56)

Vittorini fala de operários do sul italiano nas minas de enxofre e de agricultores que trabalham nos laranjais da Sicília. Todos imersos num meio social tal qual o nosso nordestino, porém ao invés do calor escaldante do sol é o frio enervante que maltrata e deixa os habitantes da região inertes e até mal cheirosos.

“... e eu observava o pequeno siciliano da mulher-menina descascar desesperadamente a laranja, e desesperadamente comê-la, com raiva e frenesi, sem nenhuma vontade, e sem mastigar, engolindo e como que amaldiçoando, os dedos banhados no suco frio, meio curvado ao vento, a pala do boné ensopado batendo contra o nariz.”(C.S.p.23)  
“Nenhum de nós está desempregado. Trabalhamos... Nos laranjais... Trabalhamos.”(C.S.p.26)  
“... abaixou-se e afrouxou um pouco o barbante do cesto, tirou uma laranja, e desesperadamente ofereceu-a, ainda curvado sobre as pernas dobradas, para a mulher e, após sua muda recusa, ficou desesperadamente humilhado com a laranja na mão, e começou a descascá-la para si, e a comê-la, ele, engolindo como se engolissem maldições.”(C.S.p.27)  
““Não senti a fedentina?”, disse o homem à minha frente. [ ... ]  
“A fedentina? Que fedentina?”, perguntei.  
“Como? Não está sentindo?”, ele disse.  
“Não sei”, respondi. “Não sei de que fedentina você está falando.”  
“Oh!”, ele disse. “Não sabe de que fedentina estou falando.”  
E voltou-se para os outros da cabina. ...  
Um, jovem, com um boné de pano leve e envolto num xale, de rosto amarelo, magro, miúdo; encostado na janelinha, sentado num ângulo em diagonal a mim. [ ... ]

O terceiro era um velhinho sem pêlo no rosto, e escuro, com a pele coriácea, de escamas cúbicas como de tartaruga, e incrivelmente pequeno e seco: uma folha seca.”(C.S.ps.46/47)

Ambos os escritores associam, ou seja, situam suas obras num ambiente social verídico “fundindo texto e contexto numa interpretação dialeticamente íntegra.”<sup>16</sup> Vemos o externo (social) influenciando no modo de agir das personagens, no desenrolar da obra.

Uma das primeiras afinidades que podemos encontrar nos dois autores é o fato de ambas as obras referirem-se ao percurso de uma viagem, que, por suas especificidades, contêm as suas diferenças. Em Vittorini é bastante acentuado o cromatismo na descrição paisagística, enquanto que em João Cabral não é possível ao leitor a identificação de cores vivas. Tudo é apresentado quase que de maneira opaca, lúgubre.

Em Vittorini:

“... viajei e viajei, ao sol pela planície vazia, até que a planície cobriu-se de um verde pálido, e chegamos a Lentini, ao pé de longos declives verdes de laranjais e malária, e o rapaz embrulhado no xale desceu e tiritou de frio ao sol, na calçada deserta, descarnado pela malária.”(C.S.p.44)

“E no entanto já tinha passado Augusta com seu monte de casas mortas próximas ao mar, entre planadores e navios, entre salinas, ao sol, e Siracusa se aproximava, viajávamos, pelo campo deserto, ao longo do mar de Siracusa.”(C.S.p.49)

“Começaram a passar as estações, as casinhas de madeira, com o sol sobre o boné vermelho dos chefes de estação, e a mata se abria, se estreitava, figos-da-índia altos como forquilhas. As estações eram de pedra azul, cheias de figos-da-índia...”(C.S.p.56)

“... olhando a longa escadaria e no alto as casas e as cúpulas, e os declives de casas e rochas, e os telhados no vale esterito ao fundo, e a fumaça em uma ou outra chaminé, as marcas da neve, a palha, e um pequeno bando de garotos sicilianos descalços em cima da crosta

<sup>16</sup> CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade* (estudos da teoria e história literária). São Paulo: Cia. Editora Nacional, 2ª ed. 1967, p.04.



de gelo que cobria o chão, no sol, em volta da fonte de ferro fundido.”(C.S.p.59/60)

Em João Cabral:

“Mas não senti diferença entre o Agreste e a Caatinga, e entre a Caatinga e aqui a Mata a diferença é a mais mínima. Está apenas em que a terra é por aqui mais macia; está apenas no pavio, ou melhor, na lamparina: pois é igual o querosene que em toda parte ilumina, e quer nesta terra gorda quer na serra, de caliça, a vida arde sempre com a mesma chama mortíça.”(M.v.s.p.63)

“- Seu José, mestre carpina, que habita este lamaçal,...”(M.v.s.p.70)

“- Foi por ele que a maré fez parar o seu motor: a lama ficou coberta e o mau-cheiro não voou. - E a alfazema do sargaço, ácida, desinfetante, veio varrer nossas ruas enviada do mar distante.”(M.v.s.p.73)

Silvestro faz a viagem de trem, de barco, novamente de trem, de caminhonete e finalmente a pé, até chegar à casa de sua mãe, percorrendo a região talvez por intenção de seu autor, no intuito de fazê-lo diferente, de executar viagens diversas daquelas feitas por ele próprio, e na tentativa de torna-lo não autobiográfico. Elio Vittorini de dia visitava as cidades, de noite viajava, o que afirma com suas próprias palavras: “Eu partia para ver o mundo: queria conhecer o máximo possível dele e das pessoas da mesma

maneira que eu deles sabia através da leitura”<sup>17</sup>, numa alusão às viagens feitas por ele ao norte da Itália, utilizando-se das passagens a que tinha direito seu pai, como ferroviário que era. Tais viagens muito o impressionaram e levou-as na memória por toda a vida. Mesmo assim percebemos, mais uma vez, traços autobiográficos de Vittorini em Silvestro.



“... comprei a passagem de duzentos e cinquenta liras. ... Entrei na estação, sob as luzes, entre as locomotivas e os gritos dos carregadores, e começou uma longa viagem noturna. ... Segui viagem e, lá pela meia-noite, em Florença, mudei de trem, pelas seis da manhã mudei outra vez, no terminal de

Roma, e por volta do meio dia, cheguei a Nápoles, ... Depois viajei no trem para a Calábria, [ ... ] Adormeci, acordei e tornei a dormir, a acordar, finalmente estava a bordo da barca para a travessia até a Sicília.”( C.S.ps.18/19) [ ... ] “ Pelas três horas, sob o sol de dezembro, por trás do mar que rebentava escondido, o trenzinho, pequenos vagões verdes, entrava na garganta de um

<sup>17</sup> Apud. ZANOBINI, Folco. *Elio Vittorini* (Introduzione e guida allo studio dell’opera vittoriniana – storia e antologia della critica). Firenze:Le Monier,1980,p.18.

(Foto 01)

rochedo e depois na mata de figos-da-índia. Era a ferrovia secundária, na Sicília, de Siracusa para as montanhas: Sortino, Palazzolo, Monte Lauro, Vizzini,



(Foto 02)

Grammichele.”( C.S.p.56) [ ... ] “Estamos em Vizzini!....Ali era Vizzini e ali passei a noite, num quarto de hospedagem, que cheirava a alfarroba. [ ... ] e viajei,... em uma camionete, seguindo a torrente, de Vizzini, no alto de três vales estreitos, em direção ao ponto mais alto das montanhas, por três horas, até que alguém disse: “Neve”, e chegamos. ”Ora vejam”, pensei, “estou na casa de minha mãe!”, quando descí da caminhonete, ao pé da longa escadaria que levava aos bairros altos da terra de minha mãe.”( C.S.ps.

56/58/59) [ ... ] “...e cheguei à casa de minha mãe, reconheci a entrada e não era estranho para mim estar ali,... empurrei a porta e entrei na casa.” (C.S.p.63)

Sendo *Conversa na Sicília* um romance que transporta o real para a ficção por retratar a sociedade siciliana rural, podemos observar um percurso verídico de um passageiro que se desloca do norte ao sul da Itália com todas as suas etapas. É possível vivenciar a ansiedade e a emoção da personagem ao vislumbrar paisagens que lhe são tão caras e familiares, exatamente aquelas da



Sicília, principalmente ao se deparar com o lugar em que viveu grande parte de sua vida: infância e juventude.

Severino, em *Morte e vida severina*, faz a viagem a pé, percorre um Estado (Pernambuco), numa transposição da viagem dos pastores da natividade do Menino Jesus:

“Antes de sair de casa  
aprendi a ladainha  
das vilas que vou passar  
na minha longa descida.  
Sei que há muitas vilas grandes,  
cidades que elas são ditas;  
sei que há simples arruados,  
sei que há vilas pequeninas,  
todas formando um rosário  
de que a estrada fosse a linha.  
Devo rezar tal rosário  
até o mar onde termina,  
saltando de conta em conta,  
passando de vila em vila.  
Vejo agora: não é fácil  
Seguir essa ladainha;”( M.v.s.ps.50/51)

[ ... ]

“Mas não senti diferença  
entre o Agreste e a Caatinga,  
e entre a Caatinga e aqui a Mata  
a diferença é a mais mínima.”( M.v.s.p.63)

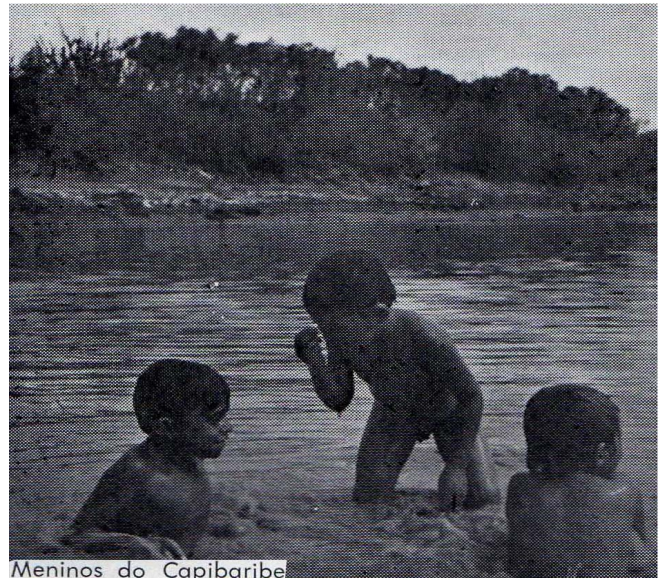
[ ... ]

“E chegando, aprendo que, nessa viagem que eu fazia, sem saber desde o Sertão, meu próprio enterro eu seguia.”( M.v.s.p.69)

[ ... ]

“e aquele acompanhamento de água que sempre desfila (que o rio, aqui no Recife, não seca, vai toda vida).”

( M.v.s.p.70)



Meninos do Capibaribe

(Foto 03)

Na segunda parte do romance, Silvestro em conversa com sua mãe relembram a paisagem agreste da Sicília de sua infância que continua quase intacta, muito semelhante ao nosso sertão nordestino.



“...Era um campo seco, cor de enxofre, e lembrei do grande zumbido do verão e do brotar do silêncio.....” Eram lugares de malária, quase sempre”, disse minha mãe. “ Aquela tremenda malária”, disse.

“Tremenda, realmente”, disse minha mãe.

E eu.” Com as cigarras...”. E pensei na floresta de cigarras que ficava além da rede elétrica, das janelas e da varanda, na solidão do sol, e disse: “Eu acreditava que eram as cigarras, a malária!”.

( C.S.ps.74/75 )

(Foto 04)





Neste diálogo é possível observar a sequeidão do solo acinzentado enquanto o nosso varia de cor, dependendo da sua caracterização, apresentando uma multifacetada coloração indo do branco arenoso ao vermelho. Podemos vivenciar o mesmo zumbido das cigarras, sonoridade tão característica nas nossas caatingas ressequidas pelo sol e pela pouca umidade do ar. Note-se a caracterização da paisagem com o seu campo cor de enxofre, infectada de malária.

Uma outra significativa similitude encontrada na obra dos dois autores deve-se ao fato de a personagem principal de ambas as obras em análise apresentarem índices de rudeza quando do nome que lhes é atribuído . **Silvestro**, em Vittorini – do latim *Silvestru(m)*, que diz respeito ao adjetivo *silvestre(m)*, isto é, pertencente, habitante do bosque (*silva*)<sup>18</sup> - caracteriza muito bem a personagem que, não sendo letrada e tendo pouca instrução, é capaz de questionar e sentir os queixumes daqueles que não conseguiram migrar para outras regiões e continuaram na mesma vida sem perspectivas, servindo àqueles a quem agrada o *status quo* reinante. De volta às suas origens, depois de 15 anos, a personagem é um mero observador da miséria, da fome, da desnutrição e dos infortúnios sofridos por sua gente:

“Eu tinha estado muito doente, durante meses, algum tempo atrás, e conhecia com profundidade como é estar doente, esta profunda miséria na miséria do gênero humano operário, especialmente

---

<sup>18</sup> Tradução nossa do ZINGARELLI, Nicola. *Vocabolario della Lingua Italiana*. Bologna: Zanichelli editore, 12ª ed., 2000.

quando se está na cama já há vinte dias, ou trinta, e nos resta ficar, entre quatro paredes, nós e as roupas de cama, a lataria da cozinha, e a madeira das cadeiras, da mesa, do armário. Não há nada mais no mundo, então ficamos olhando para essas coisas, os móveis, mas não se pode fazer nada, não se pode fazer uma sopa de cadeiras ou de armário. E no entanto é tão grande o armário que daria comida para um mês. E olha-se para essas coisas como se fossem de comer; é por isso talvez que as crianças ficam perigosas e roem, roem...”(C.S.ps.143/144) [ ... ] “Elas, na escola, têm todos os dias uma tigela de sopa. Essa é uma boa iniciativa, dar diariamente uma tigela de sopa, nas escolas, aos filhos de gente que morre de fome. Mais parece um aperitivo. Depois daquela concha de sopa os meninos voltam para casa com os dentes arreganhados, e não querem desculpas, querem comer a todo custo, e ficam como animais ferozes, devoram as pernas das cadeiras , querem devorar o pai e a mãe.”(C.S.p.145)

Presenciamos atos de verdadeira selvageria, praticados pelas crianças no desespero diante da fome, na falta da merenda escolar, que como aqui no nordeste brasileiro, ainda nos dias atuais, muitas vezes é a única refeição a que elas, as crianças, têm acesso. Lá, na zona rural da Sicília, como aqui no nordeste, muitas crianças vão à Escola mais pela comida que pela necessidade de letramento. É patente que, apesar do subdesenvolvimento, naquelas paragens, o sul italiano nas primeiras décadas do século passado (XX), já havia uma preocupação em manter a criança na Escola, o que só veio chegar aqui no Brasil como um todo nas últimas décadas do mesmo século.

**Severino**, em João Cabral, – diminutivo de severo, é originariamente um adjetivo - é a personificação do pobre, parco, anônimo retirante nordestino (pernambucano) que, apesar de sua desnutrição, de sua fome, busca, desesperadamente, chegar à capital e galgar melhores condições de vida, sofre na própria pele as desigualdades e mazelas de condições sub-humanas:

“E se somos Severinos  
iguais em tudo na vida,  
morremos de morte igual,  
mesma morte severina:  
que é morte de que se morre  
de velhice antes dos trinta,  
de emboscada antes dos vinte,  
de fome um pouco por dia  
(de fraqueza e de doença  
é que a morte severina  
ataca em qualquer idade,  
e até gente não nascida).”(M.v.s. p.46)

“O que me fez retirar  
não foi a grande cobiça;  
o que apenas busquei  
foi defender minha vida“  
da tal velhice que chega  
antes de se inteirar trinta;  
se na serra vivi vinte,  
alcancei lá tal medida,  
o que pensei, retirando,  
foi estendê-la um pouco ainda.”(M.v.s. ps.62/63)

Podemos, sem dúvida, reforçar este direcionamento no pensamento de Horácio, que apoiado nas relações que unem arte e ética “concebe a personagem não apenas como seres vivos, mas como modelos a serem imitados, identificando personagem-homem e virtude e advogando para esses seres o estatuto de moralidade humana que supõe imitação.”<sup>19</sup> Dando origem a uma tradição que levou estudiosos a conceberem a personagem com base nos modelos humanos. Daí, na Idade Média, a personagem ter conservado “o caráter de força representativa, de modelo humano moralizante, servindo inteiramente aos ideais cristãos.”<sup>20</sup> Este compromisso, esta relação entre personagem e pessoa, porém, sob nova orientação, perdurou até a Renascença e os séculos que a seguiram, ou seja, até meados do século XVIII. Daí em diante passou-se a estudar a personagem não mais na concepção herdada de Aristóteles e Horácio, mas sob uma visão mais voltada para a psicologia, isto é, passou-se a entender a “personagem como a representação do universo psicológico de seu criador.”<sup>21</sup>

E é nessa perspectiva que realmente se enquadram Silvestro e Severino de nosso estudo, por serem eles uma amostragem da vivência e da observação de seus autores: como nativo do sul italiano e do sertão pernambucano respectivamente. Contudo voltamos o nosso olhar para ambas as personagens (Silvestro e Severino) sobre a concepção de Lukács que vê a personagem como “influência determinante das estruturas sociais”<sup>22</sup> mesmo sendo uma visão moderna monta suas origens na segunda metade do século XVIII. E numa feição ainda mais moderna adotamos o que diz Osman Lins, “pode-se dizer, a *grosso modo*, que a personagem existe no plano da história e

---

<sup>19</sup> Apud BRAIT, Beth. *A Personagem*. São Paulo: editora Ática, 7ªed., 2002, p.35.

<sup>20</sup> Idem, Ibid. p.36.

<sup>21</sup> Idem, Ibid. p.37.

<sup>22</sup> Idem, Ibid. p.39.

caracterização no plano do discurso. A personagem diz respeito ao objeto em si; a caracterização, à sua execução”.<sup>23</sup>

Existe em ambos os autores uma vontade de denunciar, de chamar atenção para a situação reinante em seus países, em suas regiões de origem, como forma de alertar, ou até mesmo, despertar os acometidos pelos males ou situações constrangedoras, bem como aqueles que podem fazer algo, para reagirem ao *status quo* em vigor.

São personagens redondas de acordo com a classificação de E. M. Forster aquelas em virtude de suas complexidades, suas qualidades, suas tendências, seus dinamismos e seus perfis multifacetados com características particularmente humanas.<sup>24</sup> É pois a personagem que com mais nitidez torna patente a ficção, e através dela a camada imaginária se adensa e se cristaliza, no dizer de Antônio Cândido.<sup>25</sup> Em ambos os autores em estudo, “o enredo existe através das personagens: as personagens vivem no enredo.”<sup>26</sup> São estes componentes, que juntos trazem até nós, os leitores, os intuitos da obra, a visão de vida dela decorrente, os significados e valores que a fazem se desenvolver.<sup>27</sup>

Vamos encontrar afinidades também na existência de alusões bíblicas no que diz respeito às personagens. Em João Cabral: **Maria** – que os primeiros cristãos transportaram do grego *Maria(m)* que por sua vez reproduzia o nome hebraico *Maryam*, muito difundido e sem dúvida numa alusão à mãe do

---

<sup>23</sup> LINS, Osman. “Espaço romanesco”. In: \_\_\_\_\_ . *Lima Barreto e o espaço romanesco*. São Paulo: Ática, 1976, p. 77.

<sup>24</sup> Idem, Ibid p.41

<sup>25</sup> CANDIDO, Antônio et alí. *A Personagem de Ficção*. São Paulo: Editora Perspectiva S.A, 1985, p.21

<sup>26</sup> Idem, Ibid. p.53

<sup>27</sup> Idem, Ibid. p. 54

Salvador, o Cristo; **Zacarias** – o latim *Zacharia(m)* e o grego *Zacharias* reproduzem ambos o hebraico *Zekharyah* que significa Deus (- yah, forma abreviada do nome divino) lembrou-se (do verbo zakhar), faz alusão à lembrança do Senhor ao desejo dos pais na espera de um filho. Foi Zacarias que na Bíblia, no Evangelho de Lucas 1,5-25, teve com Isabel um filho na velhice que deveria ser o porta-voz do seu povo, na tentativa de preparar para o Senhor um povo bem disposto e bem cômico de suas obrigações. Poderíamos dizer que é esta a função de Severino: fazer-se porta-voz dos seus. **José** – Nome de tradição cristã, que se refaz através do grego *Joseph, Josepos*, do latim *Ioseph, Iosephu(m)*, do hebraico *Yosph*, já na Bíblia é explicado como “Deus acrescentado, junte (do verbo *yasaph* acrescentar), subentendido “outros filhos”<sup>28</sup> – com toda certeza uma alusão a São José, esposo da Virgem Maria e pai adotivo do Cristo, o Salvador.

É Seu José mestre carpinteiro o pai da criança que nasce e traz a expectativa de mudança de situação, segundo o parecer das ciganas.

Em Vittorini, vamos encontrar: **Concezione** – do latim *conceptione*. Significa a concepção da Virgem Maria; **Ezequiel** – o terceiro dos profetas maiores. Profeta dos hebreus, durante o domínio babilônico no 6º século a.C.. Em seu livro, ele prega a santidade de Deus e a necessidade de vida espiritual não apenas dos indivíduos, mas também de todas as nações da terra. Assim o faz a personagem de Vittorini, prega a solidariedade.

---

<sup>28</sup> Tradução nossa do ZINGARELLI, Nicola. *Vocabolario della Lingua Italiana*. Bologna: Zanichelli editore, 12ª ed., 2000.

Dentre as similitudes, podemos atentar para o estabelecimento do diálogo das personagens com seus interlocutores. Em Vittorini, é o **voi**, que não é um tratamento comum no italiano, língua standard, principalmente como pronome de 2ª pessoa do singular. Faz parte do italiano standard como pronome de 2ª pessoa do plural. Contudo, é muito comum no italiano meridional, mas, infelizmente, com a tradução, perdeu-se esta riqueza de expressão, esta peculiaridade, quando foi traduzido por você, tratamento comum entre os cidadãos habitantes da metrópole. Sem sombra de dúvidas, a melhor tradução teria sido Vossa(s) Senhora(s) como bem o faz João Cabral.

Um ponto muito significativo que podemos constatar nos dois autores é o desengano, a desesperança diante das dificuldades e mazelas da vida, culminando com a idéia do suicídio, na fala de Severino:

“Seu José, mestre carpina,  
que diferença faria  
se em vez de continuar  
tomasse a melhor saída:  
a de saltar, numa noite,  
fora da ponte e da vida?”(M.v.s. p.72)

*Em Conversa na Sicília:*

“E o Grande Lombardo disse:  
“Bem, de resto, é compreensível. Somos um povo triste, nós”.  
“Triste?”, eu disse, ...  
“Muito triste”, disse o Grande Lombardo. ”Ou melhor,  
lúgubre...Todos sempre prontos a ver tudo preto...”.....e o Grande  
Lombardo prosseguiu:



“Sempre esperando qualquer coisa diferente, de melhor, e sempre desesperançados em poder tê-la... Sempre desconsolados. Sempre abatidos ... E sempre com a intenção de querer acabar com a vida”.

“Isso é verdade”, disse muito sério o catanês.” (C.S. p.39)

Em ambas as obras em estudo nos deparamos com o desengano, a falta de perspectiva que sufoca as personagens conduzindo-as ao desespero, ao extremismo de pensar em cometer suicídio.

Nota-se, em ambas as obras, a força da mulher na execução de tarefas, na prestação de serviços, como meio de sobrevivência, numa firme convicção



de que a mulher deve assumir funções, não somente aquelas de dona de casa, adquirindo, através de seu trabalho, a sua independência:

“-Agora se me permite  
minha vez de perguntar:

como a senhora, comadre,  
pode manter o seu lar?

-Vou explicar rapidamente,  
logo compreenderá:

como aqui a morte é tanta,  
vivo de a morte ajudar.

- E ainda se me permite  
que lhe volte a perguntar:

é aqui uma profissão  
trabalho tão singular?

- É, sim uma profissão,  
e a melhor de quantas há:

sou de toda a região  
rezadora titular.

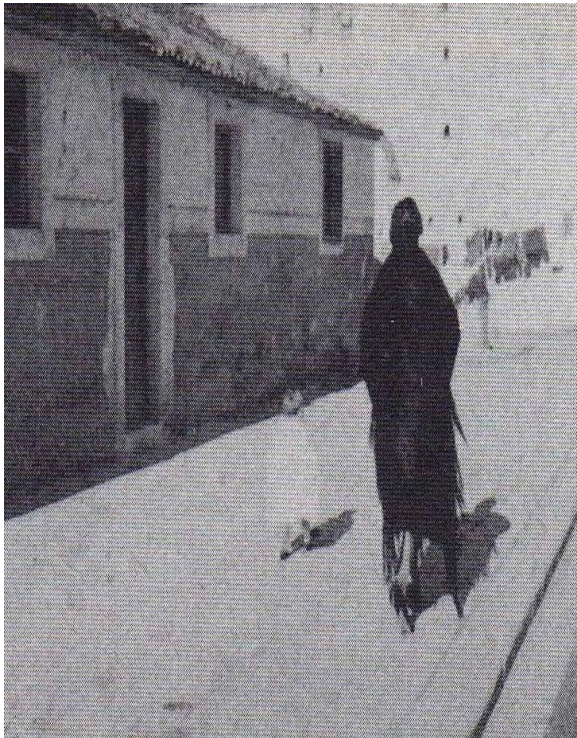
[ ... ]

- De um raio de muitas léguas  
vem gente aqui me chamar;  
a verdade é que não pude  
queixar-me ainda de azar.

[ ... ]

- Como aqui a morte é tanta,  
só é possível trabalhar  
nessas profissões que fazem  
da morte ofício ou bazar.”(M.v.s.ps.56/57)

*Em Conversa na Sicília:*



(Gravura 01)

(gravura 01)

“”Tenho de fazer a minha ronda”.

[ ... ]

“ Sua ronda? Por onde? , eu disse.

[ ... ]

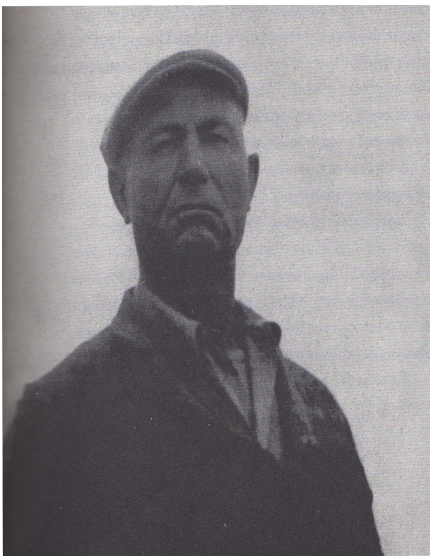
Disse que tinha começado a dar injeções.

Acreditava, disse, não poder esperar nada de meu pai, e se pusera a ganhar a vida assim, dando injeções.”(C.S. p.126)

(Foto 05)

Ambas as personagens têm consciência do seu potencial, da sua força e através dela, da sua capacidade de sobrevivência, partem com bastante segurança para o exercício de uma profissão digna que lhes oferece condições de se manterem. É já o início do atual desejo de igualdade entre os sexos, mostrando que as mulheres são tão capazes quanto os homens. Note-se ainda o orgulho de Concezione ao afirmar para o filho que pode manter-se sozinha e independente.

Outro fator que se faz presente nas obras é a religiosidade do homem interiorano. Pode-se observar que o homem italiano, lá no sul da Itália, precisamente na Sicília, como o homem brasileiro, aqui no nordeste, também participa das festividades religiosas:



“ “Era um grande homem”, disse. “Podia trabalhar dezoito horas por dia, e era um grande socialista, um grande caçador e um grande cavaleiro na procissão de São José...”

“Cavalgava na procissão de São José”, eu disse.. [ ... ] “Como podia cavalgar atrás de São José se era socialista? Os socialistas não acreditam em São José”. [ ... ] E era socialista porque entendia de política... Mas podia acreditar em São José. Não dizia nada contra São José.””(C.S. ps.80/81)

(Foto 06)



Em *Morte e vida severina*:

“ Mas não vejo almas aqui,  
nem almas mortas nem vivas;  
ouço somente à distância  
o que parece cantoria.  
Será novena de santo,  
Será algum mês de Maria;  
quem sabe até se uma festa  
ou dança não seria?”(M.v.s. p.51)

Note-se em ambas as falas o tom irônico dos dois autores, numa alusão aos problemas sociais e ideológicos. Talvez uma maneira de apontar a grande indecisão do povo simples que quando se entusiasma por algum assunto, por alguma idéia, mesmo sem analisá-la a fundo, sem medir as suas conseqüências, se diz seguidor ou propagador dela. Existe, principalmente entre os menos instruídos, tanto aqui no nordeste do Brasil, quanto lá no sul da Itália, a tendência de se deixar levar por determinadas influências, por determinados discursos. É rara a fortificação da fé verdadeira, aquela que segundo a Bíblia, remove montanhas, bem como a solidificação de uma ideologia por parte da gente simples, no sentido de que eles não têm consciência, nem conhecimento intelectual que os conduza a tal.

Ainda com respeito à religiosidade, é bom que se observe em *Conversa na Sicília*, o comportamento da personagem Ezequiele diante do lamento do amolador de alicates que tinha sido roubado. Ele tenta consolá-lo apresentando uma justificativa cristã:

“”Mas meu filho”, o homem Ezechiele disse, “pense que o seu dinheiro foi levado por um pobre viandante... Talvez fizesse muito tempo que ele não comia e não bebia . Você não pode deixar de ficar contente por lhe ter dado a oportunidade de matar a fome e a sede.”” (C.S.p.215)

Um outro indicio de religiosidade que merece relevo, até mesmo por se tratar de um Auto de Natal, é o fato do nascimento de uma criança, exatamente no meio, num momento, de tanta desesperança. Este fato, numa alusão ao nascimento de Cristo, que traz a paz e a esperança aos desiludidos e aos desesperançados, simbolicamente pressentido nas falas das ciganas e na premonição de seus presentes:




**Morte e Vida Severina**  
Em destaque:  
Lilita e Regina Vianna  
(ciganas)

(Foto 07)

João Cabral demonstra bastante evidência ao fato através da metáfora “saltou para dentro da vida”, embora seja uma vida severina, é uma vida que, nas previsões das ciganas, terá mais sorte, será mais amena. E conclui o seu Auto com o diálogo do Mestre Carpina com Severino onde é possível observar a resignação e uma exaltação à vida, um preceito cristão, com o propósito de ganhar o reino dos céus.

“- Severino retirante,  
deixe agora que lhe diga:  
eu não sei bem a resposta  
da pergunta que fazia,  
se não vale mais saltar  
fora da ponte da vida;  
nem conheço essa resposta,  
se quer mesmo que lhe diga;  
é difícil defender,  
só com palavras, a vida,  
ainda mais quando ela é  
esta que vê, severina;  
mas se responder não pude  
à pergunta que fazia,  
ela, a vida, a respondeu  
com sua presença viva.





E não há melhor resposta  
que o espetáculo da vida:  
vê-la desfiar seu fio,  
que também se chama vida,  
ver a fábrica que ela mesma,  
teimosamente, se fabrica,  
vê-la brotar como há pouco  
em nova vida explodida;  
mesmo quando é assim pequena  
a explosão, como a ocorrida;  
mesmo quando é uma explosão  
como a de há pouco, franzina;  
mesmo quando é a explosão  
de uma vida severina.” (M.v.s.ps.79/80)

Uma semelhança muito próxima é a presença da Anáfora em ambos no intuito de dar mais veracidade às cenas apresentadas. Em João Cabral, facilita a apresentação do Auto. Em Vittorini, deve-se à influência da Literatura Americana da qual ele se tornara tradutor.

“- Dentro da rede não vinha nada,  
só tua espiga debulhada.  
- Dentro da rede vinha tudo,  
só tua espiga no sabugo.  
- Dentro da rede coisa vasqueira,  
só a maçaroca banguela.

- Dentro da rede coisa pouca,  
tua vida que deu sem soca.  
- Na mão direita um rosário,  
Milho negro e ressecado.  
na mão direita somente  
o rosário, seca semente.  
- Na mão direita, de cinza,  
o rosário, semente maninha  
- Na mão direita o rosário,  
Semente inerte e sem salto. (M.v.s.ps.61/62)

“... disseram que a humanidade nascera para delinquir.  
“Qualquer classe ... Qualquer categoria...”, disse Com-Bigodes.  
E Sem-Bigodes: “Sejam ignorantes ... Sejam instruídos...”.  
E Com-Bigodes: “Sejam ricos... Sejam pobres...”.  
Sem-Bigodes: ”Nenhuma diferença”.  
Com-Bogodes: “Comerciantes...”.  
Sem-Bigodes: ”Advogados...”.  
Com-Bigodes: “O meu salsicheiro, em Lodi...”.  
Sem-Bigodes: “E em Bolonha, um advogado...”.”(C.S.ps.32/33)

Outra semelhança é devida ao fato de João Cabral falar do lavrador nordestino imerso num ambiente social e geográfico aspro e árduo permeado da secura pluviométrica diante da escassez de meios assistencialistas seja social, seja médico ou de sobrevivência. Elio Vittorini fala dos operários do sul nas minas de enxofre e dos agricultores que trabalham nos laranjais da Sicília. Ambos imersos num meio social tal e qual o nosso nordestino.

Ambos os escritores associam, ou seja, situam suas obras num ambiente social verídico “fundindo texto e contexto numa interpretação dialeticamente íntegra”<sup>29</sup> Vemos o externo (social) influenciando no modo de agir das personagens, no desenrolar da obra.

No tangente a diferenças, vale salientar que em *Morte e vida severina* estão presentes as didascálias por serem típicas dos autos: em *Conversa na Sicília* passa-se de uma parte para outra sem nenhuma explicação.

Uma diferença marcante nas duas obras em estudo deve-se ao fato de: - Severino tem notícia da morte, acompanha enterros, ouve comentários sobre funerais:

“- Desde que estou retirando  
só a morte vejo ativa,  
só a morte deparei  
e às vezes até festiva;  
só morte tem encontrado  
quem pensava encontrar vida,...”(M.v.s. ps.52/53)

Nota-se o desespero, a desesperança de Severino que emigrou na esperança de melhores dias, de uma vida de bonança, de fartura, coisas que ele jamais presenciara. Contudo o seu queixume se faz mais forte vez que nada

---

<sup>29</sup> CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade ( estudos da teoria e história literária)*. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 2ª ed.,1967,p.04.

mudou, só encontrou desgraças, lamentos, vidas severinas tangidas pela morte que muitas vezes por motivos das “excelências” pareceram-lhe festivas.

Silvestro mantém contato com a morte e dialoga até mesmo com o espírito do irmão morto na guerra, sendo-nos possível a observação de cenas de delírio, exatamente por mostrar um comportamento alucinatório do narrador personagem.

“Como da primeira vez, eu o procurei durante alguns minutos, à esquerda, à direita, depois desisti. ‘Está muito escuro’, disse.

‘Pois é’, ele respondeu.

Sentei-me em cima de um túmulo, com a luz do morto ao lado.

‘Melhor sentar.’

‘Assim é melhor’, respondeu o soldado. ‘Ainda mais que temos o teatro.’

‘O teatro?’, eu exclamei. ‘Que teatro?’

‘Mas não me veio para o teatro?’, disse o soldado.

E eu: ‘Não sei de nada’.

E o soldado: ‘Ora, sente-se e vai ver... Eis que eles chegam’.

Eu: ‘Está falando sério? Não vejo ninguém...’,

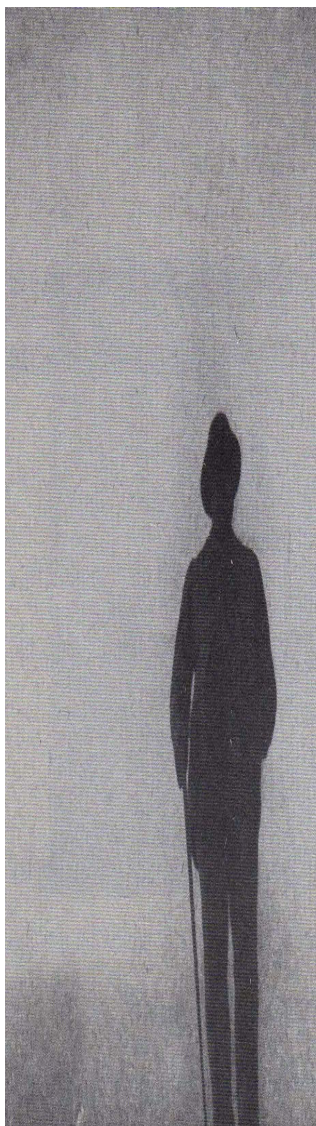
O soldado: ‘Talvez seja por causa do escuro’.

[ ... ]

O soldado: ‘Também eu represento’.

E eu: ‘Representa? Está representando agora?’.

O soldado: ‘Sempre. De trinta dias para cá’.



‘Mas não falou que brincava com seu irmão de onze anos?’, eu disse.

O soldado: ‘Sim. E falo com uma moça, podo uma videira, rego um jardim...’.

E eu: ‘Pois então?’.

O soldado não respondeu.

‘Pois então?’, eu insisti.

O soldado respondeu: ‘Ehm!’.

‘Ehm? Por que, ehm?’, gritei.

De novo o soldado não respondeu.

‘Você está aí?’, eu perguntei.

‘Estou’, respondeu o soldado.

[ ... ]

‘Ai de mim!’, respondeu ele. ‘Feito escravo, atravesso cada dia mais um campo de neve e sangue.’

‘Ah!’, gritei. ‘É isso que representa?’

‘Precisamente’, o soldado respondeu. ‘Tenho essa honra.’

Eu disse: ‘E sofre muito?’.

‘Muito’, disse ele, ‘por milhões de vezes’.

Eu: ‘Por toda palavra impressa, toda palavra pronunciada, por todo milímetro de bronze levantado’.

Eu: ‘Isso lhe faz chorar?’.

Ele: ‘Sim, me faz chorar’.

[ ... ]

Com voz humilde, perguntei: ‘Posso fazer alguma coisa para consolá-lo?’.

Ele tornou a responder que não sabia.

E sugeri: ‘Talvez um cigarro?’.

Procurei os cigarros no bolso, e acrescentei: ‘Aceita um?’.

‘Aceito’, ele respondeu.

Estendi o cigarro. ‘Tome’, disse-lhe.

Mas o cigarro ficou na minha mão. ‘Onde você está?’, chamei.

‘Estou aqui’, disse o soldado.

Eu me levantei, avancei um passo, dei outro passo, e sempre estendendo o cigarro, mas sempre o cigarro ficava na minha mão.

‘Afinal, quer ou não quer?’, gritei.

‘Eu quero, eu quero’, o soldado respondeu.

Gritei: ‘Então pegue’.

O soldado não me respondeu.

‘Pegue. Onde está?’, gritei.

O soldado não me respondeu mais. E continuei a gritar, comecei a correr, me achei fora do vale estreito, de novo no patamar da casa de minha mãe; vi que o cemitério estava muito longe de mim, lá embaixo, com suas luzes.” (C.S.ps.247/249/250/251)

Um fato que diferencia os dois autores é a precisão do tempo em Vittorini e ausência total em João Cabral. Naquele observamos o mês, o dia da semana, a hora, a data e até a estação do ano:

“Peguei a carta de meu pai, reli e olhei a folhinha: era 6 de dezembro,...”(C.S.p.17)

“... e vi que um trem partiria par o sul às sete, dali a dez minutos.”(C.S. p.18)

“Segui viagem e, lá pela meia-noite, em Florença.....pelas seis da manhã....no terminal de Roma, e por volta do meio-dia cheguei a Nápoles, [ ... ] Depois viajei no trem para a Calábria, recomeçou a chover, a anoitecer, e reconheci a viagem, [ ... ] O mar estava negro invernal, ...”(C.S. p.19)

“A manhã era de chuva, mas não chovia,...”(C.S. p.21)

“... via-se de repente em meio ao inverno marinho a torre do farol em viagem...”(C.S. p.22)

“Pelas três horas, sob o sol de dezembro, por trás do mar escondido...”(C.S. p.56)

“Assim tornamos a subir para fora e o céu estava escuro, soavam os sinos ao toque da Ave-Maria.”(C.S. p.211)

“Serenos era o ar frio e os sinos já não voavam mais pelo céu, silenciavam em seu ninho.”(C.S. p.217)

“Era noite sem a calma da noite, sem o sono;”(C.S. p.252)

“Esta foi a minha conversa na Sicília, durante três dias e as respectivas noites, terminadas como começaram.”(C.S. p.274)

Uma outra diferença marcante encontrada nas duas obras estudadas é o fato de Silvestro ser uma personagem viajada e culta, de muitas leituras desde a mais tenra idade, um leitor possuidor de um forte espírito crítico e ser filho de um funcionário público, deixando transparecer o autobiografismo que Vittorini insiste em negar. Contudo se faz marcante quando Silvestro afirma:

“Faz quinze anos que percorro a Itália... Morei em Florença, em Bolonha, em Turim, e vivo em Milão...”(C.S.ps.38/39)

“ ‘Em Terranova?’ , eu disse.

Lá havia lido as *Mil e uma noites* e tantos livros, de velhas histórias, de velhas viagens, aos sete e oito e nove anos, e a Sicília era também isso aí, *Mil e uma noites* e velhos vilarejos, árvores, casas, gente de velhíssimos tempos por meio dos livros. Depois esqueci, na minha vida de homem, mas tinha dentro de mim , e podia recordar, reencontrar. Feliz de quem pode reencontrar!

É uma sorte ter lido quando se era menino. E dupla sorte ter lido livros de velhos tempos e velhos países, livros de história, livros de

viagens e as *Mil e uma noites*, em especial. Pode-se recordar também aquilo que se leu como se de alguma maneira o tivesse vivido, e tem-se a história dos homens e todo o mundo em si, com a própria infância; Pérsia aos sete anos, Austrália aos oito, Canadá aos nove, México aos dez, e os hebreus da Bíblia com a torre da Babilônia e David no inverno de seis anos, califas e sultões em um fevereiro ou um setembro, no verão as grandes guerras com Gustavo Adolfo etc. pela Sicília-Europa, em uma Terranova, uma Siracusa, enquanto todas as noites o trem leva embora soldados para uma grande guerra que é todas as guerras.

E tive a sorte de ler muito em minha infância, e em Terranova a Sicília significava para mim também Bagdá e o Palácio das Lágrimas e jardim de palmitos. Naquela cidade eu li as *Mil e uma noites* e outros livros, em uma casa que era cheia de sofás e filhas de um amigo qualquer do meu pai, e lembro a nudez da mulher, como a de sultanas e odaliscas, concreta, certa, coração e razão do mundo.”(C.S. ps.180/181184)

Severino é inculto, rude, lavrador de nascença, filho de pais pobres e miseráveis, acostumado à dureza, à escabrosidade da terra, como os seus camaradas nordestinos:

“Somos muitos Severinos  
iguais em tudo e na sina:  
a de abrandar estas pedras  
suando-se muito em cima,  
a de tentar despertar  
terra sempre mais extinta,  
a de querer arrancar  
algum roçado da cinza.” (M.v.s.pg.46)

Uma outra diferença que merece nossa atenção é o fato de João Cabral, através da construção ficcional de Severino, em nenhum momento referir-se ao modo de vestir-se de sua gente. Vittorini, através de Silvestro, refere-se de vez em quando aos agasalhos, aos xales, aos sobretudos usados por suas personagens, fato reforçado pelas fotografias que tão bem ilustram a obra. São



sempre roupas muito pesadas e de cores muito escuras, muito próximas do preto.



(Foto 09)

É diferente também a maneira como os dois autores abordam a viagem, com características totalmente diversas, merecendo assim um destaque especial. Severino foge da terra, distancia-se de suas origens em busca de um

sentido para sua vida. Silvestro, faz o contrário, volta à sua terra natal com o firme propósito de dar um sentido para sua vida, de reencontrar a sua própria origem familiar, sua mãe, numa alusão ao mito da deusa-mãe. Para Silvestro, a viagem, além de ser um reencontro com a sua identidade de siciliano do sul, é também um mergulho num mundo que estava esquecido e que lhe volta



através da memória, fazendo-o reviver a infância e a adolescência de 15 ou 20 anos atrás.

“Era assim, minha mãe; a recordação do que era quinze anos atrás, vinte anos atrás, quando ficava esperando saltarmos do trem de carga, jovem e terrível, com um pau na mão; a recordação, e o tempo tão distante, e tudo o mais, enfim, duas vezes real. Examinava o arenque, erguendo-o de um lado, do outro, sem estar queimado em nenhum lugar, mas inteiramente tostado, e também o arenque era isso, a recordação e tudo o mais. E isso era tudo, a recordação, o sol, o frio, o braseiro de cobre no meio da cozinha, e a posse pela minha consciência daquela parte do mundo onde me encontrava; tudo era assim, real duas vezes; e talvez por isso sentir-me ali não era indiferente para mim, viajar, por isso era duas vezes real, a própria viagem de Messina para baixo, as laranjas na barca, e o Grande Lombardo no trem, e Com-Bigodes e Sem-Bigodes, e o verde pálido e Siracusa, a própria Sicília, afinal, tudo duas vezes real, e em viagem, quarta dimensão.”(C.S.p.71)

A maior de todas as diferenciações se deve à caracterização das obras analisadas. Ambas as narrativas possuem um fio condutor que organiza o enredo de cada história. Uma organizando e estruturando em versos, a outra adota a forma convencional da prosa, conservando ambas o caráter ficcional e romanesco. *Morte e vida severina* é um poema dramático, em alguns momentos de tons líricos, apresentando um ambiente social insólito, através de versos marcados em sílabas de acento popular, às vezes livres, mas que não dispensam o ritmo interno com rimas bem acentuadas, expressando a melodia das linguagens do povo. *Conversa na Sicília* é um romance de estrutura moderna, apresentando uma narrativa com dois vieses, aquele de

memorialismo, e o outro o da travessia do mundo ultrajado, recordando os tipos característicos de uma sociedade marcada pelo abandono. Enquadra-se perfeitamente no conceito de “nouveau roman”, uma vez que a temática da viagem como busca e travessia na dispersão do sujeito que tenta se reencontrar, em meio à despersonalização do pós-guerra faz com que *Conversa na Sicília* lembre em alguns momentos, a viagem de *A Modificação*, de Michel Butor, um dos ícones do novo romance francês, herdeiro das transformações ficcionais do modernismo europeu.

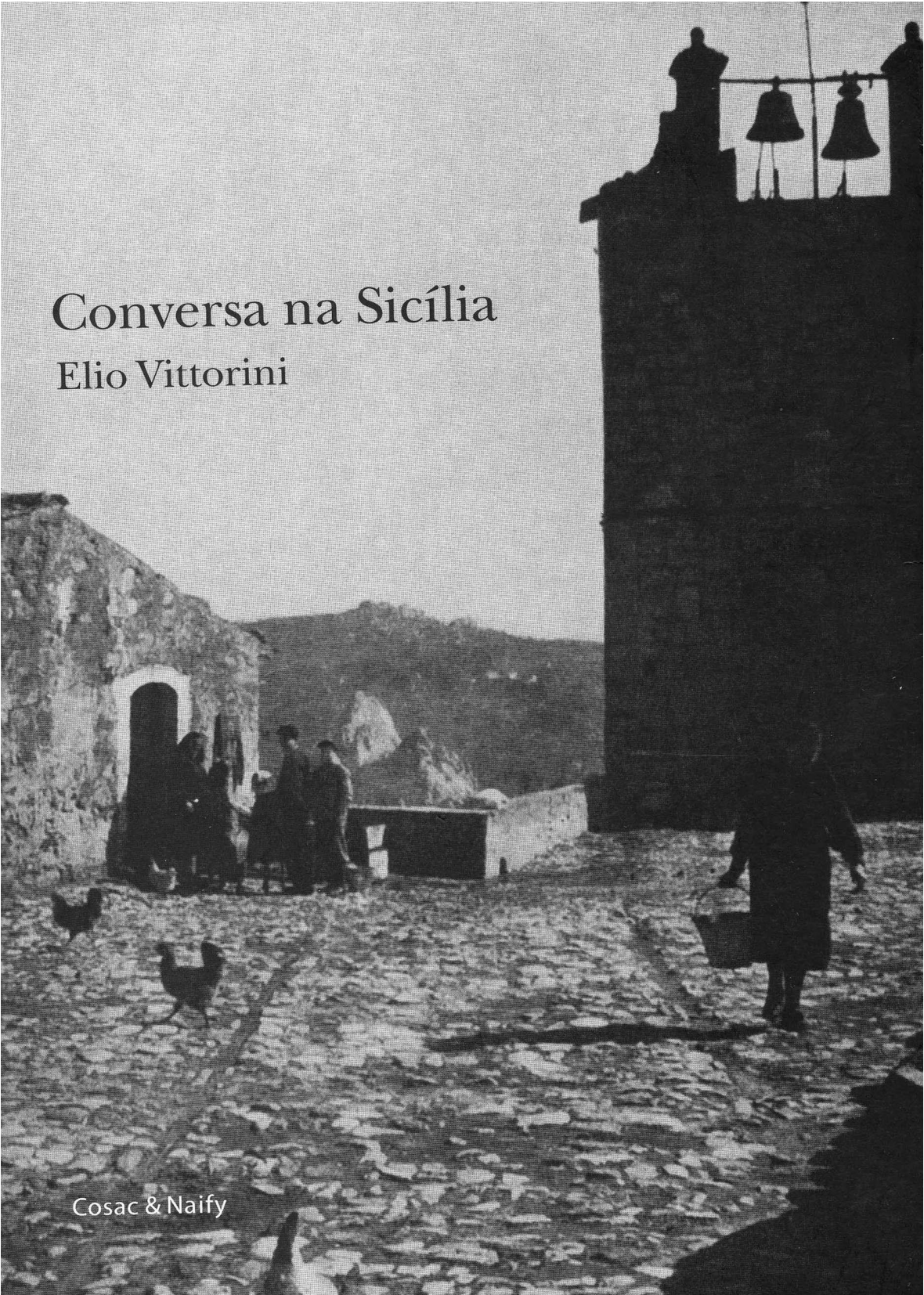
Vittorini, por intermédio de Silvestro, muitas vezes mantém um monólogo interior no qual busca encontrar saída para os males do mundo ultrajado e da humanidade perdida.

Severino, em nenhum momento, se questiona a respeito da ideologia dominante, até porque não tem discernimento para tal. Refere-se a ela, mas somente como o *modus vivendi* em seu meio.

Podemos concluir esta parte, no que diz respeito a João Cabral, com a alusão que Maurice Blanchot faz a Rilke ao dizer: “Numa passagem de Malte, Rilke diz que “os versos não são sentimentos, são experiências. Para escrever um único verso, é preciso ter visto muitas cidades, muitos homens e coisas...”<sup>30</sup>. Com relação a Vittorini, podemos nos fundamentar no pensamento naturalista de Zola ao afirmar que “um autor se expressa pelo estilo que ele elegeu e pelo tema que o norteia.”<sup>31</sup>

<sup>30</sup> In. BLANCHOT, Maurice. *O Espaço Literário*. Rio de Janeiro: Rocco, 1987, p.76

<sup>31</sup> FERNANDES, Ronaldo Costa. *O Narrador do Romance: e outras considerações sobre o romance*. Rio de Janeiro: Sete Letras, 1996, p.75.



Conversa na Sicília  
Elio Vittorini

Cosac & Naify

# MORTE E VIDA SEVERINA

E OUTROS POEMAS EM VOZ ALTA

15ª EDIÇÃO



JOÃO  
CABRAL  
DE MELO  
NETO

LIVRARIA JOSÉ OLYMPIO EDITORA





(Fichi d'india, de Guido Bugli)



## INTRODUÇÃO

Elio Vittorini é um dos famosos escritores italianos do século XX e é considerado pelos críticos um dos precursores do neo-realismo italiano que se afirma, particularmente no decênio compreendido entre 1940-1950<sup>1</sup>. Em sua narrativa, podemos presenciar uma realidade social precária e em *Conversa na Sicília*, publicado em 1941 pela editora Bompiani de Milão temos a oportunidade de assistir a um regionalismo com características universais, vez que trata do ser humano relegado às intempéries tanto do próprio homem que não trata seus semelhantes com o devido respeito, como da natureza dura e áspera, deixando o “homem”, no dizer do próprio Vittorini, “transcorrer uma humanidade miserável e embrutecida, doente e derrotada, vítima do mal que ofende o mundo, da dor universal reconhecida nesse ângulo acidentado e quase sem vida da Sicília ... que poderia ser a Pérsia, ou a Venezuela ou qualquer lugar, sob qualquer latitude, onde quer que um homem tente oprimir um outro homem.”<sup>2</sup>, daí as características regionais alcançarem uma generalização de feição universal.

O *modus vivendi* no interior da Sicília, em termos de progresso e qualidade de vida é muito semelhante ao da nossa realidade nordestina. Eis o porque do nosso interesse em elaborar tal trabalho comparativo entre Elio Vittorini e João Cabral de Melo Neto, pelo fato de ambos descreverem o

---

<sup>1</sup> RICCI, Carlo e SALINARI, Carlo. *Storia della Letteratura Italiana (con antologia degli scrittori e dei critici)*. Roma-Bari: volume terzo, tomo secondo, Editori Laterza, 1981, p.1357.

<sup>2</sup> “...scorre così un’umanità misera e abbruttita, ammalata e sconfitta, vittima del male che offende il mondo, di quel dolore universale riconosciuto in questo angolo aspro e spento di Sicilia che... potrebbe essere Persia o Venezuela o ovunque sotto ogni latitudine, ovunque dove un uomo tenti di sopraffare un altro uomo.” Apud DE NICOLA, Francesco. *Introduzione a Vittorini*. Roma-Bari: Edizioni Laterza, 1993, p.70.

modo de vida da gente simples e inculta de uma região árida e subdesenvolvida, com uma linguagem substantiva, carregada de desesperança e resignação e, sobretudo, quando questionam a força do homem diante da fome, diante da impossibilidade de mudar o que ali está, na simplicidade dos personagens imersos na luta do oprimido pelo opressor.

É possível a constatação da ideologia reinante naquela região, partindo da observação das relações entre o homem e o meio ambiente e as sensações advindas desta convivência.<sup>3</sup>

Antônio Cândido afirma que “a arte, e portanto a literatura, é uma transposição do real para o ilusório por meio de uma estilização formal, que propõe um tipo arbitrário de ordem para as coisas, os seres, os sentimentos.”<sup>4</sup> Com base nessa afirmação temos o firme propósito de analisar a reconstrução do real, do sul da Itália (Sicília) em *Conversa na Sicília* e do nordeste brasileiro (Pernambuco) em *Morte e vida severina*, para o mundo ficcional em ambas as obras. Ambas possuem uma sintaxe própria, com características que lhes são peculiares, onde nos será possível observar o meio social em que vivem suas personagens, seus hábitos, seus costumes, sua maneira de sobrevivência, numa verdadeira fusão do “texto e contexto numa interpretação dialeticamente integrada” nos dizeres do mesmo Antônio Cândido.<sup>5</sup>

Adotamos também o pensamento de Lukács ao analisarmos o “fator social” observando que este é realmente determinante do valor estético da

---

<sup>3</sup> CHAUI, Marilena. *O que é ideologia*. São Paulo: Editora Brasiliense, 6ª ed., 1981, p.25.

<sup>4</sup> CANDIDO, Antonio. “Estímulos da criação Literária”. In: *Literatura e Sociedade*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2ª ed., 1967, p.64.

<sup>5</sup> CANDIDO, Antonio. “Crítica e Sociologia”. In: *Literatura e Sociedade*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2ª ed., 1967. p.4.

obra pois constitui-se em elemento essencial no desenvolvimento do enredo.

Procurar-se-á verificar em que medida as obras em estudo espelham, ou melhor, representam a sociedade operária do sul italiano e aquela do nordeste brasileiro, como são descritos os seus vários aspectos. Observar-se-á também a função social de ambos os escritores na tentativa de visualizar a sua posição com a natureza de sua obra dentro da organização social retratada por elas. Dar-se-á também importância às influências do meio ambiente sobre as obras em estudo, levando em conta o fato de ambas serem expressão das sociedades acima referidas, bem como pelo fato de trazerem a tona os problemas sociais e os fatores sócio-culturais que afetam os seus componentes, deixando transparecer a ideologia de ambas as sociedades. Confirma-se assim a verdade que Madame Staël, na França foi a primeira a formular sistematicamente que “a literatura é também um produto social, exprimindo condições de cada civilização em que ocorre.”<sup>6</sup>

Assim sendo, é neste prisma literário que pretendemos desenvolver o nosso trabalho, na tentativa de analisar as aproximações e as diferenças entre os dois autores em questão, de um ponto de vista comparativo, para o exame da linguagem, das questões temáticas e ideológicas que nos possibilitam a observância da estratificação social e cultural presente nas duas obras em apreço. Para tal, tomaremos por base a proposta teórica do tcheco Dionys Durisin que “apoiado nos princípios do estruturalismo de Praga, formulou uma metodologia que muitos consideram um “modelo” inovador”<sup>7</sup>, além de ser ele, entre os teóricos modernos, aquele que considera que “o objetivo da literatura comparada é a compreensão da

<sup>6</sup> CANDIDO, Antonio. “A literatura e vida social”. In : *Literatura e Sociedade*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2ª ed., 1967.p.23

<sup>7</sup> CARVALHAL, Tânia Franco. *Literatura Comparada*. São Paulo: Ática, 1986, p.40.

essência tipológica e genética do fenômeno literário como um fenômeno concreto da História e ao mesmo tempo como um fenômeno geral, sem se considerar sua história específica.”<sup>8</sup>

Tal estudo possibilitará uma visão da obra de João Cabral de Melo Neto, especificamente *Morte e vida severina*, do ponto de vista temático, levando em conta as contingências culturais, econômicas, sociais e políticas nordestinas versus aquelas de Vittorini na Sicília, oportunizando ao leitor, através do estudo comparatista, ter uma maior conscientização de fatores sociais comuns, nas duas obras, que muitas vezes passam despercebidas quando vistas somente numa versão. Esperamos que a pesquisa desperte a curiosidade pela leitura da obra traduzida de Vittorini, que tem recebido muitos elogios dos críticos brasileiros. Pretendemos contribuir, sobretudo, para o incentivo da leitura de obras literárias e o conhecimento do universo de uma outra cultura, estabelecendo o paralelismo quer estilístico, quer cultural entre as duas obras inseridas no seu universo, fortalecendo, assim, a função humanista da literatura comparada, além de ajudar a compreender os processos de identidade entre as duas Literaturas: a brasileira e a italiana, no tangente à literatura regionalista, de acordo com o pensamento de Ana Pizarro, utilizando as idéias constantes em sua comunicação *Sobre las Direcciones del Comparatismo em América Latina* apresentada no X Congresso da Associação Internacional de Literatura Comparada, realizado em Nova Iorque, em 1982.

*Conversa na Sicília*, como *Morte e vida severina*, obteve sucesso logo no lançamento. Embora sendo considerado um romance de difícil leitura, tendo em vista que os acontecimentos não possuem um fio lógico e linear de desenvolvimento, mas as ações se justapõem e o leitor comum

<sup>8</sup> NITRINI, Sandra. *Literatura Comparada: história, teoria e crítica*. São Paulo: EDUSP. 1997, p.90.

não está habituado a este tipo de enredo, o romance não é trabalhado nas escolas italianas.

*Conversa na Sicília*, tendo tido a sua primeira versão lançada em fascículos na revista florentina “Letteratura” entre 1938 e 1939, despertou interesse de imediato por ser, além de um romance real, um ensaio, uma verdadeira análise da amarga situação social da gente da ilha e dos oprimidos em geral, tendo como pano de fundo histórico o fascismo e a guerra civil espanhola com suas conseqüências sobre a população humilde e trabalhadora. Teve uma sua primeira edição em número limitado, intitulada *Nome e Lacrime* em 1941 pela editora Parenti, também, de imediato, esgotada, seguindo-se, no mesmo ano, uma nova edição já com o título definitivo de *Conversazione in Sicilia*, pela editora Bompiani de Milão e, imediatamente, duas outras reedições em 1942, ano fatídico, que levou Vittorini a ser interrogado pela polícia fascista, tendo como conseqüência o seqüestro do romance. Embora já tivesse sido publicado em revistas e jornais que Vittorini era um dos expoentes máximos da sua geração, a censura do regime fascista agiu fortemente sobre o romance por considerá-lo uma obra revolucionária e ofensiva ao pudor. Uma nova reedição, desta vez, coordenada pelo próprio Vittorini, ilustrada com a colaboração fotográfica de Luigi Crocenzi e Giacomo Pozzi Bellini, foi levada a cabo pela mesma editora Bompiani em 1954. É esta a edição que Cosac & Naify lançou no Brasil, com tradução do escritor Valêncio Xavier e de Maria Helena Arrigucci, sobre a qual nos debruçamos para a realização do nosso trabalho.

Em 1998, o livro foi adaptado para o cinema pelos diretores cinematográficos Jean-Marie Straub e Daniele Huillet com o nome

exclamativo “Sicília”. No Brasil, o filme recebeu o título “Gente na Sicília” e obteve um grande sucesso de crítica e de público.<sup>9</sup>

*Conversa na Sicília* possui uma estrutura romanesca que o diferencia dos romances de então. É um romance que possui cinco partes distintas, constituindo as etapas de uma viagem geográfica que se torna psicológica, psicoanalítica, moral, social e que, de vez em quando, depois de algumas paradas, põe novamente as rodas em ação. Estas etapas até parece terem sido escritas para serem representadas, vez que cada uma tem o seu prólogo, a demarcação do tempo e espaço dos personagens.

*Morte e vida severina*, por ser um *auto*, possui duas partes distribuídas em dezoito jornadas ou atos. A primeira parte é composta por treze jornadas, onde são apresentadas ao leitor as mortificações e infelicidade da viagem do personagem narrador. A Segunda retrata o episódio central do auto e é composta de cinco jornadas: encontro, louvação, previsões das ciganas e presentes ao recém-nascido. Em seguida vem um arremate, uma espécie de conclusão, que conjuga as duas partes.

Em ambas as obras é muito forte a influência da península ibérica. João Cabral tem fortes ligações com a Espanha e foi lá que passou boa parte de sua vida como embaixador do Brasil. Da Espanha transportou idéias e as inseriu em muitas passagens do seu auto de natal, como ele próprio afirma: “.Com *Morte e vida severina*, quis prestar uma homenagem a todas as literaturas ibéricas. Os monólogos do retirante provêm do romance castelhano. A cena do enterro na rede é do folclore catalão... A conversa com Severino antes de o menino nascer obedece ao modelo da

---

<sup>9</sup> LEITE NETO, Alcino. “O mundo ultrajado”. In: *Jornal de Resenha. Em*, 08/03/2003.

tenção galega.”<sup>10</sup> O humor negro presente nos versos - *Mais sorte tem o defunto / irmão das almas / pois já não fará na volta / a caminhada* - é conseqüência de uma história que o escritor ouvira na Espanha de que o general Franco “mandava fuzilar seus inimigos num lugar chamado Sória, que é o mais frio do país. Conta-se que, um dia, um condenado virou-se para os soldados que iriam fuzilá-lo e disse: “Puxa, como faz frio neste lugar.” Ao que um dos soldados respondeu: “Sorte tem você, que já não precisa fazer o caminho de volta.” Foi assim que essa frase foi parar no meio de *Morte e vida severina*, afirma o próprio autor.\* Este fato toma cada vez mais veracidade nas palavras do autor ao afirmar: “Minha poesia é um esforço de “presentificação”, de “coisificação” da memória”\*

Já Vittorini, declarada a guerra civil espanhola, e depois da adesão da Itália ao regime franquista, rebelou-se contra o fascismo e conclama os fascistas italianos, aqueles a quem ele chama de “veri rivoluzionari”<sup>11</sup> a tomarem parte na guerra espanhola contra o ditador Franco. Este fato provoca a sua expulsão do Partido Fascista e o leva à escritura de *Conversa na Sicília* onde procura apresentar características desumanas de sua região, que são vividas por todo o “mundo ultrajado” presente não só na Sicília, mas em todo o mundo ibérico sob o comando absolutista. No tangente ao estilo, *Conversa na Sicília* tem fortes influências da literatura norte-americana, devidas ao fato de Vittorini ter sido seu tradutor.

A inspiração para a escritura de *Morte e vida severina* veio depois de seu autor ter lido numa revista em Barcelona, que na Índia a média de vida era de 29 anos, o que significava um ano a mais que a perspectiva de vida

<sup>10</sup> <http://fredbar.sites.uol.com.br/mvsint.html>, p.2. Em 16/07/03.

\*(\*) CADERNOS DE LITERATURA BRASILEIRA. João Cabral de Melo Neto. São Paulo: Instituto Moreira Sales, 3ª reimpressão, nº 1, 1998, p.27.

\*(\*) Idem, Ibid. p.31

<sup>11</sup> verdadeiros revolucionários

do recifense. Daí então a estupefação que o levou à conclusão de que “Recife contrastava com a sua pobreza comparável à de Bangladesh”<sup>12</sup> Tal estupefação o levou a escrever *O Cão Sem Plumaz* de imediato e *Morte e vida severina* depois de ter recebido de Maria Clara Machado a encomenda de um auto de Natal. Maria Clara Machado devolveu o auto por não ter condições de representá-lo.

João Cabral explica as condições de publicação : “Como o poema era grande e José Olímpio queria lançar minha primeira antologia, cortei as marcações para o teatro e incluí *Morte e vida severina* no livro para dar volume.”<sup>13</sup> Ambas as obras são fruto da vivência de seus autores, João Cabral no Recife, Elio Vittorini na Sicília.

*Morte e vida severina* tem como inspiração a cidade de Recife e, nas palavras do próprio João Cabral, “ Sempre escrevi poemas sobre o Recife longe da cidade. Eu não precisava estar lá para recriar o universo sobre o qual falo em meus poemas.”<sup>14</sup>

Embora sendo gêneros diferentes, muito nos interessou estabelecer um estudo comparativo por serem ambas as obras reveladoras e porta-voz de uma realidade cruel que, não obstante em continentes diametralmente opostos, tanto no que diz respeito à civilização cultural, quanto ao desenvolvimento econômico, porém semelhantes no desenvolvimento econômico e geográfico regional.

---

<sup>12</sup> <http://fredbar.sites.uol.com.br/mvsint.html>, p.1.Em 16/07/03

<sup>13</sup> Idem Ibid à nota 12.

<sup>14</sup> Idem Ibid à nota 12.



Ambos os autores João Cabral de Melo Neto, como poeta, com seu poema *Auto de Natal Pernambucano* e Elio Vittorini, como romancista, com o seu *Conversa na Sicília*, teceram suas obras com intuito de transformar o leitor/espectador em leitor/crítico. Numa tentativa de despertar o leitor para sair de sua passividade diante da situação que o circunda, que reina em seu mundo, em sua região, e agir no sentido de melhorar o meio, as condições sociais, os relacionamentos humanos em todos os sentidos e tornar-se um espectador crítico consciente do seu meio com suas circunstâncias.

Os dois autores inserem seus leitores/espectadores em universos ficcionais carregados de veracidade numa tentativa de despertá-los para a realidade circunstancial reinante.

João Cabral quer deixar patente o problema da seca com seu êxodo e suas conseqüências malélicas de desagregação social e falência, que culminam com a criação da verdadeira “Indústria da seca”. Tal episódio perdura desde o Império até nossos dias e as autoridades competentes nada fazem para mudar esse quadro de penúria.

Elio Vittorini tenciona despertar os seus leitores para os males do mundo (a guerra e os regimes autoritários), chamando-lhes atenção para o subdesenvolvimento em que se encontra o camponês de sua região a Sicília, para os maus tratos aos quais estão submetidos os seus compatriotas, para a inexistência de uma saúde pública atuante, e a ausência de saneamento básico tão necessários, enfim, da miséria reinante ali.

Nossa pesquisa será desenvolvida em três capítulos onde estudaremos de maneira mais detalhada as obras em apreço sua contextualização no cenário político-social e histórico, visando a estabelecer o elo de ligação, ou seja, onde se processam a convergência e a divergência. Onde elas são símiles e onde são díspares, além da contextualização geográfica de ambas, os fatores externos que influenciaram os autores para a concepção das duas obras. Dado que tanto uma quanto a outra são fruto de realidades distintas, porém muito próximas, no tangente ao aspecto social que influencia nas ações de suas personagens e são caracterizadoras de suas emoções. Ambas são ligadas a regiões muito semelhantes e díspares ao mesmo tempo. Nossa intenção é aquela de filtrar através de uma concepção estética os elementos de ordem social, para entender a singularidade e a autonomia da obra, segundo o pensamento de Antônio Cândido.<sup>15</sup>

No primeiro capítulo analisaremos as Similitudes e as Diferenças entre *Conversa na Sicília* e *Morte e vida severina* tentando estabelecer o elo que une as duas obras.

No segundo capítulo trataremos dos temas recorrentes nas duas obras em análise. O modo como se comportam suas personagens diante da situação que ali está, sua conformação, seu desengano e sua impotência.

No terceiro capítulo serão analisados os traços culturais característicos das duas regiões: nordeste brasileiro (Pernambuco) e sul italiano (Sicília), o *modus vivendi* de povos tão longínquos e tão próximos no sofrimento, na desilusão e na ideologia dos poderosos.

---

<sup>15</sup> Apud AQUINO. Marclely Pinheiro de. *Caminhos Didáticos: o social e o histórico nos Autos de João Cabral de Melo Neto*. Fortaleza: janeiro de 2003. (Dissertação de Mestrado- UFC)

Através da nossa pesquisa tencionamos analisar o processo pelo qual os dois autores apresentam suas denúncias transportando o real para o ficcional, numa tentativa de despertar o leitor para a sua obrigação como ser social e co-responsável pela manutenção da ideologia e do *status quo* predominante, tanto aqui no nordeste brasileiro, quanto lá no território italiano, como também passar a ser um crítico da sociedade na qual ele, leitor, está inserido.



## LEITURAS PARA UMA COMPREENSÃO DE ELIO VITTORINI E JOÃO CABRAL DE MELO NETO

Elio Vittorini nasceu em Siracusa, no sul da Itália, na região da Sicília, em 23 de julho de 1908, sendo o primogênito de uma prole de quatro filhos. Seu pai, Sebastiano, o iniciou na leitura antes mesmo da idade escolar, talvez porque era forçado a viver num processo contínuo de transferências ou mesmo visitas contínuas às localidades da Sicília, por onde passava a ferrovia, ora na costa, ora nas montanhas da Sicília central. Nestas localidades, Vittorini desenvolveu as primeiras leituras que o influenciaram por toda a vida como *As mil e uma noites* e *Robson Crosué*. Destas obras absorveu o espírito de aventura que o acompanhará durante toda a sua produção literária.

Começou sua carreira literária aos dezenove anos, incentivado por Curcio Malaparte. Logo tornou-se colaborador da revista florentina “Solaria”. Solariano significava ser antifacista, europeísta, universalista e antitradicionalista. Tinha como seus opositores Giovanni Papini e Farinacci, que chamavam os solarianos de “Judeus Sujos”, pelo fato de acolherem escritores de religião hebraica, além de falarem bem de Kafka e Joyce. Em 1930, atuou como corretor de rascunhos, que seriam publicados pelo jornal diário “La Nazione” de Florença. Ali, com um colega de imprensa, aprendeu o inglês, que muito lhe servirá na atuação como tradutor depois que, por motivo de saúde, deixou o jornal. Em 1936, sendo ameaçado pela polícia, o Partido Fascista resolveu expulsá-lo, e neste ano, estoura a Guerra Espanhola. O fascismo já tinha invadido a vida do país, com abrangência em todos os setores. Em 1938, Vittorini se estabelece em Milão, e nesta cidade permanece. Foi nesse período de residência milanesa, que se processaram as traduções dos autores da Literatura Americana como D.H. Lawrence, E.A.Poe,

W.Faulkner, J.Steinbeck, W. Saroyan, D.De Foe, J. Fonte, vindo a coroar-se com a publicação, em 1941, da Antologia Americana, pela editora Bompiani, onde terá uma significativa produção literária, além da direção de duas colunas desta editora como: “Corona” e “Pantheon”. Também, neste ano, foi publicado *Conversa na Sicília*, com duas edições, ricas de inovação no tangente à linguagem e às construções sintáticas, ou seja, com a predominância da coordenação e de frases curtas, influências diretas da Literatura Norte-Americana, que ele tão bem soube reelaborar. A segunda edição foi criticada como carregada de derrotismo. No que diz respeito à edição norte-americana, esta só teve sua publicação autorizada totalmente sem comentários, nem adaptações, fato que fez Emilio Cecchi providenciar um prefácio especial em substituição àquele de Vittorini.

Em 1943, com poucos meses de filiação ao Partido Comunista Italiano, Vittorini foi preso durante alguns meses na prisão San Vittore onde permaneceu até os dias do armistício. Durante a ocupação alemã, Vittorini participou da Resistência, colaborando com a imprensa clandestina, tendo sido obrigado a esconder-se e a participar da experiência partigiana<sup>i</sup>, experiência esta que o levou a escrever *Uomini e no*, que só foi publicado em 1945, depois da Liberação, que o fez tornar-se diretor, por algum tempo, da redação da Revista *Unità*, em Milão. Finalmente, fundou a revista cultural *Il Politecnico*, que terá duração até 1947. Sendo Vittorini muito envolvido com a política, e, sempre fazendo críticas à situação reinante, suas críticas foram consideradas muito severas e resultou na extinção da revista e na sua expulsão do Partido Comunista Italiano.

---

<sup>i</sup> Partigiano – pertencente à formação armada irregular que desenvolve ações de guerrilha no território nacional, invadido pelo inimigo. Durante a segunda guerra mundial, assim era designado quem pertencia aos movimentos de resistência contra as forças nazifacistas.

Em 1951, como crítico literário, Vittorini torna-se um grande caçador de novos talentos e, através da coluna da editora Einaudi, incentiva os novos escritores, o que dura até 1958. Dirigiu ainda colunas na editora Mondadori, o jornal o *Novo Politécnico*, junto à editora Einaudi até 1965. Foi promotor cultural do jornal *Il Menabó*, de 1961 a 1966, ano de sua morte, em 12 de fevereiro, com 57 anos completos.

No que diz respeito a João Cabral de Melo Neto, nasceu em Recife - Pernambuco, nordeste brasileiro, em 09 de janeiro de 1920, o segundo de sete filhos. Viveu até os dez anos, na zona rural em engenhos de açúcar, sempre no estado de Pernambuco. Transferida a família para Recife, João Cabral de Melo Neto ingressa no Colégio de Ponte d'Uchôa, dos Irmãos Maristas, onde permanece até a conclusão do curso secundário (hoje ensino médio), aos quinze anos de idade.

Muito cedo passou a conviver com os intelectuais da cidade que se reuniam ao redor do escritor e crítico Willy Lewin e do pintor Vicente do Rego Monteiro, recém-chegado de Paris. Faziam parte do grupo, entre outros escritores, Ledo Ivo e Gastão de Holanda.

Em 1940, transfere-se, juntamente com a família, para o Rio de Janeiro, onde “conhece Murilo Mendes, que o apresenta a Carlos Drummond de Andrade e a outros escritores e intelectuais que se reúnem no consultório do poeta e médico Jorge de Lima.”<sup>ii</sup>

A influência de Murilo Mendes se faz notar logo nos primeiros livros de João Cabral, sobretudo nos cortes surrealistas de algumas imagens. João Cabral assegura que a discussão e a convivência literária com outros poetas

---

<sup>ii</sup> CADERNOS DE LITERATURA BRASILEIRA. *João Cabral de Melo Neto*. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 3ª reimpressão, nº 1, 1998.

foram muito importantes no seu início de carreira como escritor. Afirma ainda que o prosaico e o poético estão juntos em *O Rio e Morte e vida severina*. Assim sendo, são textos de complexa pluralidade de interpretação.

Em 1941, apresenta a tese *Considerações sobre o poeta dormindo*, no Congresso de Poesia do Recife. Em 1942, lança seu primeiro livro *Pedra do sono*, às próprias custas; e, daí em diante, não para mais a sua produção literária, que teve influências várias, segundo depoimento do próprio João Cabral, em *Cadernos de Literatura Brasileira*.

Segundo o poeta, Recife e Servilha tornaram-se as bases de sua poesia: Recife, por ser a sua cidade natal e, Servilha, a cidade da Espanha onde atuou como embaixador, por duas vezes, e onde se sentia em casa.

Assegura que sua vida não pesa muito sobre sua obra poética e afirma que, no máximo, sua poesia contempla um pouco das culturas dos países por onde passou a serviço do Itamaraty, e, como conseqüência, a linguagem era uma decorrência dos temas construídos em cada lugar, cujos motivos lhe interessavam.

João Cabral confirma que recebeu influências dos poetas metafísicos ingleses e, com eles, aprendeu a técnica da discussão das metáforas; também foi influenciado por Pereira da Costa, ao ler *Folclore pernambucano*, principalmente, presente em *Morte e vida severina*.

Filosoficamente, confessa-se influenciado por Le Corbusier, que lhe revelou os cubistas e o geometrismo formal. O poeta assegura que com a queda do muro de Berlim, seu mundo ideológico caiu. Um outro poeta que influenciou João Cabral foi Paul Valéry, com sua “pregação da lucidez na

vontade de criar.” Outras influências recebidas por João Cabral foram: do arquiteto Lincoln Pizzie, de Joaquim Cardozo, calculista de Brasília que o influenciou com suas idéias, do poeta português Cesário Verde, por conta da ausência das discussões sobre retórica em sua poesia. Podemos também relacionar seu discurso à linguagem jornalística por apresentar uma linguagem concisa, popular, direta e objetiva:

“- Nunca esperei muita coisa,  
digo a Vossas Senhorias.  
O que me fez retirar  
não foi a grande cobiça;  
o que apenas busquei  
foi defender minha vida  
da tal velhice que chega  
antes de se inteirar trinta;  
se na serra vivi vinte,  
se alcancei tal medida,  
o que pensei, retirando,  
foi estendê-la um pouco ainda.”(M.v.s.ps.62/63)

“Vou dizer todas as coisas  
que desde já posso ver  
na vida desse menino  
acabado de nascer:  
aprenderá a engatinhar  
por aí, com aratus,  
aprenderá a caminhar  
na lama, com goiamuns,  
e a correr o ensinarão  
os anfíbios caranguejos,  
pelo que será anfíbio  
como a gente daqui mesmo.  
Cedo aprenderá a caçar:  
primeiro, com as galinhas,  
que é catando pelo chão  
tudo o que cheira a comida;  
depois, aprenderá com  
outras espécies de bichos:  
com os porcos nos monturos,  
com os cachorros no lixo.(Mv.s.p.76)





1975

1975

## I – SIMILITUDES E DIFERENÇAS ENTRE *CONVERSA NA SICÍLIA* E *MORTE E VIDA SEVERINA*

Vamos iniciar este capítulo chamando atenção do leitor para o confronto que podemos estabelecer entre os dois autores João Cabral de Melo Neto e Elio Vittorini, nas obras em estudo, partindo do princípio que o primeiro fala do lavrador nordestino imerso num ambiente social aspro e árduo permeado da secura pluviométrica diante da escassez de meios assistencialistas seja social, seja médico ou de sobrevivência como consequência do poder de mando dos poderosos, a quem agrada a manutenção do *status quo* predominante, onde o homem do povo é um “Zé ninguém”, a quem só restam a servidão e o trabalho árduo, enquanto o senhor dono da terra é o todo poderoso, o dono da situação.

“[ ... ]  
vivendo na mesma serra  
magra e ossuda em que eu vivia.  
[ ... ]  
morremos de morte igual,  
mesma morte severina:  
que è a morte de que se morre  
de velhice antes dos trinta,  
de emboscada antes dos vinte,  
de fome um pouco por dia  
(de fraqueza e de doença....”(M.v.s.p.46)  
“- Onde a Caatinga é mais seca,  
irmão das almas,  
onde uma terra que não dá  
nem planta brava.”(M.v.s.p.47)  
“- Ter uns hectares de terra,  
irmão das almas,  
de pedra e areia lavada  
que cultivava.  
[ ... ]

- Nos magros lábios de areia,  
irmão das almas,  
dos intervalos das pedras,  
plantava palha.”(M.v.s.p.48)  
“- Pois fui sempre lavrador,  
lavrador de terra má;  
não há espécie de terra  
que eu não possa cultivar.  
[ ... ]  
mas até a calva pedra  
sinto-me capaz de arar.”(M.v.s.p.54)  
“mas o sol, de sol a sol,  
bem se aprende a suportar.”(M.v.s.p.56)

Vittorini fala de operários do sul italiano nas minas de enxofre e de agricultores que trabalham nos laranjais da Sicília. Todos imersos num meio social tal qual o nosso nordestino, porém ao invés do calor escaldante do sol é o frio enervante que maltrata e deixa os habitantes da região inertes e até mal cheirosos.

“... e eu observava o pequeno siciliano da mulher-menina descascar desesperadamente a laranja, e desesperadamente comê-la, com raiva e frenesi, sem nenhuma vontade, e sem mastigar, engolindo e como que amaldiçoando, os dedos banhados no suco frio, meio curvado ao vento, a pala do boné ensopado batendo contra o nariz.”(C.S.p.23)  
“Nenhum de nós está desempregado. Trabalhamos... Nos laranjais... Trabalhamos.”(C.S.p.26)  
“... abaixou-se e afrouxou um pouco o barbante do cesto, tirou uma laranja, e desesperadamente ofereceu-a, ainda curvado sobre as pernas dobradas, para a mulher e, após sua muda recusa, ficou desesperadamente humilhado com a laranja na mão, e começou a descascá-la para si, e a comê-la, ele, engolindo como se engolissem maldições.”(C.S.p.27)  
““Não senti a fedentina?”, disse o homem à minha frente. [ ... ]  
“A fedentina? Que fedentina?”, perguntei.  
“Como? Não está sentindo?”, ele disse.  
“Não sei”, respondi. “Não sei de que fedentina você está falando.”  
“Oh!”, ele disse. “Não sabe de que fedentina estou falando.”  
E voltou-se para os outros da cabina. ...  
Um, jovem, com um boné de pano leve e envolto num xale, de rosto amarelo, magro, miúdo; encostado na janelinha, sentado num ângulo em diagonal a mim. [ ... ]

O terceiro era um velhinho sem pêlo no rosto, e escuro, com a pele coriácea, de escamas cúbicas como de tartaruga, e incrivelmente pequeno e seco: uma folha seca.”(C.S.ps.46/47)

Ambos os escritores associam, ou seja, situam suas obras num ambiente social verídico “fundindo texto e contexto numa interpretação dialeticamente íntegra.”<sup>16</sup> Vemos o externo (social) influenciando no modo de agir das personagens, no desenrolar da obra.

Uma das primeiras afinidades que podemos encontrar nos dois autores é o fato de ambas as obras referirem-se ao percurso de uma viagem, que, por suas especificidades, contêm as suas diferenças. Em Vittorini é bastante acentuado o cromatismo na descrição paisagística, enquanto que em João Cabral não é possível ao leitor a identificação de cores vivas. Tudo é apresentado quase que de maneira opaca, lúgubre.

Em Vittorini:

“... viajei e viajei, ao sol pela planície vazia, até que a planície cobriu-se de um verde pálido, e chegamos a Lentini, ao pé de longos declives verdes de laranjais e malária, e o rapaz embrulhado no xale desceu e tiritou de frio ao sol, na calçada deserta, descarnado pela malária.”(C.S.p.44)

“E no entanto já tinha passado Augusta com seu monte de casas mortas próximas ao mar, entre planadores e navios, entre salinas, ao sol, e Siracusa se aproximava, viajávamos, pelo campo deserto, ao longo do mar de Siracusa.”(C.S.p.49)

“Começaram a passar as estações, as casinhas de madeira, com o sol sobre o boné vermelho dos chefes de estação, e a mata se abria, se estreitava, figos-da-índia altos como forquilhas. As estações eram de pedra azul, cheias de figos-da-índia...”(C.S.p.56)

“... olhando a longa escadaria e no alto as casas e as cúpulas, e os declives de casas e rochas, e os telhados no vale esterito ao fundo, e a fumaça em uma ou outra chaminé, as marcas da neve, a palha, e um pequeno bando de garotos sicilianos descalços em cima da crosta

<sup>16</sup> CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade* (estudos da teoria e história literária). São Paulo: Cia. Editora Nacional, 2ª ed. 1967, p.04.

de gelo que cobria o chão, no sol, em volta da fonte de ferro fundido.”(C.S.p.59/60)

Em João Cabral:

“Mas não senti diferença entre o Agreste e a Caatinga, e entre a Caatinga e aqui a Mata a diferença é a mais mínima. Está apenas em que a terra é por aqui mais macia; está apenas no pavio, ou melhor, na lamparina: pois é igual o querosene que em toda parte ilumina, e quer nesta terra gorda quer na serra, de caliça, a vida arde sempre com a mesma chama mortífera.”(M.v.s.p.63)

“- Seu José, mestre carpina, que habita este lamaçal,...”(M.v.s.p.70)

“- Foi por ele que a maré fez parar o seu motor: a lama ficou coberta e o mau-cheiro não voou. - E a alfazema do sargaço, ácida, desinfetante, veio varrer nossas ruas enviada do mar distante.”(M.v.s.p.73)

Silvestro faz a viagem de trem, de barco, novamente de trem, de caminhonete e finalmente a pé, até chegar à casa de sua mãe, percorrendo a região talvez por intenção de seu autor, no intuito de fazê-lo diferente, de executar viagens diversas daquelas feitas por ele próprio, e na tentativa de torna-lo não autobiográfico. Elio Vittorini de dia visitava as cidades, de noite viajava, o que afirma com suas próprias palavras: “Eu partia para ver o mundo: queria conhecer o máximo possível dele e das pessoas da mesma

maneira que eu deles sabia através da leitura”<sup>17</sup>, numa alusão às viagens feitas por ele ao norte da Itália, utilizando-se das passagens a que tinha direito seu pai, como ferroviário que era. Tais viagens muito o impressionaram e levou-as na memória por toda a vida. Mesmo assim percebemos, mais uma vez, traços autobiográficos de Vittorini em Silvestro.



“... comprei a passagem de duzentos e cinquenta liras. ... Entrei na estação, sob as luzes, entre as locomotivas e os gritos dos carregadores, e começou uma longa viagem noturna. ... Segui viagem e, lá pela meia-noite, em Florença, mudei de trem, pelas seis da manhã mudei outra vez, no terminal de

Roma, e por volta do meio dia, cheguei a Nápoles, ... Depois viajei no trem para a Calábria, [ ... ] Adormeci, acordei e tornei a dormir, a acordar, finalmente estava a bordo da barca para a travessia até a Sicília.”( C.S.ps.18/19) [ ... ] “ Pelas três horas, sob o sol de dezembro, por trás do mar que rebentava escondido, o trenzinho, pequenos vagões verdes, entrava na garganta de um

<sup>17</sup> Apud. ZANOBINI, Folco. *Elio Vittorini* (Introduzione e guida allo studio dell’opera vittoriniana – storia e antologia della critica). Firenze:Le Monier,1980,p.18.

(Foto 01)

rochedo e depois na mata de figos-da-índia. Era a ferrovia secundária, na Sicília, de Siracusa para as montanhas: Sortino, Palazzolo, Monte Lauro, Vizzini,



(Foto 02)

Grammichele.”( C.S.p.56) [ ... ] “Estamos em Vizzini!....Ali era Vizzini e ali passei a noite, num quarto de hospedagem, que cheirava a alfarroba. [ ... ] e viajei,... em uma camionete, seguindo a torrente, de Vizzini, no alto de três vales estreitos, em direção ao ponto mais alto das montanhas, por três horas, até que alguém disse: “Neve”, e chegamos. ”Ora vejam”, pensei, “estou na casa de minha mãe!”, quando descí da caminhonete, ao pé da longa escadaria que levava aos bairros altos da terra de minha mãe.”( C.S.ps.

56/58/59) [ ... ] “...e cheguei à casa de minha mãe, reconheci a entrada e não era estranho para mim estar ali,... empurrei a porta e entrei na casa.” (C.S.p.63)

Sendo *Conversa na Sicília* um romance que transporta o real para a ficção por retratar a sociedade siciliana rural, podemos observar um percurso verídico de um passageiro que se desloca do norte ao sul da Itália com todas as suas etapas. É possível vivenciar a ansiedade e a emoção da personagem ao vislumbrar paisagens que lhe são tão caras e familiares, exatamente aquelas da





Sicília, principalmente ao se deparar com o lugar em que viveu grande parte de sua vida: infância e juventude.

Severino, em *Morte e vida severina*, faz a viagem a pé, percorre um Estado (Pernambuco), numa transposição da viagem dos pastores da natividade do Menino Jesus:

“Antes de sair de casa  
aprendi a ladainha  
das vilas que vou passar  
na minha longa descida.  
Sei que há muitas vilas grandes,  
cidades que elas são ditas;  
sei que há simples arruados,  
sei que há vilas pequeninas,  
todas formando um rosário  
de que a estrada fosse a linha.  
Devo rezar tal rosário  
até o mar onde termina,  
saltando de conta em conta,  
passando de vila em vila.  
Vejo agora: não é fácil  
Seguir essa ladainha;”( M.v.s.ps.50/51)

[ ... ]

“Mas não senti diferença  
entre o Agreste e a Caatinga,  
e entre a Caatinga e aqui a Mata  
a diferença é a mais mínima.”( M.v.s.p.63)

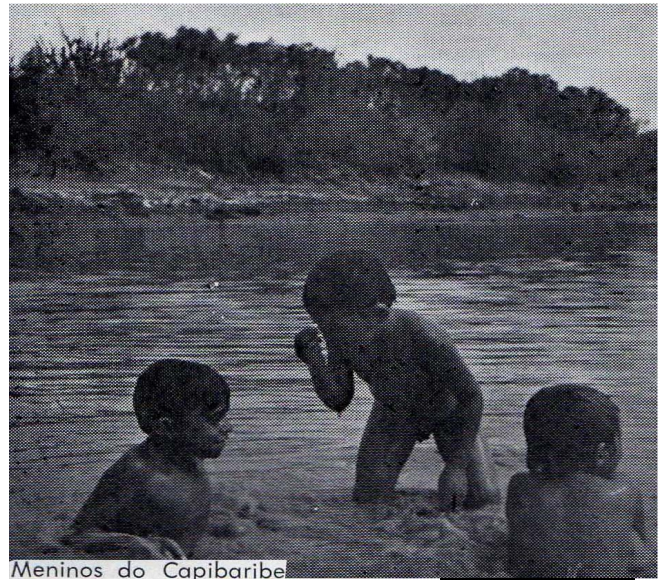
[ ... ]

“E chegando, aprendo que, nessa viagem que eu fazia, sem saber desde o Sertão, meu próprio enterro eu seguia.”( M.v.s.p.69)

[ ... ]

“e aquele acompanhamento de água que sempre desfila (que o rio, aqui no Recife, não seca, vai toda vida).”

( M.v.s.p.70)



Meninos do Capibaribe

(Foto 03)

Na segunda parte do romance, Silvestro em conversa com sua mãe relembram a paisagem agreste da Sicília de sua infância que continua quase intacta, muito semelhante ao nosso sertão nordestino.



“...Era um campo seco, cor de enxofre, e lembrei do grande zumbido do verão e do brotar do silêncio.....” Eram lugares de malária, quase sempre”, disse minha mãe. “ Aquela tremenda malária”, disse.

“Tremenda, realmente”, disse minha mãe.

E eu.” Com as cigarras...”. E pensei na floresta de cigarras que ficava além da rede elétrica, das janelas e da varanda, na solidão do sol, e disse: “Eu acreditava que eram as cigarras, a malária!”.

( C.S.ps.74/75 )

(Foto 04)



Neste diálogo é possível observar a sequeidão do solo acinzentado enquanto o nosso varia de cor, dependendo da sua caracterização, apresentando uma multifacetada coloração indo do branco arenoso ao vermelho. Podemos vivenciar o mesmo zumbido das cigarras, sonoridade tão característica nas nossas caatingas ressequidas pelo sol e pela pouca umidade do ar. Note-se a caracterização da paisagem com o seu campo cor de enxofre, infectada de malária.

Uma outra significativa similitude encontrada na obra dos dois autores deve-se ao fato de a personagem principal de ambas as obras em análise apresentarem índices de rudeza quando do nome que lhes é atribuído . **Silvestro**, em Vittorini – do latim *Silvestru(m)*, que diz respeito ao adjetivo *silvestre(m)*, isto é, pertencente, habitante do bosque (*silva*)<sup>18</sup> - caracteriza muito bem a personagem que, não sendo letrada e tendo pouca instrução, é capaz de questionar e sentir os queixumes daqueles que não conseguiram migrar para outras regiões e continuaram na mesma vida sem perspectivas, servindo àqueles a quem agrada o *status quo* reinante. De volta às suas origens, depois de 15 anos, a personagem é um mero observador da miséria, da fome, da desnutrição e dos infortúnios sofridos por sua gente:

“Eu tinha estado muito doente, durante meses, algum tempo atrás, e conhecia com profundidade como é estar doente, esta profunda miséria na miséria do gênero humano operário, especialmente

---

<sup>18</sup> Tradução nossa do ZINGARELLI, Nicola. *Vocabolario della Lingua Italiana*. Bologna: Zanichelli editore, 12ª ed., 2000.

quando se está na cama já há vinte dias, ou trinta, e nos resta ficar, entre quatro paredes, nós e as roupas de cama, a lataria da cozinha, e a madeira das cadeiras, da mesa, do armário. Não há nada mais no mundo, então ficamos olhando para essas coisas, os móveis, mas não se pode fazer nada, não se pode fazer uma sopa de cadeiras ou de armário. E no entanto é tão grande o armário que daria comida para um mês. E olha-se para essas coisas como se fossem de comer; é por isso talvez que as crianças ficam perigosas e roem, roem...”(C.S.ps.143/144) [ ... ] “Elas, na escola, têm todos os dias uma tigela de sopa. Essa é uma boa iniciativa, dar diariamente uma tigela de sopa, nas escolas, aos filhos de gente que morre de fome. Mais parece um aperitivo. Depois daquela concha de sopa os meninos voltam para casa com os dentes arreganhados, e não querem desculpas, querem comer a todo custo, e ficam como animais ferozes, devoram as pernas das cadeiras , querem devorar o pai e a mãe.”(C.S.p.145)

Presenciamos atos de verdadeira selvageria, praticados pelas crianças no desespero diante da fome, na falta da merenda escolar, que como aqui no nordeste brasileiro, ainda nos dias atuais, muitas vezes é a única refeição a que elas, as crianças, têm acesso. Lá, na zona rural da Sicília, como aqui no nordeste, muitas crianças vão à Escola mais pela comida que pela necessidade de letramento. É patente que, apesar do subdesenvolvimento, naquelas paragens, o sul italiano nas primeiras décadas do século passado (XX), já havia uma preocupação em manter a criança na Escola, o que só veio chegar aqui no Brasil como um todo nas últimas décadas do mesmo século.

**Severino**, em João Cabral, – diminutivo de severo, é originariamente um adjetivo - é a personificação do pobre, parco, anônimo retirante nordestino (pernambucano) que, apesar de sua desnutrição, de sua fome, busca, desesperadamente, chegar à capital e galgar melhores condições de vida, sofre na própria pele as desigualdades e mazelas de condições sub-humanas:

“E se somos Severinos  
iguais em tudo na vida,  
morremos de morte igual,  
mesma morte severina:  
que é morte de que se morre  
de velhice antes dos trinta,  
de emboscada antes dos vinte,  
de fome um pouco por dia  
(de fraqueza e de doença  
é que a morte severina  
ataca em qualquer idade,  
e até gente não nascida).”(M.v.s. p.46)

“O que me fez retirar  
não foi a grande cobiça;  
o que apenas busquei  
foi defender minha vida“  
da tal velhice que chega  
antes de se inteirar trinta;  
se na serra vivi vinte,  
alcancei lá tal medida,  
o que pensei, retirando,  
foi estendê-la um pouco ainda.”(M.v.s. ps.62/63)



Podemos, sem dúvida, reforçar este direcionamento no pensamento de Horácio, que apoiado nas relações que unem arte e ética “concebe a personagem não apenas como seres vivos, mas como modelos a serem imitados, identificando personagem-homem e virtude e advogando para esses seres o estatuto de moralidade humana que supõe imitação.”<sup>19</sup> Dando origem a uma tradição que levou estudiosos a conceberem a personagem com base nos modelos humanos. Daí, na Idade Média, a personagem ter conservado “o caráter de força representativa, de modelo humano moralizante, servindo inteiramente aos ideais cristãos.”<sup>20</sup> Este compromisso, esta relação entre personagem e pessoa, porém, sob nova orientação, perdurou até a Renascença e os séculos que a seguiram, ou seja, até meados do século XVIII. Daí em diante passou-se a estudar a personagem não mais na concepção herdada de Aristóteles e Horácio, mas sob uma visão mais voltada para a psicologia, isto é, passou-se a entender a “personagem como a representação do universo psicológico de seu criador.”<sup>21</sup>

E é nessa perspectiva que realmente se enquadram Silvestro e Severino de nosso estudo, por serem eles uma amostragem da vivência e da observação de seus autores: como nativo do sul italiano e do sertão pernambucano respectivamente. Contudo voltamos o nosso olhar para ambas as personagens (Silvestro e Severino) sobre a concepção de Lukács que vê a personagem como “influência determinante das estruturas sociais”<sup>22</sup> mesmo sendo uma visão moderna monta suas origens na segunda metade do século XVIII. E numa feição ainda mais moderna adotamos o que diz Osman Lins, “pode-se dizer, a *grosso modo*, que a personagem existe no plano da história e

---

<sup>19</sup> Apud BRAIT, Beth. *A Personagem*. São Paulo: editora Ática, 7ªed., 2002, p.35.

<sup>20</sup> Idem, *Ibid*. p.36.

<sup>21</sup> Idem, *Ibid*. p.37.

<sup>22</sup> Idem, *Ibid*. p.39.

caracterização no plano do discurso. A personagem diz respeito ao objeto em si; a caracterização, à sua execução”.<sup>23</sup>

Existe em ambos os autores uma vontade de denunciar, de chamar atenção para a situação reinante em seus países, em suas regiões de origem, como forma de alertar, ou até mesmo, despertar os acometidos pelos males ou situações constrangedoras, bem como aqueles que podem fazer algo, para reagirem ao *status quo* em vigor.

São personagens redondas de acordo com a classificação de E. M. Forster aquelas em virtude de suas complexidades, suas qualidades, suas tendências, seus dinamismos e seus perfis multifacetados com características particularmente humanas.<sup>24</sup> É pois a personagem que com mais nitidez torna patente a ficção, e através dela a camada imaginária se adensa e se cristaliza, no dizer de Antônio Cândido.<sup>25</sup> Em ambos os autores em estudo, “o enredo existe através das personagens: as personagens vivem no enredo.”<sup>26</sup> São estes componentes, que juntos trazem até nós, os leitores, os intuitos da obra, a visão de vida dela decorrente, os significados e valores que a fazem se desenvolver.<sup>27</sup>

Vamos encontrar afinidades também na existência de alusões bíblicas no que diz respeito às personagens. Em João Cabral: **Maria** – que os primeiros cristãos transportaram do grego *Maria(m)* que por sua vez reproduzia o nome hebraico *Maryam*, muito difundido e sem dúvida numa alusão à mãe do

---

<sup>23</sup> LINS, Osman. “Espaço romanesco”. In: \_\_\_\_\_ . *Lima Barreto e o espaço romanesco*. São Paulo: Ática, 1976, p. 77.

<sup>24</sup> Idem, Ibid p.41

<sup>25</sup> CANDIDO, Antônio et alí. *A Personagem de Ficção*. São Paulo: Editora Perspectiva S.A, 1985, p.21

<sup>26</sup> Idem, Ibid. p.53

<sup>27</sup> Idem, Ibid. p. 54

Salvador, o Cristo; **Zacarias** – o latim *Zacharia(m)* e o grego *Zacharias* reproduzem ambos o hebraico *Zekharyah* que significa Deus (- yah, forma abreviada do nome divino) lembrou-se (do verbo zakhar), faz alusão à lembrança do Senhor ao desejo dos pais na espera de um filho. Foi Zacarias que na Bíblia, no Evangelho de Lucas 1,5-25, teve com Isabel um filho na velhice que deveria ser o porta-voz do seu povo, na tentativa de preparar para o Senhor um povo bem disposto e bem cômico de suas obrigações. Poderíamos dizer que é esta a função de Severino: fazer-se porta-voz dos seus. **José** – Nome de tradição cristã, que se refaz através do grego *Joseph, Josepos*, do latim *Ioseph, Iosephu(m)*, do hebraico *Yosph*, já na Bíblia é explicado como “Deus acrescenta, junte (do verbo *yasaph* acrescentar), subentendido “outros filhos”<sup>28</sup> – com toda certeza uma alusão a São José, esposo da Virgem Maria e pai adotivo do Cristo, o Salvador.

É Seu José mestre carpinteiro o pai da criança que nasce e traz a expectativa de mudança de situação, segundo o parecer das ciganas.

Em Vittorini, vamos encontrar: **Concezione** – do latim *conceptione*. Significa a concepção da Virgem Maria; **Ezequiel** – o terceiro dos profetas maiores. Profeta dos hebreus, durante o domínio babilônico no 6º século a.C.. Em seu livro, ele prega a santidade de Deus e a necessidade de vida espiritual não apenas dos indivíduos, mas também de todas as nações da terra. Assim o faz a personagem de Vittorini, prega a solidariedade.

---

<sup>28</sup> Tradução nossa do ZINGARELLI, Nicola. *Vocabolario della Lingua Italiana*. Bologna: Zanichelli editore, 12ª ed., 2000.

Dentre as similitudes, podemos atentar para o estabelecimento do diálogo das personagens com seus interlocutores. Em Vittorini, é o **voi**, que não é um tratamento comum no italiano, língua standard, principalmente como pronome de 2ª pessoa do singular. Faz parte do italiano standard como pronome de 2ª pessoa do plural. Contudo, é muito comum no italiano meridional, mas, infelizmente, com a tradução, perdeu-se esta riqueza de expressão, esta peculiaridade, quando foi traduzido por você, tratamento comum entre os cidadãos habitantes da metrópole. Sem sombra de dúvidas, a melhor tradução teria sido Vossa(s) Senhora(s) como bem o faz João Cabral.

Um ponto muito significativo que podemos constatar nos dois autores é o desengano, a desesperança diante das dificuldades e mazelas da vida, culminando com a idéia do suicídio, na fala de Severino:

“Seu José, mestre carpina,  
que diferença faria  
se em vez de continuar  
tomasse a melhor saída:  
a de saltar, numa noite,  
fora da ponte e da vida?”(M.v.s. p.72)

*Em Conversa na Sicília:*

“E o Grande Lombardo disse:  
“Bem, de resto, é compreensível. Somos um povo triste, nós”.  
“Triste?”, eu disse, ...  
“Muito triste”, disse o Grande Lombardo. ”Ou melhor,  
lúgubre...Todos sempre prontos a ver tudo preto...”.....e o Grande  
Lombardo prosseguiu:

“Sempre esperando qualquer coisa diferente, de melhor, e sempre desesperançados em poder tê-la... Sempre desconsolados. Sempre abatidos ... E sempre com a intenção de querer acabar com a vida”.

“Isso é verdade”, disse muito sério o catanês.” (C.S. p.39)

Em ambas as obras em estudo nos deparamos com o desengano, a falta de perspectiva que sufoca as personagens conduzindo-as ao desespero, ao extremismo de pensar em cometer suicídio.

Nota-se, em ambas as obras, a força da mulher na execução de tarefas, na prestação de serviços, como meio de sobrevivência, numa firme convicção



de que a mulher deve assumir funções, não somente aquelas de dona de casa, adquirindo, através de seu trabalho, a sua independência:

“-Agora se me permite  
minha vez de perguntar:

como a senhora, comadre,  
pode manter o seu lar?

-Vou explicar rapidamente,  
logo compreenderá:

como aqui a morte é tanta,  
vivo de a morte ajudar.

- E ainda se me permite  
que lhe volte a perguntar:  
é aqui uma profissão  
trabalho tão singular?

- É, sim uma profissão,  
e a melhor de quantas há:

sou de toda a região  
rezadora titular.

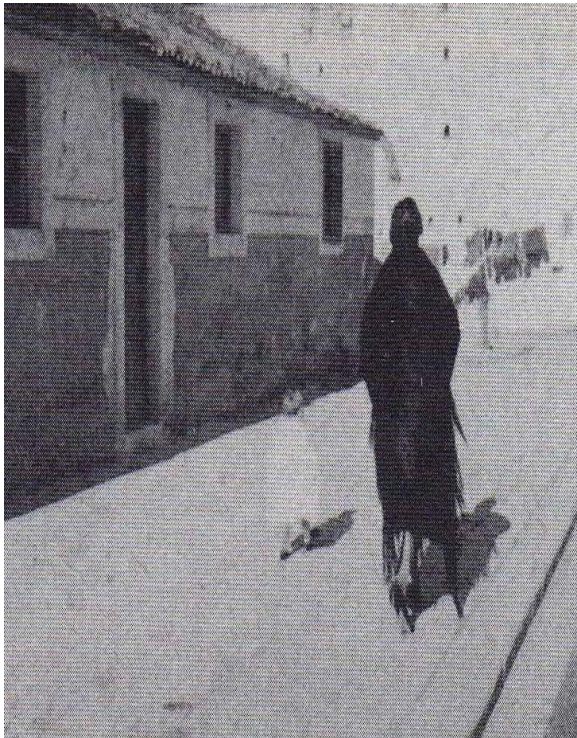
[ ... ]

- De um raio de muitas léguas  
vem gente aqui me chamar;  
a verdade é que não pude  
queixar-me ainda de azar.

[ ... ]

- Como aqui a morte é tanta,  
só é possível trabalhar  
nessas profissões que fazem  
da morte ofício ou bazar.”(M.v.s.ps.56/57)

*Em Conversa na Sicília:*



(Gravura 01)

(gravura 01)

“”Tenho de fazer a minha ronda”.

[ ... ]

“ Sua ronda? Por onde? , eu disse.

[ ... ]

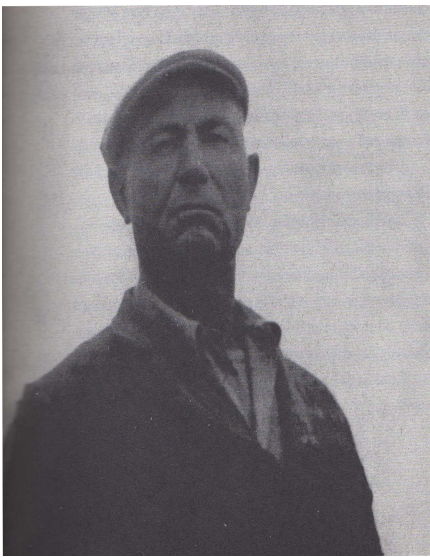
Disse que tinha começado a dar injeções.

Acreditava, disse, não poder esperar nada de meu pai, e se pusera a ganhar a vida assim, dando injeções.”(C.S. p.126)

(Foto 05)

Ambas as personagens têm consciência do seu potencial, da sua força e através dela, da sua capacidade de sobrevivência, partem com bastante segurança para o exercício de uma profissão digna que lhes oferece condições de se manterem. É já o início do atual desejo de igualdade entre os sexos, mostrando que as mulheres são tão capazes quanto os homens. Note-se ainda o orgulho de Concezione ao afirmar para o filho que pode manter-se sozinha e independente.

Outro fator que se faz presente nas obras é a religiosidade do homem interiorano. Pode-se observar que o homem italiano, lá no sul da Itália, precisamente na Sicília, como o homem brasileiro, aqui no nordeste, também participa das festividades religiosas:



“ “Era um grande homem”, disse. “Podia trabalhar dezoito horas por dia, e era um grande socialista, um grande caçador e um grande cavaleiro na procissão de São José...”

“Cavalgava na procissão de São José”, eu disse.. [ ... ] “Como podia cavalgar atrás de São José se era socialista? Os socialistas não acreditam em São José”. [ ... ] E era socialista porque entendia de política... Mas podia acreditar em São José. Não dizia nada contra São José.””(C.S. ps.80/81)

(Foto 06)





Em *Morte e vida severina*:

“ Mas não vejo almas aqui,  
nem almas mortas nem vivas;  
ouço somente à distância  
o que parece cantoria.  
Será novena de santo,  
Será algum mês de Maria;  
quem sabe até se uma festa  
ou dança não seria?”(M.v.s. p.51)

Note-se em ambas as falas o tom irônico dos dois autores, numa alusão aos problemas sociais e ideológicos. Talvez uma maneira de apontar a grande indecisão do povo simples que quando se entusiasma por algum assunto, por alguma idéia, mesmo sem analisá-la a fundo, sem medir as suas conseqüências, se diz seguidor ou propagador dela. Existe, principalmente entre os menos instruídos, tanto aqui no nordeste do Brasil, quanto lá no sul da Itália, a tendência de se deixar levar por determinadas influências, por determinados discursos. É rara a fortificação da fé verdadeira, aquela que segundo a Bíblia, remove montanhas, bem como a solidificação de uma ideologia por parte da gente simples, no sentido de que eles não têm consciência, nem conhecimento intelectual que os conduza a tal.

Ainda com respeito à religiosidade, é bom que se observe em *Conversa na Sicília*, o comportamento da personagem Ezequiele diante do lamento do amolador de alicates que tinha sido roubado. Ele tenta consolá-lo apresentando uma justificativa cristã:

“”Mas meu filho”, o homem Ezechiele disse, “pense que o seu dinheiro foi levado por um pobre viandante... Talvez fizesse muito tempo que ele não comia e não bebia . Você não pode deixar de ficar contente por lhe ter dado a oportunidade de matar a fome e a sede.”” (C.S.p.215)

Um outro indicio de religiosidade que merece relevo, até mesmo por se tratar de um Auto de Natal, é o fato do nascimento de uma criança, exatamente no meio, num momento, de tanta desesperança. Este fato, numa alusão ao nascimento de Cristo, que traz a paz e a esperança aos desiludidos e aos desesperançados, simbolicamente pressentido nas falas das ciganas e na premonição de seus presentes:




**Morte e Vida Severina**  
Em destaque:  
Lilita e Regina Vianna  
(ciganas)

(Foto 07)

João Cabral demonstra bastante evidência ao fato através da metáfora “saltou para dentro da vida”, embora seja uma vida severina, é uma vida que, nas previsões das ciganas, terá mais sorte, será mais amena. E conclui o seu Auto com o diálogo do Mestre Carpina com Severino onde é possível observar a resignação e uma exaltação à vida, um preceito cristão, com o propósito de ganhar o reino dos céus.

“- Severino retirante,  
deixe agora que lhe diga:  
eu não sei bem a resposta  
da pergunta que fazia,  
se não vale mais saltar  
fora da ponte da vida;  
nem conheço essa resposta,  
se quer mesmo que lhe diga;  
é difícil defender,  
só com palavras, a vida,  
ainda mais quando ela é  
esta que vê, severina;  
mas se responder não pude  
à pergunta que fazia,  
ela, a vida, a respondeu  
com sua presença viva.



E não há melhor resposta  
que o espetáculo da vida:  
vê-la desfiar seu fio,  
que também se chama vida,  
ver a fábrica que ela mesma,  
teimosamente, se fabrica,  
vê-la brotar como há pouco  
em nova vida explodida;  
mesmo quando é assim pequena  
a explosão, como a ocorrida;  
mesmo quando é uma explosão  
como a de há pouco, franzina;  
mesmo quando é a explosão  
de uma vida severina.” (M.v.s.ps.79/80)

Uma semelhança muito próxima é a presença da Anáfora em ambos no intuito de dar mais veracidade às cenas apresentadas. Em João Cabral, facilita a apresentação do Auto. Em Vittorini, deve-se à influência da Literatura Americana da qual ele se tornara tradutor.

“- Dentro da rede não vinha nada,  
só tua espiga debulhada.  
- Dentro da rede vinha tudo,  
só tua espiga no sabugo.  
- Dentro da rede coisa vasqueira,  
só a maçaroca banguela.

- Dentro da rede coisa pouca,  
tua vida que deu sem soca.  
- Na mão direita um rosário,  
Milho negro e ressecado.  
na mão direita somente  
o rosário, seca semente.  
- Na mão direita, de cinza,  
o rosário, semente maninha  
- Na mão direita o rosário,  
Semente inerte e sem salto. (M.v.s.ps.61/62)

“... disseram que a humanidade nascera para delinquir.  
“Qualquer classe ... Qualquer categoria...”, disse Com-Bigodes.  
E Sem-Bigodes: “Sejam ignorantes ... Sejam instruídos...”.  
E Com-Bigodes: “Sejam ricos... Sejam pobres...”.  
Sem-Bigodes: ”Nenhuma diferença”.  
Com-Bogodes: “Comerciantes...”.  
Sem-Bigodes: ”Advogados...”.  
Com-Bigodes: “O meu salsicheiro, em Lodi...”.  
Sem-Bigodes: “E em Bolonha, um advogado...”.”(C.S.ps.32/33)

Outra semelhança é devida ao fato de João Cabral falar do lavrador nordestino imerso num ambiente social e geográfico aspro e árduo permeado da secura pluviométrica diante da escassez de meios assistencialistas seja social, seja médico ou de sobrevivência. Elio Vittorini fala dos operários do sul nas minas de enxofre e dos agricultores que trabalham nos laranjais da Sicília. Ambos imersos num meio social tal e qual o nosso nordestino.

Ambos os escritores associam, ou seja, situam suas obras num ambiente social verídico “fundindo texto e contexto numa interpretação dialeticamente íntegra”<sup>29</sup> Vemos o externo (social) influenciando no modo de agir das personagens, no desenrolar da obra.

No tangente a diferenças, vale salientar que em *Morte e vida severina* estão presentes as didascálias por serem típicas dos autos: em *Conversa na Sicília* passa-se de uma parte para outra sem nenhuma explicação.

Uma diferença marcante nas duas obras em estudo deve-se ao fato de: - Severino tem notícia da morte, acompanha enterros, ouve comentários sobre funerais:

“- Desde que estou retirando  
só a morte vejo ativa,  
só a morte deparei  
e às vezes até festiva;  
só morte tem encontrado  
quem pensava encontrar vida,...”(M.v.s. ps.52/53)

Nota-se o desespero, a desesperança de Severino que emigrou na esperança de melhores dias, de uma vida de bonança, de fartura, coisas que ele jamais presenciara. Contudo o seu queixume se faz mais forte vez que nada

---

<sup>29</sup> CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade ( estudos da teoria e história literária)*. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 2ª ed.,1967,p.04.

mudou, só encontrou desgraças, lamentos, vidas severinas tangidas pela morte que muitas vezes por motivos das “excelências” pareceram-lhe festivas.

Silvestro mantém contato com a morte e dialoga até mesmo com o espírito do irmão morto na guerra, sendo-nos possível a observação de cenas de delírio, exatamente por mostrar um comportamento alucinatório do narrador personagem.

“Como da primeira vez, eu o procurei durante alguns minutos, à esquerda, à direita, depois desisti. ‘Está muito escuro’, disse.

‘Pois é’, ele respondeu.

Sentei-me em cima de um túmulo, com a luz do morto ao lado.

‘Melhor sentar.’

‘Assim é melhor’, respondeu o soldado. ‘Ainda mais que temos o teatro.’

‘O teatro?’, eu exclamei. ‘Que teatro?’

‘Mas não me veio para o teatro?’, disse o soldado.

E eu: ‘Não sei de nada’.

E o soldado: ‘Ora, sente-se e vai ver... Eis que eles chegam’.

Eu: ‘Está falando sério? Não vejo ninguém...’,

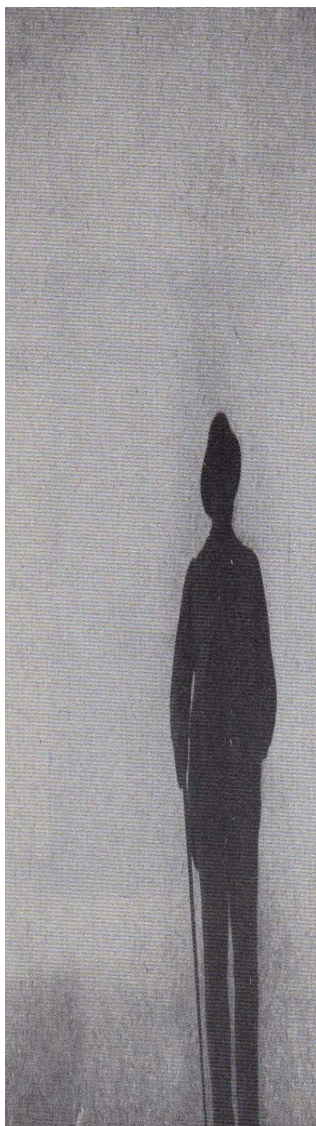
O soldado: ‘Talvez seja por causa do escuro’.

[ ... ]

O soldado: ‘Também eu represento’.

E eu: ‘Representa? Está representando agora?’.

O soldado: ‘Sempre. De trinta dias para cá’.





‘Mas não falou que brincava com seu irmão de onze anos?’, eu disse.

O soldado: ‘Sim. E falo com uma moça, podo uma videira, rego um jardim...’.

E eu: ‘Pois então?’.

O soldado não respondeu.

‘Pois então?’, eu insisti.

O soldado respondeu: ‘Ehm!’.

‘Ehm? Por que, ehm?’, gritei.

De novo o soldado não respondeu.

‘Você está aí?’, eu perguntei.

‘Estou’, respondeu o soldado.

[ ... ]

‘Ai de mim!’, respondeu ele. ‘Feito escravo, atravesso cada dia mais um campo de neve e sangue.’

‘Ah!’, gritei. ‘É isso que representa?’

‘Precisamente’, o soldado respondeu. ‘Tenho essa honra.’

Eu disse: ‘E sofre muito?’.

‘Muito’, disse ele, ‘por milhões de vezes’.

Eu: ‘Por toda palavra impressa, toda palavra pronunciada, por todo milímetro de bronze levantado’.

Eu: ‘Isso lhe faz chorar?’.

Ele: ‘Sim, me faz chorar’.

[ ... ]

Com voz humilde, perguntei: ‘Posso fazer alguma coisa para consolá-lo?’.

Ele tornou a responder que não sabia.

E sugeri: ‘Talvez um cigarro?’.

Procurei os cigarros no bolso, e acrescentei: ‘Aceita um?’.

‘Aceito’, ele respondeu.

(Foto 08)

Estendi o cigarro. ‘Tome’, disse-lhe.

Mas o cigarro ficou na minha mão. ‘Onde você está?’, chamei.

‘Estou aqui’, disse o soldado.

Eu me levantei, avancei um passo, dei outro passo, e sempre estendendo o cigarro, mas sempre o cigarro ficava na minha mão.

‘Afinal, quer ou não quer?’, gritei.

‘Eu quero, eu quero’, o soldado respondeu.

Gritei: ‘Então pegue’.

O soldado não me respondeu.

‘Pegue. Onde está?’, gritei.

O soldado não me respondeu mais. E continuei a gritar, comecei a correr, me achei fora do vale estreito, de novo no patamar da casa de minha mãe; vi que o cemitério estava muito longe de mim, lá embaixo, com suas luzes.” (C.S.ps.247/249/250/251)

Um fato que diferencia os dois autores é a precisão do tempo em Vittorini e ausência total em João Cabral. Naquele observamos o mês, o dia da semana, a hora, a data e até a estação do ano:

“Peguei a carta de meu pai, reli e olhei a folhinha: era 6 de dezembro,...”(C.S.p.17)

“... e vi que um trem partiria par o sul às sete, dali a dez minutos.”(C.S. p.18)

“Segui viagem e, lá pela meia-noite, em Florença.....pelas seis da manhã....no terminal de Roma, e por volta do meio-dia cheguei a Nápoles, [ ... ] Depois viajei no trem para a Calábria, recomeçou a chover, a anoitecer, e reconheci a viagem, [ ... ] O mar estava negro invernal, ...”(C.S. p.19)

“A manhã era de chuva, mas não chovia,...”(C.S. p.21)

“... via-se de repente em meio ao inverno marinho a torre do farol em viagem...”(C.S. p.22)

“Pelas três horas, sob o sol de dezembro, por trás do mar escondido...”(C.S. p.56)

“Assim tornamos a subir para fora e o céu estava escuro, soavam os sinos ao toque da Ave-Maria.”(C.S. p.211)

“Serenos era o ar frio e os sinos já não voavam mais pelo céu, silenciavam em seu ninho.”(C.S. p.217)

“Era noite sem a calma da noite, sem o sono;”(C.S. p.252)

“Esta foi a minha conversa na Sicília, durante três dias e as respectivas noites, terminadas como começaram.”(C.S. p.274)

Uma outra diferença marcante encontrada nas duas obras estudadas é o fato de Silvestro ser uma personagem viajada e culta, de muitas leituras desde a mais tenra idade, um leitor possuidor de um forte espírito crítico e ser filho de um funcionário público, deixando transparecer o autobiografismo que Vittorini insiste em negar. Contudo se faz marcante quando Silvestro afirma:

“Faz quinze anos que percorro a Itália... Morei em Florença, em Bolonha, em Turim, e vivo em Milão...”(C.S.ps.38/39)

“ ‘Em Terranova?’ , eu disse.

Lá havia lido as *Mil e uma noites* e tantos livros, de velhas histórias, de velhas viagens, aos sete e oito e nove anos, e a Sicília era também isso aí, *Mil e uma noites* e velhos vilarejos, árvores, casas, gente de velhíssimos tempos por meio dos livros. Depois esqueci, na minha vida de homem, mas tinha dentro de mim , e podia recordar, reencontrar. Feliz de quem pode reencontrar!

É uma sorte ter lido quando se era menino. E dupla sorte ter lido livros de velhos tempos e velhos países, livros de história, livros de

viagens e as *Mil e uma noites*, em especial. Pode-se recordar também aquilo que se leu como se de alguma maneira o tivesse vivido, e tem-se a história dos homens e todo o mundo em si, com a própria infância; Pérsia aos sete anos, Austrália aos oito, Canadá aos nove, México aos dez, e os hebreus da Bíblia com a torre da Babilônia e David no inverno de seis anos, califas e sultões em um fevereiro ou um setembro, no verão as grandes guerras com Gustavo Adolfo etc. pela Sicília-Europa, em uma Terranova, uma Siracusa, enquanto todas as noites o trem leva embora soldados para uma grande guerra que é todas as guerras.

E tive a sorte de ler muito em minha infância, e em Terranova a Sicília significava para mim também Bagdá e o Palácio das Lágrimas e jardim de palmitos. Naquela cidade eu li as *Mil e uma noites* e outros livros, em uma casa que era cheia de sofás e filhas de um amigo qualquer do meu pai, e lembro a nudez da mulher, como a de sultanas e odaliscas, concreta, certa, coração e razão do mundo.”(C.S. ps.180/181184)

Severino é inculto, rude, lavrador de nascença, filho de pais pobres e miseráveis, acostumado à dureza, à escabrosidade da terra, como os seus camaradas nordestinos:

“Somos muitos Severinos  
iguais em tudo e na sina:  
a de abrandar estas pedras  
suando-se muito em cima,  
a de tentar despertar  
terra sempre mais extinta,  
a de querer arrancar  
algum roçado da cinza.” (M.v.s.pg.46)

Uma outra diferença que merece nossa atenção é o fato de João Cabral, através da construção ficcional de Severino, em nenhum momento referir-se ao modo de vestir-se de sua gente. Vittorini, através de Silvestro, refere-se de vez em quando aos agasalhos, aos xales, aos sobretudos usados por suas personagens, fato reforçado pelas fotografias que tão bem ilustram a obra. São

sempre roupas muito pesadas e de cores muito escuras, muito próximas do preto.



(Foto 09)

É diferente também a maneira como os dois autores abordam a viagem, com características totalmente diversas, merecendo assim um destaque especial. Severino foge da terra, distancia-se de suas origens em busca de um

sentido para sua vida. Silvestro, faz o contrário, volta à sua terra natal com o firme propósito de dar um sentido para sua vida, de reencontrar a sua própria origem familiar, sua mãe, numa alusão ao mito da deusa-mãe. Para Silvestro, a viagem, além de ser um reencontro com a sua identidade de siciliano do sul, é também um mergulho num mundo que estava esquecido e que lhe volta



através da memória, fazendo-o reviver a infância e a adolescência de 15 ou 20 anos atrás.

“Era assim, minha mãe; a recordação do que era quinze anos atrás, vinte anos atrás, quando ficava esperando saltarmos do trem de carga, jovem e terrível, com um pau na mão; a recordação, e o tempo tão distante, e tudo o mais, enfim, duas vezes real. Examinava o arenque, erguendo-o de um lado, do outro, sem estar queimado em nenhum lugar, mas inteiramente tostado, e também o arenque era isso, a recordação e tudo o mais. E isso era tudo, a recordação, o sol, o frio, o braseiro de cobre no meio da cozinha, e a posse pela minha consciência daquela parte do mundo onde me encontrava; tudo era assim, real duas vezes; e talvez por isso sentir-me ali não era indiferente para mim, viajar, por isso era duas vezes real, a própria viagem de Messina para baixo, as laranjas na barca, e o Grande Lombardo no trem, e Com-Bigodes e Sem-Bigodes, e o verde pálido e Siracusa, a própria Sicília, afinal, tudo duas vezes real, e em viagem, quarta dimensão.”(C.S.p.71)

A maior de todas as diferenciações se deve à caracterização das obras analisadas. Ambas as narrativas possuem um fio condutor que organiza o enredo de cada história. Uma organizando e estruturando em versos, a outra adota a forma convencional da prosa, conservando ambas o caráter ficcional e romanesco. *Morte e vida severina* é um poema dramático, em alguns momentos de tons líricos, apresentando um ambiente social insólito, através de versos marcados em sílabas de acento popular, às vezes livres, mas que não dispensam o ritmo interno com rimas bem acentuadas, expressando a melodia das linguagens do povo. *Conversa na Sicília* é um romance de estrutura moderna, apresentando uma narrativa com dois vieses, aquele de



memorialismo, e o outro o da travessia do mundo ultrajado, recordando os tipos característicos de uma sociedade marcada pelo abandono. Enquadra-se perfeitamente no conceito de “nouveau roman”, uma vez que a temática da viagem como busca e travessia na dispersão do sujeito que tenta se reencontrar, em meio à despersonalização do pós-guerra faz com que *Conversa na Sicília* lembre em alguns momentos, a viagem de *A Modificação*, de Michel Butor, um dos ícones do novo romance francês, herdeiro das transformações ficcionais do modernismo europeu.

Vittorini, por intermédio de Silvestro, muitas vezes mantém um monólogo interior no qual busca encontrar saída para os males do mundo ultrajado e da humanidade perdida.

Severino, em nenhum momento, se questiona a respeito da ideologia dominante, até porque não tem discernimento para tal. Refere-se a ela, mas somente como o *modus vivendi* em seu meio.

Podemos concluir esta parte, no que diz respeito a João Cabral, com a alusão que Maurice Blanchot faz a Rilke ao dizer: “Numa passagem de Malte, Rilke diz que “os versos não são sentimentos, são experiências. Para escrever um único verso, é preciso ter visto muitas cidades, muitos homens e coisas...”<sup>30</sup>. Com relação a Vittorini, podemos nos fundamentar no pensamento naturalista de Zola ao afirmar que “um autor se expressa pelo estilo que ele elegeu e pelo tema que o norteia.”<sup>31</sup>

---

<sup>30</sup> In. BLANCHOT, Maurice. *O Espaço Literário*. Rio de Janeiro: Rocco, 1987, p.76

<sup>31</sup> FERNANDES, Ronaldo Costa. *O Narrador do Romance: e outras considerações sobre o romance*. Rio de Janeiro: Sete Letras, 1996, p.75.

## II – A DESESPERANÇA, A RESIGNAÇÃO E A IMPOTÊNCIA: TEMAS DE *CONVERSA NA SICÍLIA* E *MORTE E VIDA SEVERINA*

Vamos iniciar esta parte do trabalho com a definição dos termos: *Desesperança*, (A) s.f. falta ou perda de esperança; desespero, desesperação. F.” Des... + esperança”.<sup>32</sup> (B) [ De des- + esperança.] S.f. falta ou perda de esperança; desespero, desesperação<sup>33</sup>. *Resignação*, (A) s.f. cedência voluntária de alguma coisa em favor de outrem. // Demissão voluntária do cargo exercido ou da graça recebida; renúncia. // (Dir. conôn.) Demissão de um benefício ou cargo eclesiástico nas mãos do colador ou do papa; *A resignação* de um bispado. // (Fig.) Submissão aliada à constância e paciência em face dos infortúnios, paciência no sofrimento, coragem para suportar os rigores dos infortúnios, constância numa situação sem que se reaja contra ela, ou sem que o paciente se lamente dela; paciência; // F. *Resignar*<sup>34</sup>. (B) S.f. 1- Ato ou efeito de resignar (-se). 2- Renúncia espontânea de uma graça ou de um cargo. 3- Submissão paciente aos sofrimentos da vida.<sup>35</sup> *Impotência*, (A) s.f. falta de poder, de força. // Qualidade de impotente. // Impossibilidade física ou moral. // (Fisiol.) Incapacidade masculina para a cópula. // F. lat. *Impotência*.<sup>36</sup> (B) [ Do latim. *Impotentia*.] S.f. 1- Qualidade de impotente. 2- Incapacidade masculina para a cópula; fraqueza genesíaca.<sup>37</sup>

<sup>32</sup> CALDAS AULETE. *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Delta, 3ª edição, 1980, V.II.

<sup>33</sup> FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira S.A., sd..

<sup>34</sup> CALDAS AULETE. *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Delta, 3ª edição, 1980, v.IV.

<sup>35</sup> Idem. Ibid. nota nº32.

<sup>36</sup> Idem. Ibid. nota nº33.

<sup>37</sup> Idem. Ibid. nota nº32.

Ambas as obras são permeadas de desesperança e deixam facilmente transparecer a impotência de suas personagens. João Cabral queria denunciar as agruras dos nordestinos, pernambucanos. Vittorini queria denunciar as agruras, os males do mundo, da humanidade perdida e usa a Sicília para tal. Logo no início, em *Morte e vida severina*, o retirante explica ao leitor quem é e a que vai.

“- O meu nome é Severino,  
não tenho outro de pia.  
Como há muitos Severinos,  
que é santo de romaria,  
deram então de me chamar  
Severino de Maria;  
como há muitos Severinos  
com mães chamadas Maria,  
fiquei sendo o da Maria  
do finado Zacarias.  
Mais isso ainda diz pouco:  
há muitos na freguesia,  
por causa de um coronel  
que se chamou Zacarias  
que foi o mais antigo  
senhor desta sesmaria.  
Como então dizer quem fala  
ora a Vossas Senhorias?  
Vejam: é o Severino  
da Maria do Zacarias,  
lá da serra da Costela,  
limites da Paraíba.  
Mas isso ainda diz pouco:

se ao menos mais cinco havia  
com nome de Severino  
filhos de tantas Marias  
mulheres de outros tantos,  
já finados, Zacarias,  
vivendo na mesma serra  
magra e ossuda em que eu vivia.  
[...]  
passo a ser o Severino  
que em vossa presença emigra”.(M.v.s. ps.45/46)

Observe-se o marco da religiosidade cristã numa alusão ao Batismo, muito bem caracterizado pelo uso da construção metonímica: “não tenho outro de pia.”

Note-se também a presença do dominador, o latifundiário por nome Zacarias que foi um dos primeiros a chegar na Sesmaria de Pernambuco e dada a sua importância alastrou-se o nome por toda aquela região. Talvez até na esperança, guardada bem no âmago de cada família, de que um dia aquela criança que recebe o nome de Zacarias, venha a ser diferente daqueles de sua família, possa, quem sabe transformar-se, num senhor dono da terra.

Uma característica forte da impotência é o uso da construção metafórica em “vivendo na mesma serra magra e ossuda em que vivia”, onde podemos notar a escassez do solo, a impossibilidade de crescimento, seja físico, intelectual ou financeiro, vez que os habitantes da região não dispõem de meios quer financeiros, quer de maquinaria agrícola que sejam capazes de

permitir uma mudança, uma nova performance por parte deles, vítimas do sistema, do poder político reinante.

Com o intuito de impressionar de modo mais forte o leitor”, João Cabral, o poeta brasileiro, cuja obra é objeto de estudo desta dissertação, com destaque para *Morte e vida severina* (1956), utilizou-se de um personagem do povo, dando-lhe voz, o qual representa todo o povo sofredor nordestino espezinhado pelo forte onde, irremediavelmente, estão presentes o sofrimento, a morte, a subnutrição e a pobreza.

“Somos muitos Severinos  
iguais em tudo na vida:  
na mesma cabeça grande  
que a custo é que se equilibra,  
no mesmo ventre crescido  
sobre as mesmas pernas finas,  
e iguais também porque o sangue  
que usamos tem pouca tinta.  
E somos Severinos  
iguais em tudo na vida,  
morremos de morte igual,  
mesma morte severina:  
que é a morte de que se morre  
de velhice antes dos trinta,  
de emboscada antes dos vinte,  
de fome um pouco por dia  
(de fraqueza e de doença  
é que a morte severina  
ataca em qualquer idade,  
e até gente não nascida)”(M.v.s.p.46).

Podemos observar as características do nordestino sofrido, geralmente com a cabeça grande, por conta das condições climáticas, que se equilibra no ventre crescido por conseqüência da má alimentação e dos vermes que atacam as crianças, não permitindo um bom desenvolvimento físico. Na sua grande maioria são pessoas pálidas, daí a “pouca tinta” no sangue. São pessoas que abandonam a terra natal num verdadeiro êxodo rural, em busca de melhores condições de vida, de um futuro melhor, porém incerto.

Podemos, também, observar “a gente sem nome que baixou com o rio até o Recife”<sup>38</sup>, pois Severinos são todos aqueles “descamisados”, “sem terra” que a seca expulsa do sertão e “que o latifúndio escorraça da terra”<sup>39</sup>. Aqueles que têm a existência negada. Severino chama-os todos por um só nome na tentativa de deixar claro que não existe diferença entre eles, nordestinos, que vivenciam a situação de precariedade e vivem no anonimato. De agora em diante, serão todos Severinos, deixaram de ser anônimos por serem vítimas da *severinidade* – situação subumana carregada de carência, necessidade e fragilidade – que os leva cedo à morte, estabelecendo um forte elo entre esta e a vida. É interessante observar que Severino descreve a sua vida e a de todos os nordestinos em 28 versos, que corresponde exatamente à expectativa de vida dos pernambucanos, à época da escritura do auto de Natal, segundo João Cabral de Melo Neto.

---

<sup>38</sup>NUNES, Benedito. *João Cabral de Melo Neto*. Petrópolis: Vozes, 2ª .ed., 1967. p.82

<sup>39</sup> Idem. *Ibid*, p. 82

De acordo com Marlyse Meyer, daí em diante podemos presenciar onze cenas de encontro do personagem narrador com a morte, vez que ela é “tema, personagem, peripécia e elemento estruturador”<sup>40</sup> da obra em estudo. São, exatamente, sete encontros com a morte. Este é um “número sagrado, mítico e mágico, especialmente nas tradições da Ásia Ocidental, que significa ordem cósmica e espiritual e a conclusão de um ciclo natural.”<sup>41</sup>

O Primeiro Encontro se dá com “a morte-emboscada” – Severino depara-se com “Dois homens carregando um defunto numa rede, aos gritos de: ‘O’ irmãos das almas! irmãos das almas! não fui eu que matei não!”<sup>42</sup> Na curiosidade de homem simples e puro e através de versos organizados em estrofes, de perguntas e respostas tendo por base a repetição lamentosa do estribilho a seguir com a ressonância da rima em “a”, o leitor vai tomando conhecimento da vida do defunto, da sua morte e da solidariedade dos seus camaradas severinos.

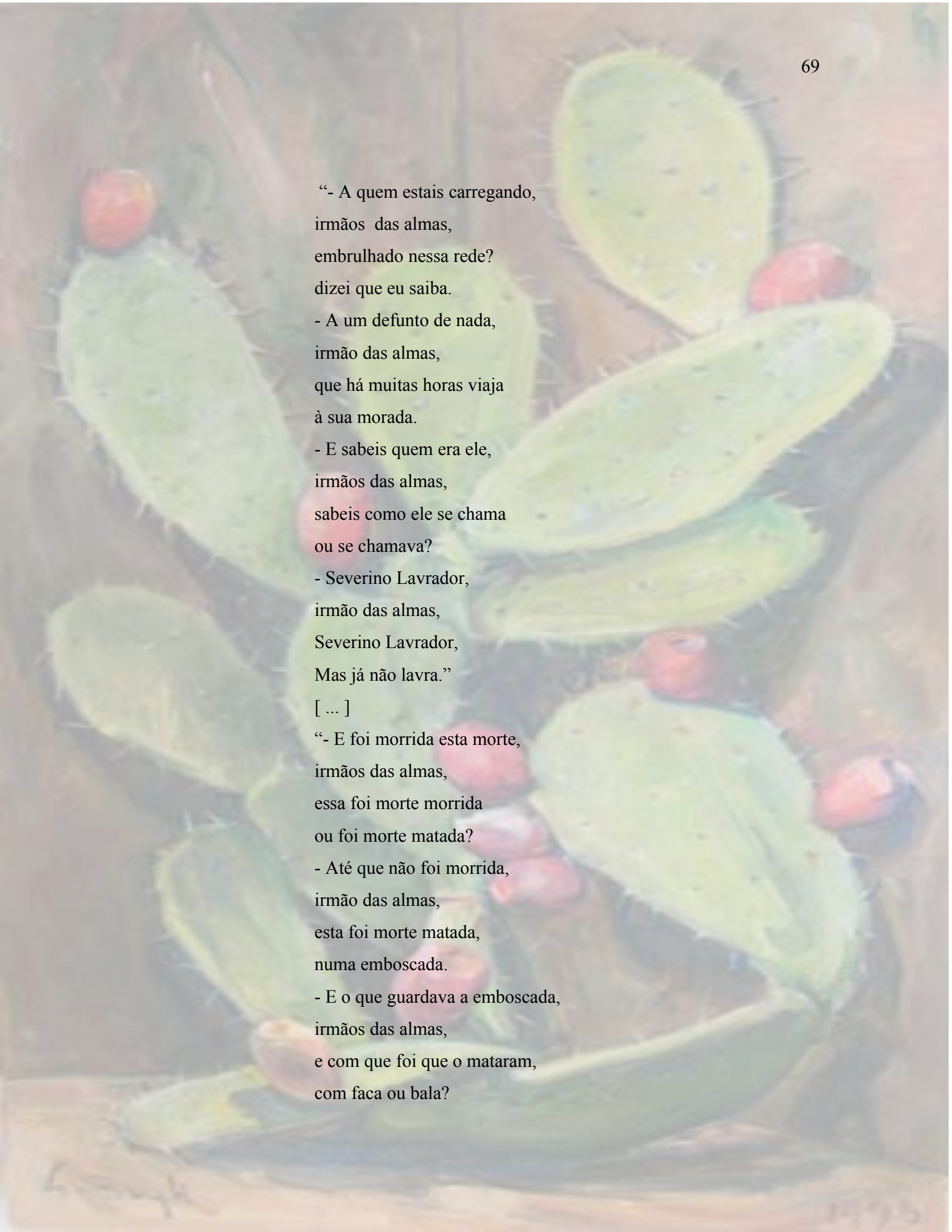


(Gravura 02)

<sup>40</sup> MEYER, Marlyse. *Caminhos do Imaginário no Brasil*. São Paulo: Edusp, 1993, p.112

<sup>41</sup> TRESIDER, Jack. *O Grande Livro dos Símbolos (Um guia ilustrado de imagens, ícones e signos – seus conceitos, histórias e origens)*. Tradução: Ricardo Nojosa; Rio de Janeiro: Ediouro, 2003, p.316.

<sup>42</sup> MELO NETO, João Cabral de. *Morte e vida severina e outros poemas para vozes*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 4ª ed., 2000, p47



“- A quem estais carregando,  
irmãos das almas,  
embrulhado nessa rede?  
dizei que eu saiba.

- A um defunto de nada,  
irmão das almas,  
que há muitas horas viaja  
à sua morada.

- E sabeis quem era ele,  
irmãos das almas,  
sabeis como ele se chama  
ou se chamava?

- Severino Lavrador,  
irmão das almas,  
Severino Lavrador,  
Mas já não lava.”


[ ... ]

“- E foi morrida esta morte,  
irmãos das almas,  
essa foi morte morrida  
ou foi morte matada?

- Até que não foi morrida,  
irmão das almas,  
esta foi morte matada,  
numa emboscada.

- E o que guardava a emboscada,  
irmãos das almas,  
e com que foi que o mataram,  
com faca ou bala?





- Este foi morto de bala,  
irmão das almas,  
mais garantido é de bala,  
mais longe vara.

- E quem foi que o emboscou,  
irmão das almas  
quem contra ele soltou  
essa ave-bala?

- Ali é difícil dizer,  
irmão das almas,  
sempre há uma bala voando  
desocupada.

- E o que havia ele feito  
irmãos das almas,  
e o que havia ele feito  
contra tal pássara?

- Ter uns hectares de terra,  
irmão das almas,  
de pedra e areia lavada  
que cultivava.”( M.v.s. ps.47/48)

[ ... ]

“ E agora o que passará,  
irmãos das almas,  
o que é que acontecerá  
contra a espingarda?

- Mais campo tem para soltar,  
irmão das almas,  
tem mais onde fazer voar  
as filhas-bala.

- E onde o levais a enterrar,  
irmãos das almas,

com a semente do chumbo  
que tem guardada?

- Ao cemitério de Torres,  
irmão das almas,  
que hoje se diz Toritama,  
de madrugada.

- E poderei ajudar,  
irmãos das almas?  
vou passar por Toritama,  
é minha estrada.

- Bem que poderá ajudar,  
irmão das almas,  
é irmão das almas quem ouve  
nossa chamada.”(M.v.s. p.49)

[ ... ]

Severino dialoga com seus parceiros querendo saber o nome, a *causa mortis* e a procedência do defunto. Eles lhe apresentam a insignificância do morto, deixando evidente que a morte se dera por tensões dramáticas ocasionadas pela violência generalizada entre latifundiários e “sem terra”, deixando patente o poder do latifúndio que perdura ainda nos dias atuais, e que alastrou-se por todo o território brasileiro. Mostram a morte como conseqüência da *severinidade* à qual estão submetidos os “descamisados”, de modo especial aqueles do nordeste brasileiro, que nem mesmo têm direito a uma urna mortuária, além de deixarem transparecer a impunidade de criminosos abastados e acovardados que não se deixam notar, não fazem suas atrocidades às claras, mas às escondidas. Apresentam o poder do grande latifundiário perseguindo o pequeno produtor que atrapalha o seu caminho;

matando-o, apropria-se da migalha de terra deste, alastrando o seu poderio, suas terras, seu patrimônio.

O Segundo Encontro é “*a morte-velório*” que se faz presente. “O retirante tem medo de se extraviar porque seu guia, o rio Capibaribe, cortou com o verão”<sup>43</sup> e segue no rumo de uma cantoria porém... “Na casa a que o retirante chega estão cantando excelências para um defunto, enquanto um homem, do lado de fora, vai parodiando as palavras dos cantadores”<sup>44</sup>.



Ilhas do Capibaribe

(Foto 10)

*“Finado Severino,  
quando passares em Jordão  
e os demônios te atalharem  
perguntando o que é que levas...  
- Dize que levas cera,  
capuz e cordão  
mais a Virgem da Conceição.  
- Finado Severino,*

<sup>43</sup> Idem. Ibid. p.50.

<sup>44</sup> Idem. Ibid. p.52

*etc..*





Dize que levas somente

coisas de não:

fome, sede, privação.

- *Finado Severino,*

*etc...*

Dize que coisas de não,

ocas, leves:

como caixão, que ainda deves.

- *Uma excelência*

*dizendo que a hora é hora.*

- *Ajunta os carregadores*

*que o corpo quer ir embora.*

- *Duas excelências...*

- ... dizendo é a hora da plantação.

- *Ajunta os carregadores...*  
- ... que a terra vai colher a mão.”  
( M.v.s. p.52)

(Gravura 03)

Podemos constatar aqui a presença de elementos “étnicos e folclóricos”<sup>45</sup> como as excelências, as rezadeiras, o velório, que antecedem ao enterramento do corpo morto, como uma última homenagem ao falecido, e uma prova da amizade que lhe era dispensada. Durante muito tempo perdurou este costume aqui no nordeste brasileiro, talvez até o advento da televisão. Acrescente-se também o fato de um ouvinte, do lado de fora da casa, tentar interpretar as palavras das excelências que são de forte cunho religioso, dando-lhes um cunho social, deixando transparecer as maiores agruras às

---

<sup>45</sup> NUNES, Benedito. *João Cabral de Melo Neto*. Petrópolis: Vozes, 2ª .ed., 1967. p.84.





quais esteve submetido o defunto durante sua estada nesta vida terrena, que nem mesmo pode comprar um caixão.

O Terceiro Encontro acontece com “*a morte-negócio*”- “Cansado da viagem o retirante pensa interrompê-la por uns instantes e procurar trabalho ali onde se encontra.”<sup>46</sup> “Dirige-se à mulher na janela que depois descobre tratar-se de quem se saberá.”<sup>47</sup> Outra vez o retirante submete-se a um interrogatório, interferindo também ele com suas perguntas, e expondo todos os seus saberes, as suas habilidades de lavrador. Outra vez frustrado, Severino toma consciência da inutilidade do seu saber naquelas paragens e cada vez mais se sobressai a profissão da mulher com quem dialoga.

[ ... ]

“- Mas isso então será tudo  
em que sabe trabalhar?  
vamos, diga retirante,  
outras coisas saberá.  
- Deseja mesmo saber  
o que eu fazia por lá?  
comer quando havia o quê  
e, havendo ou não trabalhar.  
- Essa vida por aqui  
é coisa familiar;  
mas diga-me retirante,  
sabe benditos rezar?  
sabe cantar excelências,  
defuntos encomendar?

<sup>46</sup> MELO NETO, João Cabral de. Op. cit. p.52.

<sup>47</sup> Idem. Ibid. p.54.

sabe tirar ladainhas,  
sabe mortos enterrar?  
- Já velei muitos defuntos,  
na serra é coisa vulgar;  
mas nunca aprendi as rezas,  
sei somente acompanhar.  
- Pois se o compadre soubesse  
rezar ou mesmo cantar,  
trabalhávamos a meias,  
que a freguesia bem dá.  
- Agora se me permite  
minha vez de perguntar:  
como a senhora, comadre,  
pode manter o seu lar?  
- Vou explicar rapidamente,  
logo compreenderá:  
como aqui a morte é tanta,  
vivo de a morte ajudar.  
- E ainda se me permite  
que lhe volte a perguntar:  
é aqui uma profissão,  
trabalho tão singular?  
- É sim, uma profissão,  
e a melhor de quantas há:"( M.v.s. ps.56/57)  
[ ... ]

É notória a surpresa, e, podemos dizer, a êxtase da personagem Severino diante do inusitado da resposta da mulher com quem dialoga, ao tomar conhecimento que a morte pode servir de emprego rentável e ser vista

como uma coisa quase prazerosa, ele que tenta fugir da morte, a todo custo, e cada vez mais se sente rodeado por ela.

O Quarto encontro se dá com “*a morte escárnio*” e acontece quando “O retirante chegou à Zona da Mata, que o faz pensar, outra vez, em interromper a viagem”<sup>48</sup>:

“- Bem me diziam que a terra  
se faz mais branda e macia  
quanto mais do litoral  
a viagem se aproxima.  
Agora afinal cheguei  
nessa terra que diziam.  
Como ela é uma terra doce  
para os pés e para a vista.  
Os rios que correm aqui  
têm a água vitalícia.  
Cacimbas por todo lado;  
cavando o chão, água mina.  
Vejo agora que é verdade  
o que pensei ser mentira.  
Quem sabe se nesta terra  
não plantarei minha sina?  
Não tenho medo de terra  
(cavei pedra toda a vida),  
e para quem lutou a braço  
contra a piçarra da Caatinga  
será fácil amansar  
esta aqui, tão feminina.”(M.v.s. p.58)

---

<sup>48</sup> Idem. Ibid. p.58.

Diante da facilidade da água, ele, o retirante, se maravilha e pensa interromper a viagem, mas logo, logo perde a esperança e lhe vem a frustração, quando, sem que se tivesse preparado para tal, ou mesmo tivesse tido a intenção, “assiste ao enterro de um trabalhador do eito e ouve o que dizem do morto os amigos que o levaram ao cemitério.”<sup>49</sup> Os comentários são deveras carregados de raiva e amargura e “o ritmo ímpar das marcadas quinta e sétima sílabas pontua cada pá de terra. Todos lembram do canto musicado por Chico Buarque.”<sup>50</sup>

“- Essa cova em que estás,  
com palmos medida,  
é a conta menor  
que tiraste em vida.  
- É de bom tamanho,  
nem largo nem fundo,  
é a parte que te cabe  
deste latifúndio.  
Não é cova grande,  
é cova medida,  
é a terra que querias  
ver dividida.  
- É uma cova grande  
para teu pouco defunto,  
mas estarás mais ancho  
que estavas no mundo.  
- É uma cova grande  
para teu defunto parco  
porém mais que no mundo  
te sentirás largo.

<sup>49</sup> Idem. Ibid. p.59.

<sup>50</sup> MEYER, Marlyse. *Caminhos do Imaginário no Brasil*. São Paulo: Edusp. 1993, p.119.

- É uma cova grande  
para tua carne pouca,  
mas a terra dada  
não se abre a boca.”(M.v.s. ps.59/60)  
[ ... ]

A morte severina continua no caminho de Severino e a ironia do escritor se faz marcante quando na voz daqueles que interram um amigo severino, aconselham-no a se conformar com a situação de penúria de seu enterro, numa cova simples escavada sob medida padrão (sete palmos) que cabe perfeitamente o seu cadáver. Asseguram-lhe ser a terra que ele tanto queria ver sob o prisma da Reforma Agrária e que chega mesmo a ser mais que suficiente para o defunto franzino e raquítico que ele (severino) era. Afirmam que naquele lugar ele estará mais cheio de si do que estava no mundo, e fazem uma alusão ao provérbio: “A cavalo dado não se olha os dentes.”

O próprio autor, para ser bem preciso e demonstrar com bastante clarividência a confusão, o tumulto que se processa na cabeça do pobre retirante, tumultua a cadência sonora “no choque entre quatro e oito, a revolta expande-se até as dramáticas nove sílabas:”<sup>51</sup>

Nesta foto, podemos observar a singeleza e despreensão das vestimentas que muito bem caracterizam a humildade do povo sofrido do sertão.

---

<sup>51</sup> Idem. Ibid. p.119.



(Foto 11)

Nas estrofes que se seguem, são os amigos que continuam a confortá-lo com base no velho dito popular “A morte é um descanso”. Asseguram-lhe que ali estará livre da inveja humana, da cobiça alheia, muito mais bem vestido do que antes, tendo até o caixão como sapato, coisa que nunca pudera usar em vida. Até mesmo o chapéu e roupa igual a de todos os mortos, ricos ou pobres, brancos ou negros, como se fora feita à sua medida.

[ ... ]

“- Será de terra  
e tua melhor camisa:  
te veste e ninguém cobiça.  
- Terás de terra  
completo agora o teu fato:  
e pela primeira vez, sapato.  
-Como somem,

a terra te dará chapéu:

fosses mulher, xale ou véu.

- Tua roupa melhor  
será de terra e não de fazenda:  
não se rasga nem se remenda.

- Tua roupa melhor  
e te ficará bem cingida:  
como roupa feita à medida.

- Esse chão te é bem conhecido  
(bebeu teu suor vendido).

- Esse chão te é bem conhecido  
(bebeu o moço antigo).

- Esse chão te é bem conhecido  
(bebeu tua força de marido).

- Desse chão és bem conhecido  
(através de parentes e amigos).

- Desse chão és bem conhecido  
(vive com tua mulher, teus filhos).

- Desse chão és bem conhecido  
(te espera de recém-nascido).”(M.v.s. ps.60/61

[ ... ]

Note-se, na primeira estrofe, a ironia dos companheiros ao apontarem metaforicamente as benesses que são totalmente incoerentes com o dia-a-dia do sertanejo e a apresentação do seu corpo sem vida.

Na segunda estrofe, são as vozes, em coro, que em contra ponto, reforçam a situação descrita. É a mesma terra que presenciou o seu

sofrimento, o seu peregrinar, a sua dificuldade na manutenção da família. A mesma terra, que por força do poder político reinante sorveu seu suor, suas forças e que agora o recebe como recém-nascido para ela, pois é ali que ficará para sempre.

O Quinto encontro se processa com “*a morte hierarquizada*”, depois de ter apressado o passo e “chegando a Recife o retirante senta-se para descansar ao pé de um muro alto e caiado e ouve, sem ser notado, a conversa de dois coveiros.”<sup>52</sup> Outra vez está a morte a rodeá-lo. Severino cada vez mais conscientiza-se da sua insignificância. Sente-se realmente um Zé ninguém ao ouvir o que pensam aqueles da cidade a respeito daqueles do sertão, aqueles que produzem o alimento para a fortificação do homem urbano. Falta respeito e reconhecimento. Impera o desprezo. “Nessa versão pernambucana do *Hamlet*”,<sup>53</sup> os coveiros são funcionários públicos que anseiam por promoções, gostam de receber gorjetas, lamentam-se do excesso de trabalho em determinados setores do cemitério, dependendo da ala e da classe social do defunto. Queixam-se pelo fato de estarem nos setores onde existe menos trabalho, aqueles que têm apadrinhamento por parte da administração do cemitério. Além de serem em maior número os alocados nestes setores. Os retirantes, por morrerem “a granel”, escapam da classificação por setor, são todos iguais, sem importância nenhuma:

“- O dia de hoje está difícil:  
não sei onde vamos parar.  
Deviam dar um aumento,  
ao menos aos deste setor de cá.

<sup>52</sup> MELO NETO, João Cabral de. Op. cit. p.64.

<sup>53</sup> MEYER, Marlyse. *Caminhos do Imaginário no Brasil*. São Paulo: Edusp. 1993, p.122



As avenidas do centro são melhores,  
mas são para os protegidos:  
há sempre menos trabalho  
e gorjetas pelo serviço;  
e é mais numeroso o pessoal  
(toma mais tempo enterrar os ricos).  
- Pois eu me daria por contente  
se me mandassem para cá.  
Se trabalhasse no de Casa Amarela  
não estarias a reclamar.  
De trabalhar no de Santo Amaro  
deve alegrar-se o colega  
porque parece que a gente  
que se enterra no de Casa Amarela  
está decidida a mudar-se  
toda para debaixo da terra.”(M.v.s. p.64)  
[ ... ]

Os coveiros comentam as diferenças existentes entre um funeral de um rico e aquele de um pobre. Comparam os serviços nos cemitérios recifenses, reforçando que naquele de Casa Amarela até parece que acontece todos os dias uma avalanche com muitas vítimas, tamanho é o número de óbitos.

“- Mas não foi pelas gorjetas, não,  
que vim pedir remoção:  
é porque tem menos trabalho  
que quero vir para Santo Amaro;  
aqui ao menos há mais gente  
para atender a freguesia ,  
para botar a caixa cheia  
dentro da caixa vazia.  
-E que disse o Administrador,

se é que te deu ouvido?

[ ... ]

- No de Casa Amarela me deixou  
mas me mudou de arrabalde.

E onde vais trabalhar agora,  
qual o subúrbio que te cabe?

- Passo para o dos industriários,  
que é também o dos ferroviários,  
de todos os rodoviários  
e praças-de-pré dos comerciários.

- Passas para o dos operários,  
deixas o dos pobres vários;  
melhor: não são tão contagiosos  
e são muito menos numerosos.

- É, deixo o subúrbio dos indigentes  
onde se encontra toda essa gente  
que o rio afoga na preamar  
e sufoca na baixa-mar.

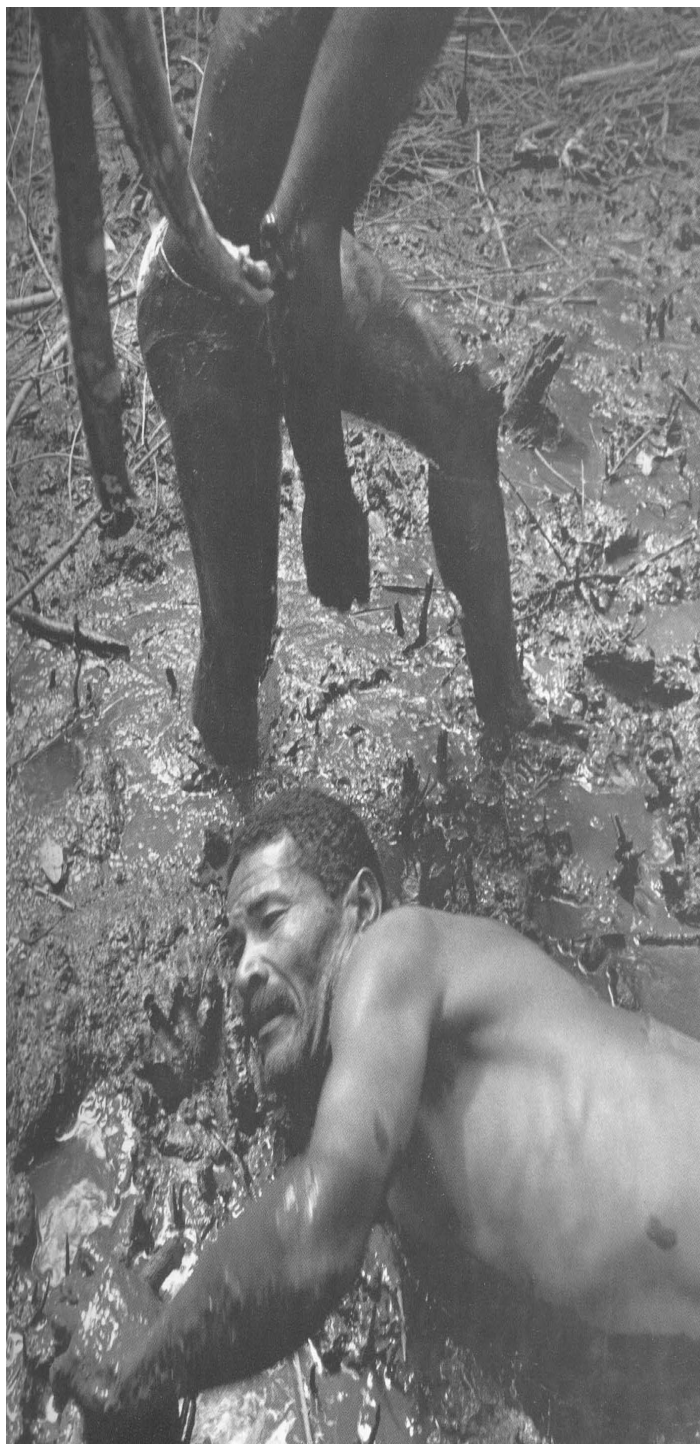
- É a gente sem instituto,  
gente de braços devolutos;  
são os que jamais usam luto  
e se enterram sem salvo-conduto.

- É a gente dos enterros gratuitos  
e dos defuntos ininterruptos.

- É a gente retirante  
que vem do Sertão de longe.

- Desenrolam todo o barbante  
e chegam aqui na jante.

- É que então, ao chegar,  
não têm mais o que esperar.



o litoral, sem razão,

- Não podem  
continuar  
pois têm pela  
frente o mar.

- Não têm  
onde trabalhar  
e muito menos  
onde morar.

- E da maneira  
em que está  
não vão ter  
onde se  
enterrar.

- Eu também,  
antigamente,  
fui do  
subúrbio dos  
indigentes,  
e uma coisa  
notei  
que jamais  
entenderei:  
essa gente do  
Sertão  
que desce para

fica vivendo no meio da lama,  
comendo os siris que apanha;  
pois bem: quando sua morte chega,  
temos de enterrá-los em terra seca.  
- Na verdade, seria mais rápido  
e também muito mais barato  
que os sacudissem de qualquer ponte

dentro do rio e da morte.”

(M.v.s. ps.66/67/68)

(Foto 12)



Depois de escutar a cruel conversa dos coveiros, mais que nunca, Severino se sente rejeitado por ouvir a triste história daqueles sertanejos retirantes que lhe antecederam ao “deixar a terra de origem e, guiando-se pelo rio-estrela, alcançar o mar, na esperança de “aumentar a curta braça de vida,””<sup>54</sup> com sua chegada a Recife, ao mar salvador. Sente na própria carne o escárnio, a falta de perspectiva, de trabalho cuja única opção é a de adentrar-se no lamaçal e tentar sobreviver e por fim até mesmo a insinuação de que os retirantes deveriam ser jogados de uma ponte dentro do rio, antecipando assim, a sua morte. Nem diante desta situação irrompe nele uma revolta, ao contrário “se fixa finalmente uma aceitação - só levemente dubitativa: o leve sopro da esperança, que o tinha tocado da Serra natal, esmaecido de pouso em pouso, desvanece por completo até a submissão à morte onipresente”<sup>55</sup>.

O Sexto encontro: “*a morte admitida*”. Severino, decepcionado, alcançou a sua meta e descobre que ao fundir-se com o mar o rio é um grande lamaçal, “de água grossa e carnal”. “Aproxima-se de um dos cais do Capibaribe”<sup>56</sup> e desiludido reflete sobre a sua migração com base no que ouviu dos coveiros:

[ ... ]

“E chegando, aprendo que,  
nessa viagem que eu fazia,  
sem saber desde o Sertão,  
meu próprio enterro eu seguia.

---

<sup>54</sup> Idem. Ibid. p.112.

<sup>55</sup> Idem, Ibid, p.125.

<sup>56</sup> MELO NETO, João Cabral de. Op. cit. p. 68.

Só que devo ter chegado  
adiantado de uns dias;  
o enterro espera na porta :  
o morto ainda está com vida.  
A solução é apressar  
a morte a que se decida  
e pedir a este rio,  
que vem também lá de cima,  
que me faça aquele enterro  
que o coveiro descrevia:  
caixão macio de lama,  
mortalha macia e líquida,  
coroas de baronesa  
junto com flores de aninga,  
e aquele acompanhamento  
de água que sempre desfila  
(que o rio, aqui no Recife,  
não seca, vai toda vida).”(M.v.s. ps.69/70)

Severino, totalmente descrente de melhores dias, desesperançado, de tanta morte encontrar quem queria encontrar vida, “sofridamente sabe que para ele não há nenhuma saída, a não ser aquela que presenciou no percurso: a morte”<sup>57</sup>. Cada vez mais se entrega à resignação e nada faz para mudar a situação, pelo contrário, admite o fim preconizado pelos coveiros e se resigna à espera do dia fatal, contando com o único acompanhamento funerário que seriam as próprias águas do Capibaribe.

<sup>57</sup> [http://www.navedapalavra.com.br/resumos/morteevidaseverina\\_1\\_.htm](http://www.navedapalavra.com.br/resumos/morteevidaseverina_1_.htm), data: .10/11/03

O Sétimo encontro: trata da “*morte em suspenso*”. Severino, cansado, amargurado e desiludido, finalmente encontra alguém com quem possa travar um diálogo. “Aproxima-se do retirante o morador de um dos mocambos que existem entre o cais e a água do rio”<sup>58</sup> e trava-se uma longa conversa com ele, que também é um “sem teto”, que leva uma vida subumana nos alagados, nas casas palafitadas do mangue e, que também é um resignado com a situação de precariedade na qual se encontra submerso.



(Foto 13)

---

<sup>58</sup> MELO NETO, João Cabral de. Op. cit. p. 70.



O diálogo se trava com “perguntas e respostas em quadras de sete sílabas”<sup>59</sup>, com uma amargura pungente, talvez para encobrir, ou mesmo deixar marcante o grande pudor do retirante. Isto é notadamente demarcado no tratamento respeitoso com o qual Severino se dirige ao morador daquelas bandas e na repetição anafórica dos vocativos, formando estribilho, na conversa dos dois. Por fim, numa última pergunta, expressa-se Severino totalmente sem perspectiva de mudança:

“Seu José, mestre carpina,  
que diferença faria  
se em vez de continuar  
tomasse a melhor saída:  
a de saltar, numa noite,  
fora da ponte e da vida?”(M.v.s. p.72)

A construção metafórica “saltar da ponte e da vida”, renunciando a existência, não traz surpresa ao interlocutor de Severino que mais ou menos já se tinha familiarizado com a penúria dele diante das interrogações feitas, ao longo da conversa, sobre o rio com suas águas fundas e lodosas, significando também metaforicamente a sua (de habitante) dos alagados, a própria existência. É um diálogo carregado de desespero, de significação. Intenso, dramático.

Vittorini inicia sua narrativa carregando o personagem narrador Silvestro de fortes traços autobiográficos. Não obstante a observação que o

---

<sup>59</sup> MEYER, Marlyse. Op. cit. p. 124.

autor apresenta desde a primeira publicação em fascículos, repetida em sua autobiografia datada de 1949: “Para evitar equívocos ou más interpretações, advirto que, como o protagonista desta *Conversa* não é autobiográfico, assim a Sicília que o enquadra e acompanha é só por acaso Sicília: somente porque o nome Sicília soa melhor que Pérsia ou Venezuela.”<sup>60</sup> Mesmo assim faz-lhe portador de sua situação desesperadora, do seu mal-estar psíquico diante das mazelas do mundo, fazendo verdadeiras analogias às contingências políticas, apresentando a sua incapacidade de mudar o que está diante de si, estabelecido como uma situação reinante no mundo. A revolta da personagem, ou seus “furores abstratos”, representa a sua inconformação com o que ali está, com o *status quo* predominante.

“Eu, naquele inverno, estava tomado de furores abstratos. Não direi quais, não é isso que me proponho a contar. Mas é preciso dizer que eram abstratos, nada heróicos, nem vivos; de qualquer maneira, furores pelo gênero humano perdido. Vinha assim há muito tempo, e andava cabisbaixo. Via manchetes nos jornais sensacionalistas e abaixava a cabeça; estava com os amigos, uma hora, duas horas, e ficava com eles sem abrir a boca; abaixava a cabeça; e tinha uma moça ou uma mulher que esperava, mas nem com ela eu trocava uma palavra, mesmo com ela eu abaixava a cabeça. Chovia o tempo todo, passavam-se os dias, os meses, e eu tinha os sapatos furados, a água me entrando nos sapatos, e não era mais nada que isso: chuva, carnificinas nas manchetes dos jornais, e água nos meus sapatos furados, amigos mudos, a vida em mim como um sonho surdo, e não-esperança, calma.

Isso era terrível: a calma na não-esperança. Dá o gênero humano como perdido e não ter vontade de fazer coisa alguma quanto a

---

<sup>60</sup> Apud DE NICOLA, Francesco. *Introduzione a VITTORINI*. Roma-Bari: Editori Laterza, 1993, p.66.

isso, nem vontade de me perder, por exemplo, com ele. Eu estava perturbado por furores abstratos, não no sangue, e ficava quieto, sem vontade de nada.[...] Estava quieto; como se nunca tivesse tido um dia de vida, nem jamais soubesse o que é ser feliz, como se nada tivesse a dizer, a afirmar, a negar, nada de meu para pôr em jogo, nada a escutar, a dar, e nenhuma disposição de ganhar...”(C.S. p.13)

A personagem inicia a sua história dizendo do seu inconformismo, da sua indisposição e da sua perturbação diante da situação em que se encontra parte da Europa, sobretudo a Espanha e a Itália. Fala da sua angústia, do seu sofrimento diante da sua impossibilidade de mudar o que ali está, e acompanha tudo através da imprensa escrita e somente baixa a cabeça, sem iniciativa, nem estímulo de dialogar até mesmo com sua parceira, no aconchego da vida familiar.

A estação chuvosa continuava a esparramar-se sobre o país e ele que desempregado estava, sem condições, até mesmo de comprar sapatos novos, na sua humilhação assistia a tudo mudo e totalmente desesperançado diante das “carnificinas nas manchetes dos jornais.” Estava mesmo perturbado diante da sua inércia e total falta de agilidade, no sentido de mudar a situação, lançar a primeira idéia, o primeiro gesto concreto com o intuito de proporcionar alguma alteração no *status quo* reinante.

Logo no início de sua viagem no território siciliano Silvestro depara-se com a humildade e a simplicidade dos moradores da região:

“... não se podia circular, o batelão estava cheio de humildes sicilianos da terceira classe, esfomeados e resignados ao frio, sem agasalhos, as mãos nos bolsos das calças, as golas do casaco levantadas. [ ... ] Os pequenos sicilianos, curvados de costas para o vento e mãos no bolso, olhavam-me comer, tinham o rosto sombrio, mas suave, com barba de quatro dias, operários, trabalhadores dos laranjais, ferroviários com seu boné cinza de debrum vermelho. E eu, comendo, sorria para eles e eles me olhavam sem sorrir.” ( C.S.p. 20 )

“ E continuei: “E você, nunca comeu laranja na salada?”.

“Sim, algumas vezes”, disse o siciliano.” Mas nem sempre tem azeite.”

“Pois é”, eu disse. “Nem sempre o ano vai bem... Então o azeite pode ficar caro.”

“ E nem sempre se tem pão”, disse o siciliano. “Se não se vendem as laranjas não há pão. E se tem que comer as laranjas... É assim, entende?” [ ... ] “Mas por que?”, perguntei. “É tão difícil vender as laranjas?”

“ Não se vende”, ele disse. “Ninguém as quer.”... “Lá fora não as querem”, continuou o pequeno siciliano.

“Como se tivessem agrotóxico. As nossas laranjas. E o patrão nos paga assim: nos dá as laranjas... E nós não sabemos o que fazer. Ninguém as quer... Vamos a Messina a pé e ninguém as quer... Vamos ver se em Reggio, em Vila S. Giovanni, e não as querem. Ninguém as quer.””( C.S. ps.29/30 )

A humildade e a pobreza se fazem sentir na aparência dos personagens que compõem esta cena, como a falta de agasalhos e luvas de proteção. O rosto sombrio é marca da desesperança de melhores dias, porém a suavidade é devida à resignação deles àquela situação de exploração do senhor

latifundiário aos seus subservientes. A barba crescida, ou melhor por fazer, representa a necessidade da intensificação no trabalho com a finalidade de uma maior produção e automaticamente um melhor apurado, ou seja, um melhor ganho, sem sobra de tempo, nem preocupação com a aparência. O que importa é sobreviver.

Falta-lhes até mesmo o pão, aquele que é o símbolo da subsistência humana, segundo a Bíblia. Tendo muitas vezes que ser substituído pela laranja que é o alimento de todas as ocasiões, equivalendo ao nosso feijão nordestino, alimento básico e constante, embora muitas vezes falte na mesa do pobre.

Podemos perfeitamente analisar a relação do homem com os produtos da terra, onde estes aparecem realmente como alimento, embora não seja um alimento bem visto, bem aceito pelo personagem nativo, característico agricultor da Sicília.

A venda da safra, a produção agrícola, como a nossa aqui do nordeste brasileiro, nem sempre é fácil. Como é grande a oferta dos produtos, os preços baixam muito dificultando assim a sobrevivência de quem os produziu. É possível a constatação da ideologia reinante naquela região, partindo da observação das relações entre o homem e o meio ambiente e as sensações advindas desta convivência.<sup>61</sup>

Encontramos passagens que tornam públicas as misérias às quais estão submetidos aqueles da Sicília, com a escassez de alimentos e subnutrição.

---

<sup>61</sup> CHAUI, Marilena. *O que é ideologia*. São Paulo: editora brasiliense, 6ªed, 1981, p. 25

“Comi uma cebola”, respondeu a voz do homem.

“Era uma boa cebola”, disse a voz da mulher. “Assei no borralho.”” (C.S. p.128)

“ ‘O pão é muito caro’, ele disse ao médico, ‘para os pobres. Cada pedaço custa um dia de trabalho’. E mandou o doutor embora. ‘Nós temos que trabalhar’, ele acrescentou. E continuou a trabalhar, as suas quatorze horas por dia. Até que numa noite morreu e ressuscitou.””(C.S. ps.160/162)

Vittorini, através de Silvestro, apresenta um questionamento sobre a dureza do coração humano, principalmente dos poderosos que têm o poder de comando, de resolver os problemas sociais, políticos ou religiosos que sacodem e massacram os homens, sobretudo os mais humildes, aqueles que produzem a subsistência dos demais, e até se arrisca a apresentar uma solução, que se transforma em indagações filosóficas:

“Nem todo homem é homem, então. Um persegue e outro é perseguido; e o gênero humano não é todo gênero humano, mas somente aquele do perseguido. Matem um homem; ele será mais homem e então é mais homem um doente, um faminto; é mais gênero humano o gênero humano dos mortos de fome.”(C.S. p. 149)

““E quando tem fome e sofre, o que é que é?”.

“Bem, é a fome”, minha mãe respondeu.

“Só isso?”, eu disse.

“Como não?”, disse minha mãe. “Dê-lhe de comer que tudo passa. É a fome.””(C.S. ps.152/153)

“Ele tinha razão, naturalmente: tire a doença do doente e não haverá padecimento; dê de comer ao esfomeado e não haverá

padecimento. Mas o homem, na doença, o que é? E o que é na fome?

Não é, a fome, todo o sofrimento do mundo transformado em fome? Não é o homem na fome, mais homem? Não é mais gênero humano?”(C.S. p.153)

“Um homem é mais homem quando é como um menino? É humilde, aceita sua própria miséria e na sua própria miséria grita. É mais gênero humano?”(C.S. p.157)

“Não me apoiando mais no murinho, mas no braço de minha mãe, pensei nos homens, em mim mesmo, e no pai, no avô, homens humildes e homens dignos, e pensei na humanidade e na dignidade na miséria, e senti-me orgulhoso de ser filho do homem”(C.S. ps. 158/160)

“Um menino não pede mais do que papel e vento, só tem necessidade de empinar um papagaio. Vai e empina, e é o grito que se levanta dele, e o menino leva-o pelos ares com fio longo que não se vê, e assim fica consumada a sua fé, celebrada sua certeza. ... Depois conhece as ofensas feitas ao mundo, a impiedade e a servidão, a injustiça entre os homens e a profanação da vida terrestre contra o gênero humano e contra o mundo. Que faria agora se para sempre tivesse certeza? Que faria?, pergunta-se.”(C.S. p.194)

Silvestro em seu monólogo questiona a validade do ser humano, que na maioria das vezes não é visto na condição humana, mas como se fora uma coisa sem significância, um objeto qualquer. Sempre o mais fraco é perseguido, explorado pelo mais forte, seja pelo latifundiário, seja pelos mantenedores dos regimes totalitários que atingem sobremaneira aqueles mais pobres, aqueles que tiram o sustento da terra ou das minas de enxofre, aqueles

que são na verdade “mortos de fome”. A fome é o mal do mundo que massacra o homem, transformando-o em coisa.

Questiona a falta de valorização da espécie humana como ser pensante, como aquele que produz e está sempre sendo massacrado pelos que têm o poder de mando. Desde quando se estabeleceu que alguém decide e alguém executa, isto em todos os campos quer social, quer filosófico, político, religioso ou psicológico, onde quer que se apresente o homem, haverá sem dúvida, o poderoso a ordenar e o humilde a executar seus desejos, suas ordens ou suas intolerâncias.

No diálogo com sua mãe Silvestro ouve dela a afirmação de que a doença daqueles pobres se deve à situação de fome à qual estão submetidos aqueles do sul da Sicília, os seus pacientes, aqueles que precisam de seus serviços como enfermeira para aplicar-lhes injeção. “Dê-lhes de comer” e logo estarão curados é o que ela assegura. Mas infelizmente nada é feito, nenhum esforço é desenvolvido no sentido de mudança do quadro reinante. Só lhes resta a desesperança.

Silvestro num instante de introspecção reflete sobre a dignidade do homem, sobre a sua própria dignidade e a de seus ancestrais (pai e avô) que sempre souberam ser dignos, mesmo diante do “mundo ofendido”, do “ser humano perdido”. Continua seu monólogo interior refletindo sobre a criança que por não ter consciência do mundo é feliz com pouco. Satisfaz-se com papel para fabricação de seu papagaio e vento para levá-lo na imensidão do céu através de um fio invisível . Só isto lhe basta como concretização de fé.



Mas Silvestro vai mais além quando se questiona como seria se a criança tivesse consciência da realidade do mundo. Seria ela feliz sabendo que o mundo é cheio de “ofensas, impiedade, servidão, injustiça e profanação da vida”? Qual seria sua reação? São indagações filosóficas que ficam a critério do leitor respondê-las ou não.

Silvestro desesperançado e decepcionado com a situação do mundo ultrajado, como desabafo grita e se surpreende com o que escuta:



““Oh, mundo ultrajado! Mundo ultrajado!”, gritei ao pensar nisso. Não esperava respostas se não da memória, mas, ao contrário, me veio uma lá de baixo da terra. Foi uma voz que disse: “Ehm!”.

“Algum outro amolador”, pensei.

Olhei para baixo, procurando, e não vi nada. Não eram mais do que as mesmas luzes na fria serenidade.

“Quem é?”, chamei.

“Ehm!”, respondeu de novo a voz.

Olhei, procurando melhor, e então vi que aquelas luzes não eram iguais às das casas fechadas onde habitavam os homens. Essas pareciam extintas. As novas ardiam vermelhas na noite aberta, eram como lanternas de ferroviários pousadas no chão pelo vale



estreito. Mas eu buscava aquele que tinha dito: “Ehm!”.

“Ehm?” disse. “Ehm?”

“Ehm! Ehm! Ehm!” , respondeu a voz terrível.

Decidi descer para procurá-la descí, encontrei-me entre aquelas luzes como lanternas abandonadas, vi que eram luzes de mortos.

“Ah, estou no cemitério” , disse.

“Ehm!” , a voz respondeu.

“Quem é?” , perguntei. “É o coveiro?”

Respondeu a voz: “Não, não. Sou um soldado”. (C.S.ps. 241/242/243)

Depois de haver mantido um diálogo com o irmão morto no cemitério, no dia anterior, Silvestro após vaguear com os amigos: Porfírio, Ezechiele, Com-Bigodes, Sem-Bigodes, o Grande Lombardo e o Amolador, reunidos diante da estátua de bronze que homenageia os mortos e falando deles, mantem novo contato com o irmão morto, chegando mesmo a dialogar com seu espírito e ser possuído pelo mesmo que se manifesta aos presentes, através daquele, numa verdadeira prova de mediunidade', segundo o pensamento espírita, embora os presentes não entendam nada do que ouvem. As cenas de incorporação do espírito do irmão morto são chamadas “cenas de delírio por mostrarem um comportamento alucinatório da personagem, além da narrativa parecer estancar-se e rodar sobre si mesma.”<sup>62</sup>

<sup>62</sup> FERNANDES, Ronaldo Costa. *O narrador do Romance: e outras considerações sobre o romance*. Rio de Janeiro: Sete Letras, 1996, p.63.



(Foto 15)

“Eles não são mortos comuns, não pertencem a este mundo, pertencem a um outro, e têm essa mulher para eles”.

“Ehm”, dissera o soldado.

“Não é gentil da nossa parte dedicar esta mulher a eles?”, e continuei: “Nesta mulher nós o celebramos”.

“Ehm!”, dissera o soldado. “Ehm! Ehm!”

“E nesta mulher”, continuei, “nesta mulher...”.

Eu me interrompi, e o soldado falou por mim, disse bem alto: “Ehm!”.

“Ehm!”, perguntaram, sentados em volta, os meus interlocutores.

“Não é nada”, respondi. “Eu disse apenas ‘Ehm!’.”

Mas de novo o soldado falou por mim, e de novo disse: “Ehm!”.

“O que você está dizendo?”, perguntaram um ao outro Com-Bigodes e Sem-Bigodes.

“É uma palavra secreta”, respondi.

Os sicilianos olharam-se entre si.” (C.S.ps.270/271)

Tanto ele como os presentes chegam a conclusão de que o sofrimento do mundo é muito grande e eles são impotentes, isto é, nada podem fazer.

### III – A PAISAGEM – TRAÇOS CULTURAIS CARACTERÍSTICOS DO SUL DA ITÁLIA E DO NORDESTE BRASILEIRO

Vittorini em *Conversa na Sicília* apresenta ao leitor, de quando em quando, hábitos, costumes e comportamentos que, se não iguais, são muito próximos daqueles costumeiramente praticados aqui no nordeste brasileiro, especialmente, por aqueles pertencentes às camadas mais humildes. Destacamos:

- A maneira de se comportar diante da escassez das chuvas:

“ Chovia, no molhe da Estação Marítima, onde o pequeno trem que eu tomava esperava; e da multidão de sicilianos descida da barca muitos já não estavam ali, as golas dos casacos levantadas, as mãos no bolso, atravessando o largo debaixo da chuva; outros ficaram, com mulheres e sacos e cestos, como antes a bordo, imóveis, em pé, sob a cobertura.”(C.S.p.25)

Como, em ambas as regiões geralmente não existe abundância pluviométrica, uns temem a chuva e esperam que ela passe, abrigando-se em qualquer amparo, outros a enfrentam corajosamente e não perdem tempo à procura de abrigo.

- Como aqui no meio rural nordestino, lá no sul da Itália, no interior da Sicília, não é comum o jejum logo pela manhã. Aqui, este se dá por volta das dez horas, geralmente rapadura com farinha. Lá Vittorini apresenta: “Um siciliano nunca come de manhã”. (C.S.p.23)

- Um outro traço cultural interessante existente lá no interior da Sicília é a visão que eles, os sicilianos, têm da América como a Terra Prometida, numa alusão à passagem bíblica, e que o nordestino tem com relação a São Paulo. Afirma Vittorini: "...a América ... uma idéia que ele fazia de um reino dos céus na Terra." (C.S.p.27)

- A servidão da mulher ao marido e aos filhos, como obrigação maior, e objetivo principal de sua vida:



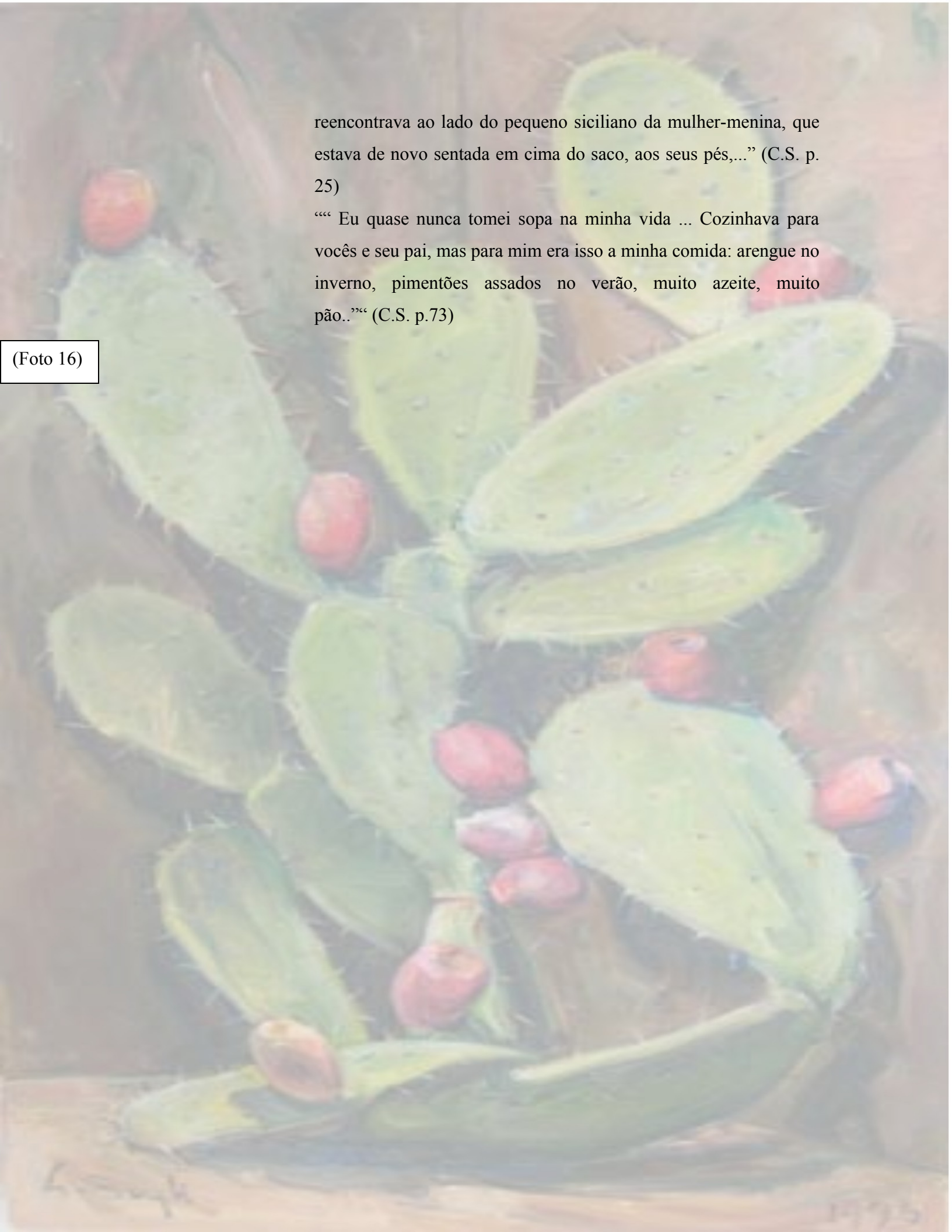
“A

locomotiva esperava para ser engatada aos vagões que tinham atravessado o mar na barca, uma longa manobra, e eu me

reencontrava ao lado do pequeno siciliano da mulher-menina, que estava de novo sentada em cima do saco, aos seus pés,..." (C.S. p. 25)

““ Eu quase nunca tomei sopa na minha vida ... Cozinhava para vocês e seu pai, mas para mim era isso a minha comida: arengue no inverno, pimentões assados no verão, muito azeite, muito pão..”“ (C.S. p.73)

(Foto 16)







“E disse que em geral as mulheres não sabiam o que fazer quando o homem adoecia; e não sabiam nem sequer andar para colher um pouco de chicória no vale, nem sequer sair à procura de caracóis nas charneças; não sabem fazer outra coisa senão meter-se na cama com o homem.”(C.S. p.133)

É patente o espírito de submissão da mulher ao marido e aos filhos, chegando mesmo a se subalimentar, ou seja, reservar o alimento de maior valor nutritivo ao varão da casa, seu marido, e aos seus rebentos, seus filhos, restando-lhe o que há de mais simples. Percebe-se também o forte sentimento de inutilidade por parte da mulher que é incapaz de procurar, no vale o mais simples dos alimentos para eles, Sicilianos, “os caracóis e a chicória”, e numa alusão a Carmem como o mitema da mulher noturna, como símbolo de prazer, sendo usada como objeto.

- O hábito de aproveitar ao máximo o pouco tempo de bem-estar, uma característica dos camponeses e pessoas do litoral, pobres e incultos, que acreditam fielmente no dito popular e até certo ponto de crença na providência divina que diz: “Hoje sim, amanhã a Deus pertence”:

““ Mas se passávamos bem em nossa casa! ”, protestei.

Minha mãe me olhou. “Sim”, disse. “Seu pai recebia dinheiro a cada final de mês, e então durante dez dias passávamos bem, éramos a inveja de todos os camponeses e do pessoal das minas de enxofre... Mas depois dos primeiros dez dias ficávamos como eles. Comíamos caracóis.”

“Caracóis”, eu disse.

“Sim, e chicória brava”, disse minha mãe.

eu perguntei: “Eles só comiam caracóis?”.

E minha mãe: “Sim, todos os pobres não comiam mais que caracóis de costume. E nós éramos pobres nos últimos vinte dias do mês”.”(C.S. ps. 75/76).

Não existe, em momento algum, nas duas obras em estudo, uma abundância de nenhuma espécie, de qualquer gênero alimentício. Nesta passagem, observamos muito bem caracterizado o estado cultural, a rudeza de suas personagens quando a mãe de Silvestro, Concezione, refere-se aos alimentos que eram consumidos por eles, sua família, bem como por todos os seus compatriotas sicilianos. Como eles, eram alimentos semi-selvagens, embrutecidos.

O hábito de cantarolar e assobiar enquanto executam as tarefas domésticas muito comum no sertão nordestino, além do uso da cinza como detergente:

“Depois minha mãe se pôs a lavar os pratos. Não tinha água corrente e lavava-os numa bacia de terracota cheia de água quente, e lavando começou de repente a assobiar.”(C.S.p.105)

“Eu levantei e dispus-me a ajudá-la, e ela esfregou o prato com um pouco de cinzas, passou-o para mim e apontou para um balde com água fria, pediu que eu enxaguasse o prato naquele balde e depois o enxugasse.”(C.S.p.105)

É notória a pobreza que se abatia sobre aquela gente. Concezione, como partícipe da região, não podia agir diferentemente dos demais e usava o que dispunha para a higienização dos utensílios domésticos. Lá, como aqui no nordeste brasileiro, no meio rural, é a cinza do fogão que serve de detergente,

de higienizador. É a maneira encontrada pelo pobre para superar as dificuldades do dia-a-dia.

- No tangente ao pessoal praiano:

“E eu: “ Comíamos caracóis nos últimos vinte dias?”

E minha mãe: “Caracóis e chicória brava”.

Eu pensei sobre isso, sorri e depois disse: “Imagino que deviam ser bons apesar de tudo”.

E minha mãe: “Ótimos... pode-se prepará-los de muitos jeitos”.

E eu: “Como de muitos jeitos?”.

E minha mãe: “Simplesmente cozidos, por exemplo. Ou com alho e tomate. Ou enfarinhados e fritos”.

E eu: “Que idéia! Enfarinhados e fritos? Com casca e tudo?”.

E minha mãe: “Mas claro! Come-se chupando a casca... Não se lembra?”.

E eu: “Lembro, lembro... A graça está em se chupar a casca, me parece.”

E minha mãe: “Ficávamos horas chupando...”.(C.S. ps.76/77)

“... e eu vi que tinham o balde cheio de caracóis pretos e iam tirando caracóis, um de cada vez, e chupando. Eram mulheres jovens e velhas, vestidas de escuro, e depois de chupar jogavam a casca de novo no balde.”(C.S. p.139)

É manifesto o sentimento de resignação, isto é, a aceitação com a maior naturalidade do que ali está posto, sem a menor revolta. É também manifesta a criatividade no tangente ao cardápio diário, pobre e desnutrido. Percebemos que este hábito de sugar os caracóis é um hábito que muito se assemelha ao costume do nosso pessoal litorâneo, no tangente aos nossos crustáceos.

- O complexo de machismo, bem enraizado no nordeste. Quanto mais filhos, mais vigoroso, mais macho, mais potente, além do direito de trair e dar ciência à companheira. Vittorini aponta para tal complexo na Sicília:

“... mas perguntei o que ainda tinha feito de grande, e minha mãe gritou que o avô fora bom em tudo. Pusera no mundo filhas grandes e belas, todas filhas mulheres, gritou, e tinha construído a casa onde ela mora agora, apesar de não ser pedreiro, com suas próprias mãos...” (C.S. p.80)

“ E minha mãe: “O mal era que as chamava de rainhas, e não de vacas sujas. E dava-lhes a entender sei lá o quê. Esse era o mal. Eu não podia encará-las”. [ ... ] “Ele lhes dava a entender sei lá o quê, e elas me olhavam como se eu fosse sei lá o quê... Vinham à minha casa, mulheres de ferroviários, camponesas, e eram descaradas, tranqüilas, não baixavam os olhos, olhavam-me como se eu fosse não sei o quê. E eu não podia encará-las.”” (C.S. ps. 109/110)

Como se pode observar a situação, lá do outro lado do continente, é tal qual a nossa aqui. Note-se a ambigüidade entre as citações no tratamento dado pelo pai do protagonista às suas amantes e a dificuldade tanto da parte delas, como da genitora de Silvestro de olharem-se olho no olho. Não se sabe se por timidez, por indiferença ou por desprezo da parte da mãe, ou por atrevimento ou desavergonhamento da outra parte, das mulheres, suas rivais.

-O complexo sofrido pelo povo da Sicília em relação ao povo do norte da Itália, como aqui o nordestino em relação ao povo do sudeste brasileiro:

“... mas depois ficaram espantados e se indagaram por que seria, afinal, que as pessoas os viam sempre com maus olhos.

“Mas é porque somos sicilianos”, disse Com-Bigodes.

“É isso, porque somos sicilianos”, disse Sem-Bigodes.

Falaram de ser siciliano em Lodi, e ser siciliano em Bologna,...”(C.S.ps.33/34)

Tanto o siciliano, como todo o povo do sul italiano, sofre preconceitos de toda espécie diante do povo do norte, sem sombra de dúvidas, devidos ao desenvolvimento e a industrialização daquela parte do território italiano, que usa o povo do sul como mão de obra barata. O mesmo procedimento se dá aqui no sudeste do Brasil que usa o nordestino para dar cabo ao seu desenvolvimento.

- Um outro costume entre os “matutos”, sertanejos nordestinos, é o fato de as mulheres no aconchego da família, no seu dia a dia de trabalho braçal, usarem sapatos bem maiores do que o seu número exato, e geralmente sapatos masculinos. Lá no sul da Itália, diz Vittorini:

“E olhei de novo aquela Sicília que estava lá fora, depois para minha mãe, embrulhada no cobertor vermelho, da cabeça clara aos pés, e vi que estava com sapatos de homem, sapatos velhos de meu pai, de ferroviário, grandes e talvez com cardas, como ela sempre tinha o costume de andar pela casa, eu lembrava, para se sentir mais à vontade, ou se sentir de qualquer maneira plantada em homem, e um pouco homem, costela de homem.”(C.S.p.83)

Está muito à vista o forte desejo de transferência do poder de comando, quando do uso de objetos masculinos, para “se sentir plantada em homem, e um pouco homem”, sentir-se parte integrante dele, num desejo ardente de também ela, a mulher, ter voz ativa e poder de decisão.

- Um total poder de posse do marido sobre a mulher como se ela fosse um bem, uma coisa qualquer, que não merece consideração e respeito:

“... Já não lembra mais como ele era velhaco?”.

“Velhaco?”, eu disse.

“Claro que sim”, gritou minha mãe. “Quando me surrava, depois punha-se a chorar e me pedia perdão...”(C.S.ps.85/86)

“Tinha sempre necessidade de outras mulheres na casa e de arrastar a asa para elas... Sabe que escrevia poesias? Escrevia a todas...”(C.S.p.95)

Esta é uma situação que infelizmente perdura ainda hoje, não só no meio rural, mas também nas capitais. O homem sente-se dono de sua companheira e pensa ser ela propriedade sua podendo surrá-la, espezinhá-la quando bem quiser. É o eterno complexo do machão, do todo poderoso, a quem a mulher só deve obediência e respeito.

No tangente às paisagens, deparamo-nos com uma paisagem idêntica às nossas nordestinas no que diz respeito à solidão nas ferrovias:

“...quando se encontrava uma alma viva era um menino que ia e vinha, ao longo da linha, [...] Gritava para o trem quando o trem passava à sua frente.” (C.S.p.56)

“Ele gritava, gritava ao trem, quando o trem passava à sua frente; e o sol pairava sobre o seu grito, sobre as bandeirinhas vermelhas, sobre os bonés dos chefes da estação. [...] Um burro pardo



atravessou um riacho; e o trem subia e passava por túneis, viam-se longas cadeias de montanhas e, nas paradas, lá embaixo no vale, quatro luzes, cinco luzes, vilarejos.” (C.S.p.57)

“Não se via ninguém, somente meninos descalços, com os pés ulcerados pelo gelo;” (C.S.p.63)

“Recordava o inverno, a grande solidão da campina arredondada, sem árvores, sem flores, e a terra que

cheirava, invernial, como um melão, e aquele rumor.” (C.S.p.92)

(Foto 17)

Consideramos idênticas as paisagens levando em conta as similitudes existentes entre aquelas sicilianas e as nossas aqui no nordeste. Em ambas se



faz notar a despovoação ao longo das ferrovias, a presença muito rara, mas aquela que ainda é possível de ser encontrada, de meninos descalços com os pés dilacerados. Lá, pela exposição ao solo frio, quando da estação invernososa. Aqui, pela exposição ao solo escaldante das nossas condições climáticas. Tais meninos ainda alegram-se com o trem em movimento e não deixam de expressar a sua alegria, o seu entusiasmo ao ver o trem carregado de gente que algumas vezes lhes acena, outras não, correspondendo aos seus gritos e às suas saudações. Quanto à visão da campina, esta é muito semelhante vez que tanto lá na Sicília, quanto aqui no nordeste brasileiro, durante o inverno, é muito comum viajar-se por quilômetros e quilômetros ao longo das ferrovias e somente se observar a relva verdejante, sem árvores e sem flores sentindo-se o cheiro da terra molhada e o barulho cadenciado da locomotiva e seus vagões. É também muito comum aqui no nordeste o fato de estarem os lugarejos localizados bem abaixo da linha do trem.

Uma paisagem inversa ao nosso nordeste brasileiro:



(Foto 18)



“ E o trem voava pelos bosques de laranjais, à beira dos montes, diante do mar. Ao longe, aparecia e desaparecia uma geleira no alto; o céu estava claro, limpo pelo vento, sem mais chuva, embora ainda sem sol; e reconheci aquele percurso, vi que estávamos a meio caminho entre Messina e Catânia.”(C.S.p.35)

“Pelas três horas, sob o sol de dezembro, por trás do mar que rebentava escondido, o trenzinho, pequenos vagões verdes, entrava na garganta de um rochedo e depois na mata de figos-da-índia.”(C.S.p.56)

“A janela dava para o declive de telhados e depois os vales profundos e estreitos, a torrente e os bosques no sol invernal, e a montanha em frente dos rochedos salpicados de neve.”(C.S.p.81)

Aqui o leitor se depara com uma descrição que em nada faz lembrar as ferrovias nordestinas. A paisagem que é apresentada é uma paisagem sem características, nem mesmo longínquas daquela nordestina. Em primeiro lugar porque no nordeste todas as ferrovias são interioranas e não litorâneas. Em segundo lugar porque não se tem e nem se poderia ter como pano de fundo uma montanha com salpicos de neve. Depois existe uma diferença de caracterização. Enquanto na Sicília predominam os figos-da-índia (popularmente a nossa palmatória nordestina), aqui, no nordeste brasileiro quem predomina são dois outros tipos de cactus: o mandacaru e o xiquexique.

Condições climáticas semelhantes às nordestinas:

“... e minha mãe disse que era um verão terrível. Isto significava nem um pingo d’água em todas as torrentes num raio de cem quilômetros e, diante dos olhos, nada mais do que restolhos, de onde o sol despontava até onde se escondia. [ ... ] e era um verão terrível, o que significava não ter nem uma única sombra por todos aqueles quilômetros, as cigarras rebentadas no chão, os caracóis esvaziados pelo sol, todas as coisas da terra transformadas em sol. “Era um verão terrível”, disse minha mãe. [ ... ] Então era isso: por quilômetros e quilômetros o fedor de cobras mortas ao sol...” (C.S.ps.115/116)

(Foto 18)



(Foto 19)

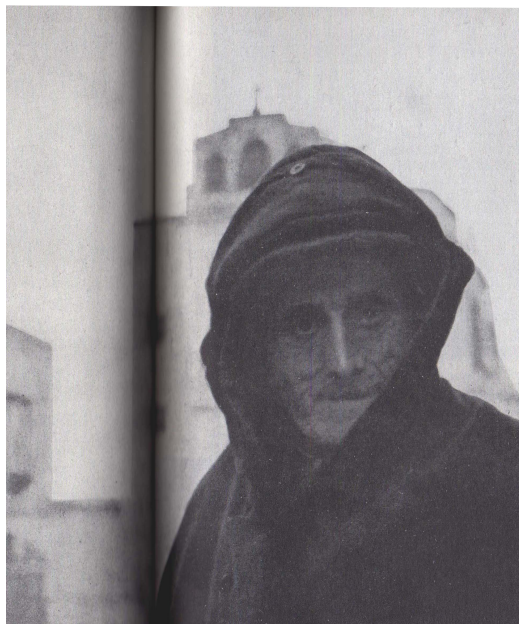
Nesta passagem é perfeitamente possível constatar a semelhança das condições climáticas da Sicília com aquelas do nordeste brasileiro. Se o leitor estiver bastante atento ao se deparar com a descrição em qualquer lugar sem a identificação da fonte, sem sombra de dúvidas, será tendencioso a afirmar que se trata de uma paisagem do nordeste brasileiro.

- A fragilidade que caracteriza o ancião siciliano, que por conta do sofrimento e agruras vividas é fisicamente fraco. Ele também tem o hábito, como o nosso homem rural, de não zelar pelos dentes, até mesmo por conta da ausência de um serviço de saúde preventiva. Muito cedo extrai todos os dentes por conta das cáries que invadem a sua boca e quase nunca possui meios para colocar uma dentadura postiça.

“Um som veio como sopro, silvo insignificante, morto, sem volume de voz: “Ih!”. E era o velhinho que ria.”(C.S.p.37)

“Ouvi de novo o som morto, sem corpo de voz, do velhinho e vi que sua boca era como a fissura de um cofrinho.”(C.S.p.38)

“E o velhinho ao lado dele fez ouvir o seu “Ih!” de folha seca, sem corpo de voz. Parecia uma palhinha seca a falar: “Ih!”, fez “Ih!”. (C.S.p.42)



(Foto 20)

Uma descrição etnográfica que se não fosse com referência à Sicília poderíamos dizer que se tratava de uma descrição nordestina:



(Foto 21)

“Cantava, digo, mas a meia-voz, velhas melodias sem palavras, meio gemido, meio piado, e um gorjeio de quando em quando; e era uma mulher jovial com seus cinquenta anos, ou pouco menos, e sua face ainda não velha, ressecada pelos anos, mas não velha, pelo contrário, jovem, e os cabelos castanhos quase loiros, o cobertor vermelho nas costas, os sapatões do pai nos pés. Vi as suas mãos, e eram grandes, gastas, nodosas, completamente diferentes do rosto, porque podiam

até ser as de um homem que abate árvores ou ara a terra, enquanto seu rosto era de certo modo o de uma odalisca. “Essas nossas mulheres!”, pensei, e não quis dizer as sicilianas, mas as mulheres em geral, sem a doçura nas mãos para a noite, e talvez, às vezes, infelizes por isso, ciumentas e selvagens por isso, por não terem mãos de odalisca como tinham o coração e o rosto, e por não poderem ter seus homens atados a elas pelas suas próprias mãos. [ ... ] nossas mulheres de mãos ásperas e marcadas, quase masculinas, duras à noite;...”(C.S.ps.105/106)

Qualquer leitor experiente, diante da primeira metade deste texto sem, ter em mãos, nenhuma referência bibliográfica não teria o menor temor em afirmar que se trata de uma descrição da mulher nordestina. Daí, mais uma vez, poder-se observar a natureza descritiva e analítica de temas recorrentes nas duas obras em estudo. A antítese marcante da falta de delicadeza existente nas mãos “grandes, gastas e nodosas” das mulheres da roça, aquelas que estão na árdua tarefa de buscar, ou ajudar o marido no sustento da família, que se entregam a tarefas tipicamente masculinas, ou se dedicam às tarefas domésticas do polir a casa, do lavar e passar para seus familiares, tanto aqui como na Sicília, não condizem ou melhor, não formam um todo harmônico com o seu rosto, com a sua feminilidade que desperta no homem o desejo da procriação. Elas esquecem-se da sua vaidade, dos seus melindres femininos e à noite não possuem a suavidade, nem a leveza das carícias típicas das odaliscas, que seu rosto e seu coração gostariam de proporcionar aos seus parceiros.

Não podemos ignorar os traços marcadamente expressionistas concentrados nas mãos, como uma forma de caracterizar a rudeza da terra



daquelas mulheres, em contraste marcante com o rosto. A antítese expressa o poder de caracterização dos dois escritores, como a fixar, nos tipos humanos, as contradições naturais da vida nas recriações da Arte.



(Foto 22)

Descrição da paisagem siciliana, onde se pode observar um *modus vivendi* quase da idade do homem da pedra, vez que vamos encontrar famílias habitando em verdadeiras cavernas como podemos observar através das fotografias que ilustram tão bem a descrição de Vittorini. Observa-se a falta de eletricidade. Famílias que vivem na escuridão do interior da rocha iluminando-se apenas pela escassa luz do candeeiro ou vela. Quando Vittorini afirma que "o lugar escolhido por acaso se chama Sicília, mas que poderia ser qualquer outra cidade do mundo", a que nos referimos lá na Introdução deste trabalho, não é bem verdade dada a peculiaridade da narrativa:



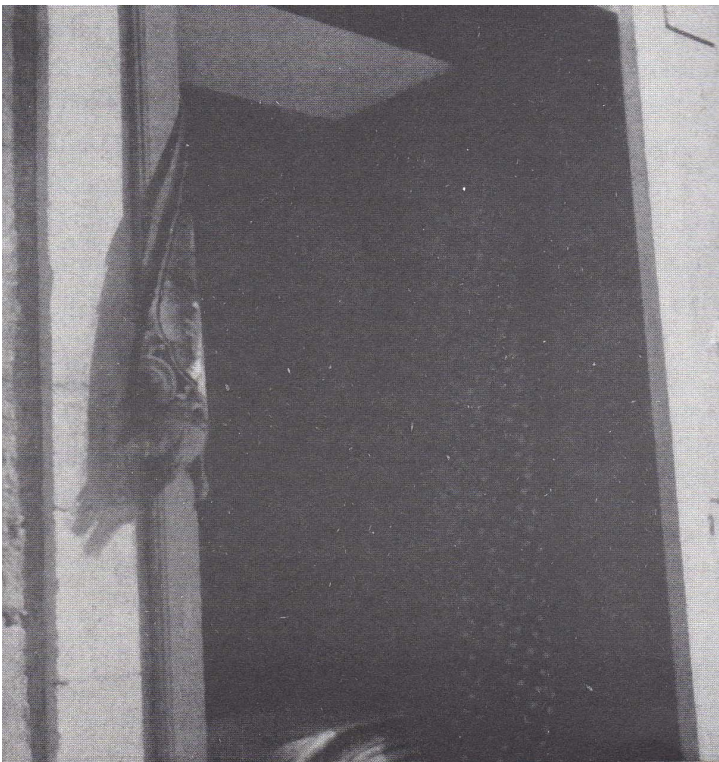
(Foto 23)

“Saímos e voltamos a caminhar, entre os muros das hortas, até outra casa a ser visitada por minha mãe, e viramos em outra rua, que ficava abaixo da primeira, na descida. Em frente via-se para além dos espaços do vale, a montanha coberta de neve: e de um lado eram pequenas casas que, com suas hortas, erguiam-se contra o céu e a montanha distante; do outro, ao sol, brilhante e no entanto apagado, havia corredores de habitação cavadas na rocha, debaixo dos casebres e das hortas

em cima. Essas eram minúsculas; surgiam mais acima, entre os telhados, como vasos de plantas; e pela rua havia cabras espreguiçando-se ao sol; no ar frio ouvia-se a música das gaitas-de-foles e o tinido das sinetas de cabras. Era uma pequena Sicília amontoadada de nespeiras e telhas, de buracos na rocha, de terra negra, de cabras, com música de gaitas-de-foles que se afastava

atrás de nós, e se tornava nuvem ou neve, no alto.”(C.S.ps. 128/130)

“Agora não descíamos mais ao longo do amontoado de casas, subíamos por um outro lado, do fundo do vale estreito, íamos na direção do sol e da música das gaitas-de-foles, como nuvem ou neve , no alto.”(C.S.p.154)



“Apressou o passo e, caminhando diante de mim, entre as gentes, entre as cabras, no grande sol vermelho que declinava, em meio ao glorioso balido de música das gaitas-de-foles...”(C.S.p. 187)

“Ouvia as gaitas-de-foles, as sinetas das cabras e as vozes pela escadaria de telhados e pelo vale, e por muitas vezes perguntei-me sobre isso enquanto olhava o papagaio naquele céu.”(C.S.p.193)

“...e eu me lembrei do hábito que havia na Sicília de indicarem as lojas de tecidos com um pano pendurado do lado de fora da porta.”(C.S.p.217)

(Foto 24)

São traços muito precisos além de ter ele convidado, em 1950, seu amigo Luigi Crocenzi, pesquisador e fotógrafo para, numa viagem à Sicília em sua companhia, flagrar imagens, nuances, que parece até terem sido inventadas para melhor ilustrar a sua descrição. Sem sombra de dúvidas, ele, Vittorini, fez tal afirmação quando da apreensão do seu livro *Conversa na Sicília* e de seu depoimento na delegacia de polícia. A Sicília que vem descrita é uma Sicília muito real com todas as suas características, com seus (moradores) personagens autênticos, seus hábitos, sua desesperança. Não é uma Sicília recriada, mas diagnosticada, é uma Sicília vivenciada pelo autor e revivida pelo personagem narrador. É verossímil. Vários são os “*flashback*” onde este, o narrador, nos transporta à sua infância, interrompendo o que



vinha narrando e retoma, logo em seguida, conduzindo-nos, outra vez, ao curso da história narrada.

No tangente à assistência social, o sul italiano assemelha-se bastante à nossa realidade das primeiras décadas do século passado, que infelizmente ainda perduram não tendo progredido muito. “Eu conhecia isso e mais do que isso, podia compreender a miséria de um doente e de sua gente em torno dele, no gênero humano operário.”(C.S.p.148)

Podemos afirmar, sem medo de errar, que o povo siciliano, tem suas raízes nos mitos celtas, com sua demonstração de religiosidade, sua fé, seu espírito de migração que se enquadra no mito do judeu errante, além de seu amor pela terra. O fato de Silvestro fazer a sua viagem ao centro da Sicília em três dias, é um forte indício da presença do mito do judeu errante, vez que “o judeu errante não pode parar por mais de três dias, o que remete à duração da Paixão de Cristo até a Ressurreição”<sup>63</sup>

Em *Conversa na Sicília*, vamos encontrar uma crítica social explícita através do pensamento reflexivo, quando Silvestro refletindo interiormente na sua tensão psicológica, que nos permite atinar para a sua cosmovisão, refere-se à humanidade perdida. Fazendo uso da metáfora refere-se à humanidade diante do Sistema Político reinante, com o cerceamento da liberdade e do estado de direito. Os abstratos furores é uma outra metáfora e representam exatamente o conflito interior, as angústias, todo o mal-estar social ocasionado pelos males do mundo. Existe uma intensão de trazer à tona, fazer emergir uma análise social que Vittorini muito bem conhecia e entendia, contudo não

<sup>63</sup> ROUART, Marie France. “O Mito do Judeu Errante”. In: *Dicionário de Mitos Literários*.(Org.)Pierre Brunel.Rio de Janeiro: José Olímpio Editora, 1988.

via muitas arestas para a saída. Podemos perfeitamente fazer uso das palavras de Ronaldo Costa Fernandes ao afirmar: “Quem se propõe a narrar é porque teve uma experiência anterior de compreensão de determinado fato. Ninguém narra sem *saber*. O narrador narra aquilo que conhece.”<sup>64</sup>

Podemos afirmar que *Conversa na Sicília* como *Morte e vida severina* são duas obras realistas porque apresentam sob a égide da ficção fatos reais, cenas de denúncia social que nos são apresentadas através de metáforas e alegorias muito bem estruturadas.

“‘O pão é muito caro’, ele disse ao médico, ‘para os pobres. Cada pedaço custa um dia de trabalho’. E mandou o doutor embora. ‘Nós temos que trabalhar’, ele acrescentou. E continuou a trabalhar, as suas quatorze horas por dia. Até que numa noite morreu e ressuscitou.”(C.S.ps.160/162)

“Depois conhece as ofensas feitas ao mundo, a impiedade e a servidão, a injustiça entre os homens e a profanação da vida terrestre contra o gênero humano e contra o mundo.”(C.S.p.194)

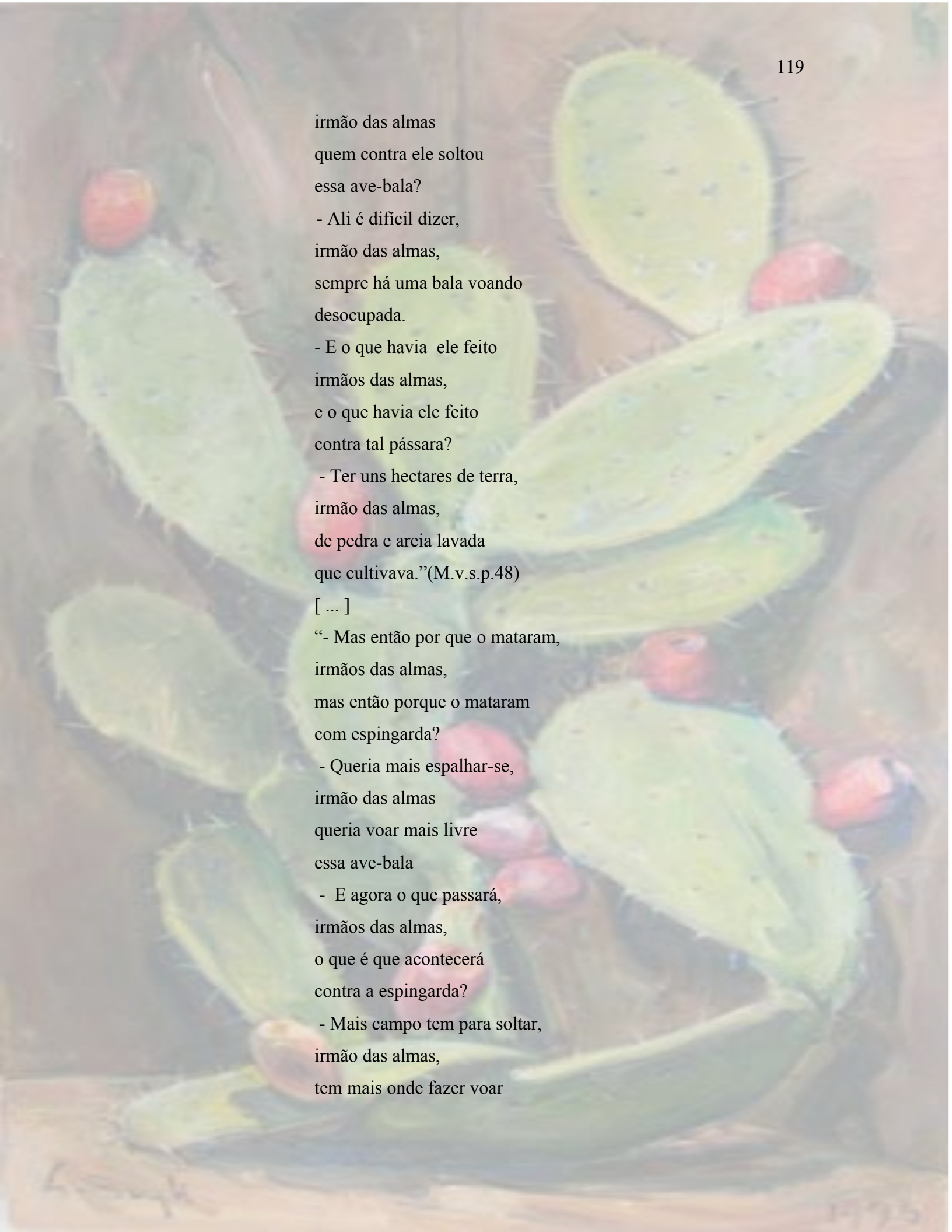
“- Até que não foi morrida,  
irmão das almas,  
esta foi morte matada,  
numa emboscada.”(M.v.s.p.47)

[ ... ]

“- Este foi morte de bala,  
irmão das almas,  
mais garantido é de bala,  
mais longe vara.

- E quem foi que o emboscou,

<sup>64</sup> FERNANDES, Ronaldo Costa. *O Narrador do Romance: e outras considerações sobre o romance*. Rio de Janeiro: Sete Letras, 1996, p.40



irmão das almas  
quem contra ele soltou  
essa ave-bala?

- Ali é difícil dizer,  
irmão das almas,  
sempre há uma bala voando  
desocupada.

- E o que havia ele feito  
irmãos das almas,  
e o que havia ele feito  
contra tal pássara?

- Ter uns hectares de terra,  
irmão das almas,  
de pedra e areia lavada  
que cultivava.”(M.v.s.p.48)

[ ... ]

“- Mas então por que o mataram,  
irmãos das almas,  
mas então porque o mataram  
com espingarda?

- Queria mais espalhar-se,  
irmão das almas  
queria voar mais livre  
essa ave-bala

- E agora o que passará,  
irmãos das almas,  
o que é que acontecerá  
contra a espingarda?

- Mais campo tem para soltar,  
irmão das almas,  
tem mais onde fazer voar



as filhas-bala.”(M.v.s.p.49)

Note-se nas citações das duas obras como é marcante a exploração do oprimido pelo opressor. O regime subumano ao qual estão submetidos aqueles da Sicília que não difere dos nossos trabalhadores rurais nordestinos, que devem trabalhar arduamente de sol a sol para garantir a sobrevivência. A ganância do sempre ter mais, características dos latifundiários tanto italianos, quanto brasileiros, que usam de qualquer artifício no sentido de desestruturar seja moral ou emocionalmente o trabalhador.

É comum nas duas obras o diálogo do personagem principal com outros personagens dentro do conceito de intertextualidade. Em *Morte e vida severina*, Severino dialoga com a mulher que encomenda os defuntos na intenção de conseguir trabalho:

“- Muito bom dia, senhora,  
que nessa janela está;  
sabe dizer se é possível  
algum trabalho encontrar?  
- Trabalho aqui nunca falta  
a quem sabe trabalhar;  
o que fazia o compadre  
na sua terra de lá?  
- Pois fui sempre lavrador,  
lavrador de terra má;  
não há espécie de terra  
que eu não saiba cultivar.” (M.v.s.p.54)

É notável o impulso trabalhador de Severino que ao longo do seu percurso, jamais pensa em mendigar, ou mesmo viver de oportunismo. Ele está sempre preocupado em fazer algo na tentativa de melhorar sua vida severina. Expõe à mulher na janela todos os seus dotes, todo o seu conhecimento prático, mas infelizmente nada se adapta a realidade local. Ele deve continuar a sua jornada.

Com Seu José Mestre Carpina no intuito de desabafar, apresentar o seu lamento, além de se informar sobre a real situação dos imigrantes, aqueles advindos do sertão, do interior, onde só vivia da lavoura:

“- Seu José, mestre carpina,  
que habita este lamaçal,  
sabe dizer se o rio  
a esta altura dá vau?  
sabe me dizer se é funda  
esta água grossa e carnal?

[ ... ]

- Severino, retirante,  
o meu amigo é bem moço;  
sei que a miséria é mar largo,  
não é como qualquer poço;  
mas sei que para cruzá-la  
vale bem qualquer esforço.

[ ... ]

-Seu José, mestre carpina,  
e que diferença faz  
que esse oceano vazio  
cresça ou não seus cabedais,

se nenhuma ponte mesmo  
é de vencê-lo capaz?  
Seu José, mestre carpina,  
que lhe pergunte permita:  
há muito no lamaçal  
apodrece a sua vida?  
e a vida que tem vivido  
foi sempre comprada à vista?

- Severino, retirante,  
sou de Nazaré da Mata,  
mas tanto lá como aqui  
jamais me fiaram nada;  
a vida de cada dia  
cada dia hei de comprá-la.

- Seu José, mestre carpina,  
e que interesse, me diga,  
há nessa vida a retalho  
que é cada dia adquirida?  
espera poder um dia  
comprá-la em grandes partidas?

- Severino, retirante,  
não sei bem o que lhe diga:  
não é que espere comprar  
em grosso de tais partidas,  
mas o que compro a retalho  
é, de qualquer forma, vida.”(M.v.s..ps.70/71/72)

Deve-se observar a forte carga semântica do verbo apodrecer que desqualifica totalmente o tipo de vida que leva o companheiro Mestre Carpina, ali chegado antes de Severino e já adaptado às péssimas condições de sobrevivência. Severino mostra-se curioso em saber se é possível comprar

algo fiado, nos dizeres da gente mais humilde, ou se tudo deve ser adquirido à vista. Severino desiludido indaga ao companheiro se ele alimenta esperança de melhores dias através da metáfora “comprá-la em grandes partidas.” E obtém como resposta a conformação e uma certa valorização da vida, como se o companheiro fosse partidário do dito popular: “ Se a morte é um descanso, prefiro viver cansado.”

Em *Conversa na Sicilia* encontramos muito de Vittorini no personagem narrador Silvestro, que apresenta significativos traços autobiográficos de experiências vividas pelo seu autor como: Silvestro tem trinta anos como o seu criador, como ele nascido em Siracusa, como ele filho de ferroviário e como ele crescido, passando a infância e a juventude em casas de ferroviários (guarda-freios) ao longo das estradas de ferro da Sicília, como as de Butera e Terranova. O estado social de Silvestro, como o de Vittorini, já não é mais burguês, mas um operário, um tipógrafo-linotipista.

“...” parece que vejo você quando voltava da escola, às três, às quatro da tarde com o trem...” “Era”, eu disse, “no trem de carga, no bagageiro... Primeiro eu sozinho, depois eu e Felice, depois eu, Felice e Libório...” [ ... ] “Naquelas casas de guarda-freios da linha em que morávamos”, eu disse.” Descíamos do trem na estação, em S. Cataldo, em Serradifalco, em Acquaviva, todos aqueles postos por onde passamos, e tínhamos que andar um ou dois quilômetros a pé para chegar em casa.” E minha mãe: “Sim... Às vezes até três quilômetros. O trem passava e eu sabia que vocês estavam na estrada, ao longo da ferrovia...”[ ... ] “E uma vez, em Racalmuto, a casa de guarda-freios era numa subida e o trem devia reduzir a marcha , e vocês aprenderam a descer com o trem andando, e desciam na frente da casa, e eu tinha um medo doido que caíssem

debaixo do trem, e esperava vocês lá fora com um pedaço de pau ...” “E batia na gente”, eu disse. E minha mãe: “Certamente! Não se lembra? Quebrava suas pernas com aquele pau. E às vezes deixava vocês sem comer.”” ( ps.69/70 )

Observamos o rememorar, o reviver a infância passada naquelas paragens sicilianas numa perfeita cumplicidade entre mãe e filho. Numa amostragem nítida de como se dava a educação familiar naqueles lugares, muito semelhantes à nossa aqui no nordeste brasileiro. É notório também o fato da escola estar situada a longas distâncias da casa do aluno, como aqui no interior nordestino. Podemos observar detalhes que ficaram na memória da mãe por não serem ações de bom comportamento, ações típicas da criatividade infantil. É notório também o fato do nomadismo de Silvestro, como aquele de Vittorini, fato este ligado também à cultura erudita como à popular.

Em *Conversa na Sicília*, Silvestro dialoga com vários personagens. Com o siciliano no barco, no intuito de saber o seu modo de vida, com o Grande Lombardo que representa a força, a vitalidade. Com sua mãe para saber detalhes de sua vida, de seus ancestrais (o avô). Com Calógero o amolador de alicates, filosofando, sem querer, sobre as coisas do mundo. Com o vendedor de arreios, Ezechiele, que numa alusão às guerras e aos Regimes Totalitários afirma:

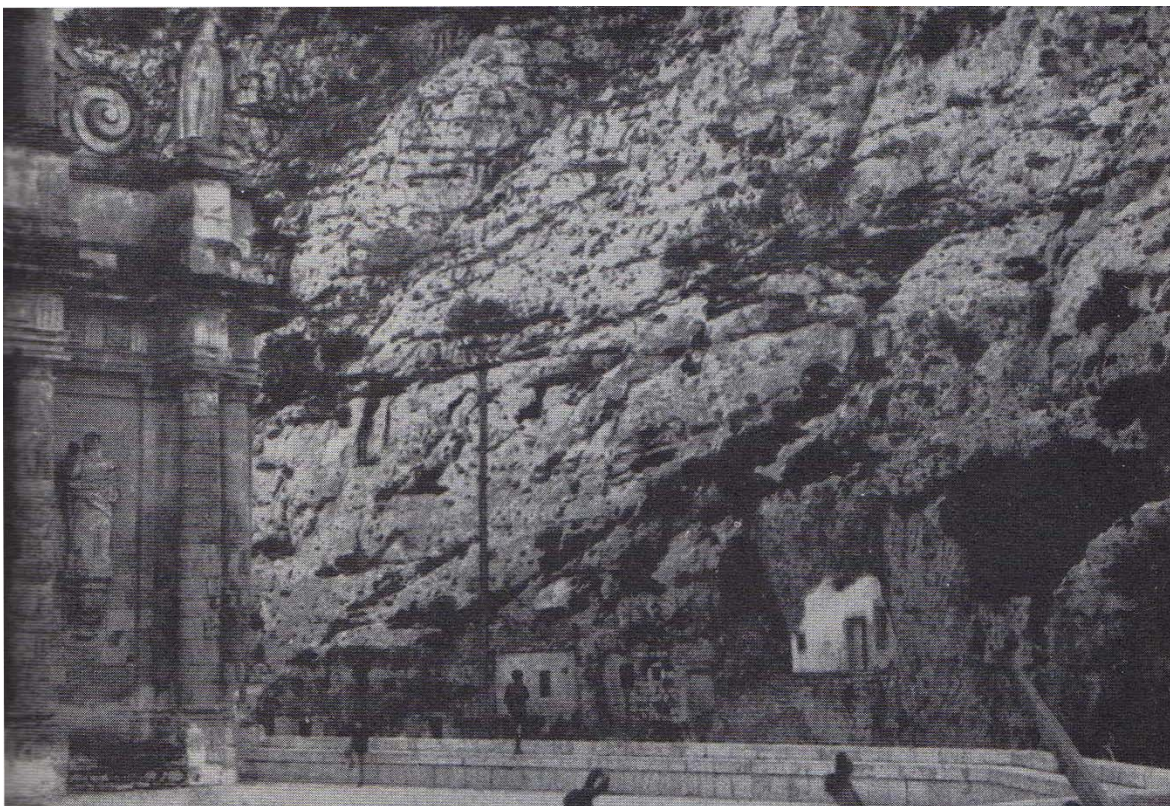
“ ‘Sim’, o homem Ezechiele disse. E me olhava, os seus olhos pequeninos brilhando tristes como se dissessem: ‘ Muito, muito ofendido está o mundo, muito ofendido, muito ofendido, mais do que nós sabemos’. [ ... ] O homem Ezechiele passou a recapitular: ‘ O mundo é grande e é belo, mas é muito ultrajado. Todos

sofremos, cada um por si mesmo, mas não sofremos pelo mundo que é ultrajado, e assim o mundo continua a ser ultrajado' “. (C.S.ps.207/208)

São muito profundas as palavras e o raciocínio de Ezechiele. Mesmo reconhecendo a grandeza e as belezas do mundo, lamenta que o homem jogue tudo por terra com seus gestos impensados de egoísmo e destruição, de massacre. É sempre o poderoso espezinhando o humilde, o fraco, o impotente.

Como o romance desenvolve-se com narração em primeira pessoa, é grande a relação de ambigüidade e relatividade do personagem narrante e aquilo que é narrado. Silvestro está tão imbuído em contar a sua viagem e todas as peripécias vividas nela que quase não lhe sobra tempo para reflexões.

Neste capítulo tivemos a oportunidade de vivenciar o espaço romanesco desenvolvido por Vittorini que é muito rico de situações e nos proporcionou a possibilidade de um estudo comparativo entre o seu romance e o poema Auto de Natal Pernambucano de João Cabral de Melo Neto. Foi-nos possível a identificação de traços culturais característicos apresentados num espaço que oferece precárias condições de sobrevivência, numa quase expulsão natural daqueles que o ocupam, tanto lá na Sicília quanto aqui no nordeste brasileiro. Com João Cabral, em seu poema dramático, tivemos a oportunidade de observar um cenário de aspecto plano que caracteriza a paisagem nordestina. Por sua vez, com Vittorini, em seu romance, tivemos a oportunidade de observar um cenário rico, verticalizado, pedregoso, bem característico,



(Foto 25)

o que, em algumas situações, não sempre, corresponde a um processo tão profundo de interação do homem com a natureza, ocorrendo quase um fenômeno de humanização do espaço, como nos explica Osman Lins:

“ o espaço no romance, tem sido – ou assim pode entender-se – tudo que, intencionalmente disposto, enquadra a personagem e que, inventariado, tanto pode ser absolvido como acrescentado pela personagem, sucedendo, inclusive, ser constituído por figuras

humanas então coisificadas ou com a sua individualidade tendendo para zero.”<sup>65</sup>

É exatamente este o caso das duas obras em estudo, que também se enquadra no conceito de Nelly Novaes Coelho por se referir a uma época de opressão, como apresentar o grau de civilização de uma determinada área geográfica, além de identificar a classe social à qual pertencem ambas as personagens narradoras das duas obras<sup>66</sup>

<sup>65</sup> LINS, Osman. *Lima Barreto e o espaço romanesco*. São Paulo: Ática, 1976, p.72.

<sup>66</sup> Idem, *Ibid*,p.75



## CONCLUSÃO

O nosso propósito foi desenvolver uma reflexão sobre a recriação do real do sul italiano (Sicília), ou seja, a ficção de *Conversa na Sicília* de Elio Vittorini, e do nordeste brasileiro (Pernambuco) em *Morte e vida severina* de João Cabral de Melo Neto.

Tomando como base os resultados revelados na pesquisa, foi-nos possível observar que *Morte e vida severina* traz à tona, numa espécie de denúncia, a cruel realidade de muitos sertanejos nordestinos que vivem num completo estado de exploração e miséria. Nota-se, nesta obra, uma crítica à alienação do homem subjugado pelo poderoso senhor latifundiário, e a imutabilidade das coisas, das situações que vêm de séculos e perduram até hoje, numa verdadeira indústria da seca.

Infelizmente aqueles que assumem as posições de comando pouco ou quase nada contribuem para uma mudança de perspectiva por parte do povo, na condução de uma vida mais amena, mais digna de ser vivida.

No desenrolar do poema *Morte e vida severina* está presente o questionamento da insensibilidade humana diante do problema do outro em que a vida é exposta à insignificância e, por fim, “fica evidenciado que a salvação do homem reside na solidariedade”.<sup>1</sup>

Acreditamos que neste *Auto de Natal*, João Cabral faz uso de um didatismo, como sendo um procedimento de linguagem, quando trabalha a metáfora, praticamente ao contrário, isto é, operando com a denotação, na

---

<sup>1</sup> AQUINO, Marley Pinheiro de. *Caminhos Didáticos: O social e o histórico nos Autos de João Cabral de Melo Neto*. Dissertação de Mestrado- UFC. Fortaleza: janeiro de 2003, p.192.

tentativa de despertar o leitor/espectador para o fato de que também ele é responsável pela inércia, pela continuidade das coisas e que algo precisa ser feito. Nele, João Cabral apresenta, didaticamente, o social e o histórico, permitindo ao leitor uma maior conscientização do estado de penúria em que se encontram os sertanejos, sem direito à terra, à liberdade e até mesmo à vida, um direito inalienável.

João Cabral trabalha a linguagem poética como referência direta da realidade, imbuída de um forte teor crítico e recria, através de imagens concretas, temas comuns que fazem parte do cotidiano de sua gente, e faz uso de uma poesia objetiva, onde estão presentes a ironia e a paródia, procedimentos que fortalecem o tom crítico. E, assim, sempre com o olhar voltado para o outro, João Cabral é considerado um dos maiores poetas de cunho social da literatura brasileira, embora ganhe maior destaque como poeta preocupado com a forma.

Foi-nos possível evidenciar o latente compromisso social dos dois escritores analisados, que tão bem fazem uso da função social da literatura. Para tal, empregam uma linguagem simples, bem característica de seu povo, numa tentativa de aproximar cada vez mais o leitor/espectador do mundo real que lhe é apresentado através de processos descritivos e narrativos.

Viu-se que as obras em estudo realmente são um espelho ficcionalizado de ambas as sociedades, operária e camponesa, italiana do sul (Sicília) e nordestina brasileira (Pernambuco), considerando-se, assim, para nossa análise, o posicionamento de Antônio Cândido quanto ao papel da literatura, em especial a literatura brasileira em sua função de denúncia social.

Vittorini, com seu novo modelo de Romance, torna pública a sua revolta para com o subdesenvolvimento, ao qual se acham submetidos os seus conterrâneos sicilianos. Reforça o seu mal-estar diante da situação em que se encontra parte da humanidade, sob o império de regimes totalitários e ditatoriais, como aqueles reinantes na Itália (Fascismo) e na Espanha (Franquismo) e questiona, através de Silvestro, personagem narrador, “o mundo ultrajado” e “a humanidade perdida”, questões pertinentes ao momento histórico em que a obra está inserida.

A escrita de Vittorini, como aquela de João Cabral foi considerada revolucionária, tanto no tangente à forma, quanto ao conteúdo. Destaque-se a relação que é possível propor entre aspectos da vida dos dois escritores e a realização de uma escrita que procurou subverter padrões do início do século XX. Vittorini sofre perseguições, chega mesmo a passar alguns meses no cárcere. João Cabral foi impedido de exercer suas funções de embaixador por algum tempo, tendo que prestar depoimento na justiça como conseqüência de malentendidos, posteriormente esclarecidos.

Em ambos os escritores é patente a presença das questões ideológicas, em especial aquela dominante, em que homens e mulheres são expostos a condições miseráveis, tanto pelas dificuldades impostas pela natureza rude do meio, como pelas formas de opressão oriundas de interesses econômicos e políticos que visam ao bem estar de poucos. Esse fato deixa transparecer a estratificação social e cultural presente nas obras estudadas, cuja análise realizamos tendo por base o pensamento de Lukács.

A pesquisa afigura-se-nos proveitosa, além de nos ter proporcionado muita satisfação, também, o esforço empreendido neste estudo comparatista, no sentido de divulgar e estudar os dois autores, principalmente Elio Vittorini que foi traduzido recentemente para o português, observando e constatando as aproximações e as diferenças entre os dois autores.

Pôde-se constatar, tendo por base a teoria comparatista do tcheco Dionys Durisin, além do posicionamento de Antônio Cândido quanto ao papel da literatura, levando também em consideração o pensamento de Lukács no tangente ao fator social, que as duas obras em estudo possuem muito em comum e que se confirma o posicionamento de Ana Pizarro, no que diz respeito à Literatura regionalista. Vale salientar que a obra de Vittorini possui características regionais que atingem um alcance universal, emocionando pela temática e pela forma; ambos os escritores mostram-se preocupados em apresentar a realidade social, política e histórica dos homens de cada região.

Enfim, podemos captar nas entrelinhas das obras de ambos os escritores, que eles procuram incutir em seus leitores críticos a necessidade de se fazer algo no sentido de alterar a realidade cruel, infeliz e difícil do homem interiorano, submisso, massacrado por um regime totalitário ou pelo poder de mando de alguns; que todos devem tomar consciência de que se alguma forma de organização surgir, as coisas poderão melhorar.

Esperamos, assim, despertar nos nossos leitores o interesse e a curiosidade pela leitura da obra traduzida de Vittorini, que tem sido muito elogiada por parte dos críticos brasileiros. Esperamos também ter contribuído, com este trabalho para o incentivo à leitura de um autor famoso da literatura italiana, com o qual o leitor terá a oportunidade de travar conhecimento com

o universo de outra cultura que mantém com a nossa cultura nordestina muitos elos de semelhança econômica, geográfica, cultural e sócio-política.

Este trabalho destacou uma consciência das muitas diferenças marcadamente culturais, como o *modus vivendi* da gente simples, os hábitos alimentares, o uso do meio de transporte e também diferenças estilísticas, como nos diálogos do narrador com outros personagens, além de traços autobiográficos, diferenças na estrutura do solo, na vegetação, nas condições climáticas, nas doenças que afligem os moradores menos abastados e mais sofridos de cada região.

Perfaz-se, assim, neste encontro de culturas e civilizações, através das obras analisadas, um projeto comparatista, que transpõe os limites textuais e permite, ao leitor, vislumbrar as paisagens e a vida da Sicília e do nordeste brasileiro.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AQUINO, Marclei Pinheiro de. *Caminhos Didáticos: o social e o histórico nos Autos de João Cabral de Melo Neto*. Fortaleza: janeiro de 2003. (Dissertação de Mestrado- UFC)

BAKHTIN, Mikhail. “O Discurso no Romance”. In: *Questões de Literatura e de Estética(a Teoria do Romance)*. Trad. Aurora F. Bernardini et alii. São Paulo: Editora HUCITEC, 1998.

\_\_\_\_\_. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BEC, Christian. *Fundamentos de Literatura Italiana*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1984.

BLANCHOT, Maurice. *O Espaço Literário*. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

BOOKERMESANA, Corinne. “Carmen”. In: BRUNEL, Pierre. (Org.). *Dicionário de Mitos Literários*. Rio de Janeiro: José Olímpio Editora, 1988. ps.146/150.

BOSI, Alfredo. “O Encontro dos Tempos”. In: *O ser e o tempo na poesia*. São Paulo: Cia. das Letras, 6ª ed., 19668.

BRAIT, Beth. *A Personagem*. São Paulo: editora Ática, 7ªed., 2002.

BRAYNER, Sônia. *Labirinto do espaço romanesco: tradição e renovação da literatura brasileira, 1880-1920*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 19779.

BRIOSI, Sandro. “Vittorini”. In: *Il Castoro* 43-44 – Mensile diretto da Franco Mollia. Firenze: La Nuova Italia, Luglio-Agosto 1970.

CADERNOS DE LITERATURA BRASILEIRA. *João Cabral de Melo Neto*. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 3ª reimpressão, nº 1, 1998.

CALDAS AULETE. *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Delta, 3ª edição, 1980, Vs.II e IV.

CAMPBELL, Joseph et MOYERS, Bill. *O poder do mito*. São Paulo: Editora Palas Athena, 17ª ed., 1999.

CANDIDO, Antônio et alii. *A Personagem de Ficção*. São Paulo: Editora Perspectiva S.A, 1985.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade (estudos da teoria e história literária)*. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 2ª ed., 1967.

CARVALHAL, Tânia Franco. *Literatura Comparada*. São Paulo: Editora Ática, 1986.

CHAUÍ, Marilena. *O que é ideologia*. São Paulo: Editora Brasiliense, 6ª ed., 1981.

DE NICOLA, Francesco (*Introduzione a VITTORINI*). (Coleção *Gli scrittori*) Roma-Bari: Edizioni Laterza, 1993.

DONADONI, Eugenio. *Breve storia della letteratura italiana*. Milano: Carlo Signorelli Editore, 5ª edizione aggiornata, 1964.

FERNANDES, Francisco. *Dicionário de Sinônimos e Antônimos da Língua Portuguesa*. São Paulo: Editora Globo, 38ª ed., 1999.

FERNANDES, Ronaldo Costa. *O Narrador do Romance: e outras considerações sobre o romance*. Rio de Janeiro: Sete Letras, 1996

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira S.<sup>a</sup>, sd..

GRANDE ENCICLOPÉDIA LAROUSSE CULTURAL. São Paulo: Círculo do Livro, 1998, v.IV.

<http://fredbar.sittes.uol.com.br/mvsint.html>. Em 16/07/03

<http://www.gallerialapicola.com/images/bugli/bugli3.jpg>. Em 18/09/04

<http://www.navedapalavra.com.br/resumos/morteevidaseverina> 10/11/03

KRISTEVA, Júlia. "L'intertextualité". In: *Le Text e du Roman: Approche sémiologique d'une structure discursive transformationelle*. Paris: Mouton Publishers, 1970.

LEITE NETO, Alcino. "O mundo ultrajado". In: *Jornal de Resenha*. Em , 08/03/2003.

LÉVY, Ann-Déborah. "Istar". In: BRUNEL, Pierre. (Org.). *Dicionário de Mitos Literários*. Rio de Janeiro: José Olímpio Editora, 1988. ps.505/511.

LINS, Álvaro. *A Técnica do Romance em Marcel Proust*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 3<sup>a</sup> ed., 1968.

LINS, Osman. *Lima Barreto e o espaço romanesco*. São Paulo: Ática, 1976.

MELO NETO, João Cabral de. *Morte e vida Severina e outros poemas para vozes*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 4<sup>a</sup>ed., 2000.



\_\_\_\_\_. "Poesia e Composição – A inspiração e o trabalho de arte". In: *Vanguarda Européia e Modernismo Brasileiro*. TELLES, Gilberto Mendonça. Petrópolis: Editora Vozes, 17ªed.,1997.

MENETTI, A. *Temi critici di letteratura italiana (com pagine autobiografiche di documentazione critica)*.Milano: Edizioni Bignami, v. IV, 1981.

MEYER, Marlyse. *Caminhos do Imaginário no Brasil*.São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1993.

NITRINI, Sandra. *Literatura Comparada: história, teoria e crítica*. São Paulo: EDUSP. 1997.

NOUHAUD, Dorita. "Coatlicue, a deusa-mãe". In: BRUNEL, Pierre. (Org.).*Dicionário de Mitos Literários*.Rio de Janeiro: José Olímpio Editora, 1988. ps.176/185.

NUNES, Benedito. *João Cabral de Melo Neto*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2ª ed., 1967.

PAUTASSO, Sergio. "L'allusività simbolica di *Conversazione in Sicilia*". In: *Guida a Vittorini*. Rizzoli, 1977.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. "A Intertextualidade Crítica". In: *Questões de Literatura e de Estética*. SP: EDUNESP, 1998.

POE, Alan. "A Filosofia da Composição". In: *Poesia e Prosa*. Tradução de Oscar Mendes e Milton Amado. Rio de Janeiro: Ed.Ouro, sd.

RICCI, Carlo e SALINARI, Carlo. *Storia della Letteratura Italiana (con antologia degli scrittori e dei critici)*. Roma-Bari: volume terzo, tomo secondo, Editori Laterza, 1981.

ROUART, Marie France. “O Mito do Judeu Errante”. In: BRUNEL, Pierre. (Org.). *Dicionário de Mitos Literários*. Rio de Janeiro: José Olímpio Editora, 1988.

SANTOS, Antônio Raimundo dos. *Metodologia Científica*. Rio de Janeiro: DP&A editora, 4ª ed, 2001.

TOSCANI, Claudio. *Come leggere Conversazione in Sicilia di Elio Vittorini*. Milano: Mursia editore, 1975- 1984.

TRESIDER, Jack.. *O Grande Livro dos Símbolos* (Um guia ilustrado de imagens, ícones e signos – seus conceitos, histórias e origens). Tradução: Ricardo Nojosa. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

VERDIER, Paul. “Mitos Celtas”. In: BRUNEL Pierre.(Org).. *Dicionário de Mitos Literários*. Rio de Janeiro: José Olímpio Editora, 1988, ps.683/695.

VITTORINI, Elio. *Conversa na Sicília*. Trad. Valêncio Xavier e Maria Helena Arrigucci. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

WILLIAMS, Raymond. “Cidade e Campo”. In: *O campo e a cidade (na história e na literatura)*. trad.de Paulo Henrique Britto, Cia. das Letras, 2ª reimpressão, sd.

ZANOBINI, Folco. *Elio Vittorini (Introduzione e guida allo studio dell’opera vittoriniana – storia e antologia della critica)*. Firenze:Le Monier,1980.

ZINGARELLI, Nicola. *Vocabolario della Lingua Italiana*. Bologna: Zanichelli editore, 12<sup>a</sup> ed., 2000.

## CRÉDITOS DAS ILUSTRAÇÕES

**Nota:** Para as ilustrações usou-se fotos e gravuras das obras alencadas a seguir:

**Fotos 10, 11, 12. In:** CADERNOS DE LITERATURA BRASILEIRA. *João Cabral de Melo Neto*. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 3ª reimpressão, nº 1, 1998.

**Gravuras 01, 02, 03.** Ilustrações de Caribé para *Morte e vida Severina e Outros poemas em voz alta* (1967). In: MELO NETO, João Cabral de. *Morte e vida Severina e Outros poemas em voz alta*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1981.

**Fotos 03, 07, 09. In:** NUNES, Benedito. *João Cabral de Melo Neto*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2ª ed., 1967.

**Foto 14.** Ilustração de Giacomo Pozzi Bellini. In: VITTORINI, Elio. *Conversa na Sicília*. Trad. Valêncio Xavier e Maria Helena Arrigucci. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

**Fotos 01, 02, 04, 05, 06, 08, 13, 15 a 24. In:** Ilustrações de Luigi Croncenzi. In: VITTORINI, Elio. *Conversa na Sicília*. Trad. Valêncio Xavier e Maria Helena Arrigucci. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)